



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

Formação continuada de Educadores

Data: 31 de outubro e 01 de novembro de 2013

Local: Teatro do IFG – Câmpus Goiânia-GO

TRANSCRIÇÃO DIÁLOGOS PROEJA 2013

“ A expansão do Proeja:
em busca de uma escola pública,
inclusiva e de qualidade ”

REALIZAÇÃO:





RODRIGO DE FREITAS AMORIM (ORG.)

TRANSCRIÇÃO DIÁLOGOS PROEJA 2013

GOIÂNIA - GOIÁS
2016

EXPEDIENTE

Realização e apoio:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IFGoiano)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME-Goiânia)

Comissão organizadora:

Josué Vidal Pereira - coordenação geral (IFG)

Mad´Ana Desirée Ribeiro de Castro (IFG)

Sebastião Cláudio Barbosa (IFG)

Bruno

Adrielle

Natália

Lauriana

Amanda - estagiária do laboratório de história (CCHF-IFG)

Transcrição e editoração gráfica:

Rodrigo de Freitas Amorim (Mestrando - FE/UFG; docente IFG - *campus* Uruaçu)

Supervisão e coordenação da transcrição:

Prof.^ª Dr.^ª Maria Margarida Machado - Coord.^ª OBEDUC/FE/UFG

Prof.^ª Dr.^ª Maria Emília de Castro Rodrigues - Coord.^ª Portal Fórum Goiano EJA

AUTORIZAMOS A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUAISQUER MEIOS, CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

III SEMINÁRIO DIÁLOGOS PROEJA - IFG, 3, 2013. Goiânia - GO. A expansão do Proeja: em busca de uma escola pública, inclusiva e de qualidade. Transcrição Diálogos PROEJA 2013. Goiânia: OBEDUC/CAPES/UFG, 2016.

III SEMINÁRIO DIÁLOGOS PROEJA-IFG - Transcrição Diálogos PROEJA - Rodrigo de Freitas Amorim (org.)

Modo de acesso: <http://forumeja.org.br/go/>

1. Educação 2. Educação de Jovens e Adultos 3. Educação Profissional

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
PROGRAMAÇÃO	08
1 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 01/11 - TARDE	09
2 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 01/11 - NOITE	62
ANEXOS	92
ANEXO A - CARTAZ DO EVENTO	93
ANEXO B - PROJETO DOS DIÁLOGOS PROEJA	94

APRESENTAÇÃO

O presente documento intitulado *Transcrição Diálogos Proeja 2013* é resultado da audição e edição parcial de vídeos contendo a gravação do III Seminário Diálogos Proeja - IFG, realizado entre os dias 31 de outubro e 1º de novembro de 2013, no Instituto Federal de Goiás, *campus* Goiânia.

O evento foi uma realização do Projeto Observatório da Educação (OBEDUC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a coordenação da Prof.ª Maria Margarida Machado em parceria com o IFG, o Instituto Federal Goiano e a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Goiânia e, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Trata-se do alinhamento da pesquisa, do ensino e da extensão no âmbito das instituições participantes, visto que no Diálogos Proeja estas três dimensões preconizadas pela ensino superior estão presentes nas instituições formadoras e em constante articulação em as instituições ofertadoras de cursos Proeja, tais como os IF's de Goiás com a oferta de cursos técnicos integrados de nível médio e a SME de Goiânia com a oferta de cursos de formação inicial e continuada de nível fundamental.

O evento tem como temática “A expansão do Proeja: em busca de uma escola pública, inclusiva e de qualidade”, sendo discutido por gestores(as), servidores técnicos administrativos, pesquisadores(as), professores(as) e alunos(as), atores intermitentes da prática educativa nas instituições ofertantes dos cursos Proeja.

Observou-se que a expansão do Proeja passa pela luta do direito social à educação dos sujeitos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos e pelo fortalecimento da escola pública como local privilegiado para oferta de tais cursos para a população da EJA. Há uma grande demanda de sujeitos que necessitam de formação básica e profissionalização numa perspectiva crítica e emancipatória, entretanto, é preciso enfrentar o problema de como incluir estes sujeitos, como trazê-los de volta pra escola e de como esta escola pode ter qualidade para atender suas necessidades de escolarização e formação profissional.

As falas dos diversos interlocutores demonstram, cada uma sob o seu prisma, a emergência do Proeja e sua importância para um público que fora excluído do direito de acesso e permanência à escola e, que agora, vê esta possibilidade de

atendimento do seu direito nos cursos Proeja de nível técnico e de formação inicial e continuada.

Este documento transcreveu aproximadamente seis horas de vídeos gravados que foram obtidos junto aos arquivos do OBEDUC e de membros da comissão organizadora do evento. Depois da audição completa dos vídeos percebemos que as falas do primeiro dia do evento não constavam nos arquivos encontrados e que parte da última mesa de discussão também não compusera o acervo trabalhado. Portanto, esta é uma transcrição parcial das falas dos interlocutores do evento. Na programação apresentada abaixo pode-se observar quais falas não estão transcritas neste material.

Vale ressaltar que esse trabalho de audição e edição dos vídeos, além de representar parte do trabalho como bolsista do OBEDUC para compor material que tanto servirá ao Centro Memória Viva quanto à divulgação no Portal Fóruns de EJA, também tem sido objeto de análise na construção da dissertação de mestrado que investiga a formação do trabalhador no Proeja, especificamente no cotejamento entre aquilo que está dito nos documentos oficiais do programa e das instituições, com aquilo que é expresso por meio dos sujeitos que participam dos Diálogos.

Não cabe neste espaço emitir juízos sobre as falas dos sujeitos, mas é necessário afirmar que todo o material aqui apresentado procurou ser o mais fiel possível à fala dos interlocutores, de modo que as audições foram exaustivamente conferidas para evitar equívocos ou mesmo a “traição” do sentido da fala dos sujeitos.

Foi necessário criar uma legenda para informar ao leitor sobre dificuldades na compreensão da fala do interlocutor, seja por problemas técnicos da aparelhagem de som, seja por questões de dicção ou mesmo pelo estranhamento com o microfone, como se evidenciou em alguns momentos. Assim, para reproduzir de forma fidedigna ao máximo possível as falas dos interlocutores, especialmente aquelas cujo áudio apresentou maior dificuldade de compreensão, foram ouvidas diversas vezes os mesmos trechos.

Quando não se conseguiu chegar à compreensão de uma palavra utilizamos uma interrogação entre colchetes [?] para ocupar o espaço desta palavra na fala do interlocutor. Para a não compreensão de duas ou três palavras utilizamos duas interrogações entre colchetes [??]. Quando uma frase completa com mais de três palavras não foi compreendida utilizamos três interrogações entre colchetes [???]. E,

quando uma palavra ou expressão ficou duvidosa, foi utilizada uma interrogação entre parênteses logo após a grafia do termo. Por exemplo, a palavra “cálculo(?)” teria ficado com seu sentido duvidoso na áudio do termo, por isso aparece a interrogação entre parênteses.

A oralidade é marcada pela espontaneidade imbricada com os traços da personalidade de cada interlocutor. Nervosismo, timidez, autoconfiança, domínio de determinado conhecimento, insegurança, constrangimento, etc., são traços que ficam bem perceptíveis na fala. Como consequência desses fatores, muitas vezes o discurso oral varia entre a emissão bem elaborada das ideias e a dificuldade de emitir plenamente o sentido do que se está pensando. Por isso, procurou-se preservar os vícios da linguagem oral de cada interlocutor reproduzindo-se as repetições da fala, as interrupções, os sons, até mesmo o gaguejar. Quando se observar no texto expressões como “é é é” ou “essa essa”, são repetições do interlocutor (não são falhas na digitação!). Toda vez que o discurso oral foi interrompido, isto é, quando uma oração não foi completada pelo interlocutor, utilizamos as reticências (...). Quando aparece o “é” ou “a” seguidos do “h”, ou seja, “éh”, “ah”, tratam-se de momentos na fala em que o interlocutor se demora um pouco mais na emissão vocálica do som e que geralmente reflete um momento de organização do pensamento ou a mudança do ritmo no discurso oral.

Por fim, agradeço à Prof.^ª Dr.^ª Maria Emília de Castro Rodrigues, minha orientadora no mestrado em educação do PPGE-FE/UFMG, que tem acompanhado este trabalho de transcrição e com quem tenho dialogado no sentido de produzir um trabalho de pós-graduação que efetivamente contribua para a compreensão da EJA em sua relação com a Educação Profissional e, sua consequente militância, para a consolidação desta modalidade. Também, agradeço à Prof.^ª Dr.^ª Maria Margarida Machado, coordenadora do OBEDUC/CAPES/UFMG, que tem sido uma grande incentivadora deste trabalho.

Rodrigo de Freitas Amorim
Docente IFG - *campus* Uruaçu
Mestrando em Educação pelo PPGE-FE/UFMG
Bolsista CAPES/OBEDUC/UFMG

Goiânia-GO
Fevereiro de 2016

PROGRAMAÇÃO

DIA 31/10 - QUINTA-FEIRA

VESPERTINO (14h30 - 18h)

Apresentação da Banda Sinfônica - IFG

Mesa redonda “Práticas pedagógicas na EJA”

Coordenação Natália Pessoni

Prof.ª Dr.ª Maria Emília de Castro Rodrigues (UFG)

8

NOTURNO (19h - 21h30)

Apresentação Coral do IFG

Palestra sob o tema “A expansão do Proeja: em busca de uma escola pública, inclusiva e de qualidade”.

Coordenação Bruno

Palestrante Prof.ª Dr.ª Maria Margarida Machado (UFG)

DIA 01/11 - SEXTA-FEIRA

VESPERTINO (14h30 - 18h)

Apresentação cultural: Tião e Adrielly

Mesa redonda “Relatos de experiências”

Coordenação

Prof.ª Kênia Bueno (IFG)

NOTURNO (19h - 21h30)

Mesa redonda “Experiências Proeja-FIC/Pronatec”

Coordenação Adrielly

Prof. Sebastião

Prof.ª Cláudia Borges

Raniere

Gláucio

1 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 01/11 - TARDE

Cerimonial: Boa tarde, estudantes, educadores, educadoras, gestores, gestoras, pesquisadores e pesquisadoras da educação de jovens e adultos, alunos e alunas das licenciaturas do IFG e demais presentes. Meu nome é Marcelo Mendes, aluno da licenciatura em História do IFG no campus Goiânia. Sou pesquisador voluntário do projeto Observatório da Educação da CAPES de autoria(?) do IFG que acompanha o desenvolvimento do PROEJA e PROEJA-FIC. Este evento interinstitucional está sendo promovido pelo mesmo projeto Observatório da Educação desenvolvido em parceria com o Instituto Federal de Goiás, Instituto Federal Goiano, Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e Universidade Federal de Goiás. Em sua terceira edição, o Seminário Diálogos Proeja tem como objetivo promover o debate entre todos os sujeitos envolvidos na EJA tendo em vista pensar o processo da expansão do Proeja e Proeja-FIC e os desafios vivenciados por seus sujeitos no dia a dia das Instituições [???]. A programação dessa tarde... vamos iniciar a programação dessa tarde com uma apresentação musical com Tião e Adrielly.

9

[aplausos]

[Tião] A banda que ia acompanhar a gente atrasou, né, então a gente vai levando aqui, né, só eu e ela, até quando eles chegam.

[Passa-se à apresentação musical. Tião no violão e microfone e Adrielly no microfone.]

[Tião diz: Obrigado pessoal! Agora vocês vão ficar com o Wellington.] [aplausos]

Aluno Wellington: Pessoal, boa tarde! Testar o microfone aqui... éh... vou cantar só duas só que dividir palco com dois cantores internacionais é complicado, né. [risos]
[aplausos] Então, vamos lá!

Cerimonial: Gostaria de convidar a professora Mad'Ana que vai coordenar a mesa deste seminário.



DIALOGOS PROEJA – IFG

Prof.^a Mad'Ana: Som, alô!... Bom gente, boa tarde, né, a todos e a todas... éh... isso aqui é realmente um “diálogos” entre pessoas, um diálogo entre conhecimento, né, arte cênica é realmente uma coisa que combina muito, então, vamos começar aí com essa tarde. Eu gostaria então de compor essa mesa de discussão, que é uma mesa pra gente fazer um pouco de reflexão sobre o Proeja... éh... e o Proeja-FIC né dentro da rede federal. Eu queria convidar, então, aqui duas professoras e dois alunos, é claro, pra estar conosco. Eu queria convidar... minha cola... [?] gente... a professora Lucianne Oliveira Monteiro Andrade, a professora Luciane, nossa colega lá do Instituto Federal Goiano, do campus de Ceres [aplausos], companheira de longa data nesse... nessa discussão do Proeja, é licenciada em Matemática, vai dizer pra gente que matemática não é um bicho de sete cabeças, né, [risos], especialista em educação matemática, especialista em Proeja, Mestre em Ciências da Educação Agrícola, e doutoranda em Ciências da Educação na especialidade Educação Matemática, e professora de Ceres, nossa colega, seja bem-vinda, muito obrigada, viu, professora! Queria chamar... vou alternar... a nossa aluna do campus de Ceres a Emília Lara Rodrigues Félix, né, é aluna do campus de Ceres, aluna do curso técnico em Suporte e Manutenção de Computadores, seja bem-vinda, muito obrigada pela presença! Gostaria de chamar também outra pessoa muito importante pro Proeja dentro do Instituto da Rede Federal que é a professora Kênia... cadê a Kênia?... Kênia Bueno de Castro Ferreira, graduada em Letras Modernas, cabelo vermelho [risos]... éh... especialista [???] em Metodologia Científica, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás e professora do campus Goiânia, conosco desde 2006 aqui no curso Técnico de Serviços de Alimentação, obrigada, viu! E, agora, uma aluna também do Proeja, da Cidade de Goiás, é a aluna... peraí... [enquanto procura suas anotações]... vem cá [risos]... [aplausos]... eu sei que é nossa aluna do campus da Cidade de Goiás, aluna do curso técnico integrado em Conservação e Restauro, eu fiz questão em falar que ela é do curso técnico integrado em Conservação e Restauro, porque esse curso tem a mesma qualidade de todos os cursos técnicos, se é de EJA ou não é de EJA é simplesmente um detalhe, então...

Aluna Regina: Boa tarde a todos! Sou de Goiás Velho. Tenho a honra de estar aqui com todos vocês mas eu tenho um anseio. Vim aqui... meu nome é Regina... meu nome... [risos]

Prof.^a Mad'Ana: [??] Bom, vamos iniciar aqui então a nossa mesa. Queria convidar a professora Lucianne pra começar nosso diálogo.

Prof.^a Lucianne: Kênia e eu nós fizemos um combinado, né, Kênia! Nós vamos... Josué, nós vamos descer tá? Éh... é o povo da Matemática e da Língua Portuguesa.

11

Prof.^a Mad'Ana: Gente, hoje... Margarida ali sempre atenta nós vamos fazer a discussão do Proeja nível técnico e a noite a gente faz a discussão do Proeja-FIC.

Prof.^a Lucianne: Bom, então... gente boa tarde! Boa tarde a todos e a todas! Meu nome é Lucianne... éh... quando ontem Kênia falou sobre o sujeito professor do Proeja, eu sou professora do Proeja e também sou aluna, fui aluna de EJA, né, então hoje eu posso dizer sem dúvida nenhuma que aquilo que foi dito também pela Marinalva, cadê ela? Miralva! É aquilo exatamente que a gente passa que a gente sente quando estuda a noite, trabalha durante o dia, e você precisa fazer o ensino médio... eu também sou do ensino médio técnico profissionalizante. Bom... o sujeito da EJA... como eu disse eu me sinto até hoje um sujeito da EJA... quando a Mad'Ana disse que eu sou licenciada em Matemática pela UFG... éh... eu tendo concluído em 2005, não tinha mais vinte e um, vinte e dois, né, então eu sei muito bem o que é, o que a gente passa, as dificuldades que gente tem pra se manter estudando. E, após essa licenciatura, né, eu já comecei também e fiz especialização em Educação Matemática e assim que entrei no Instituto, né, antiga Escola Agrotécnica em 2006, também já comecei especialização junto com a professora, nossa supervisora pedagógica Miriam Lúcia, se faz presente, e nos começamos no no CEFET Minas Gerais e concluímos aqui, né, nesse Instituto. Quando... quando em 2008 eu entrei pro mestrado, então assim, o que eu poderia pesquisar? Né. Claro que eu deveria continuar, eu eu tinha essa necessidade de continuar falando ainda da Educação de Jovens e Adultos, né, e assim eu fiz o mestrado, né, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, “O ensino de matemática no Proeja no Instituto Federal Goiano campus Ceres: limites e possibilidades”, e, agora, 2013, né, já estou inserida no programa de doutoramento da Universidade do Ninho em Portugal com o título “Produção e avaliação de material didático como instrumento da formação inicial de docentes: o caso da estatística na EJA”. Bom... éh... uma coisa antes da gente... de eu começar a falar mesmo sobre a prática, acho que é importante situar, né. O nosso



DIALOGOS PROEJA – IFG

Instituto Federal Goiano, hoje, nós temos em Urutaí um grande problema, né, nós estamos sem turma de Proeja. O campus Urutaí tem lançado edital mas... né... o Marco Antônio tá aqui também que é o nosso colaborador aqui na Reitoria, né, então o campus tem lançado edital mas não tem conseguido formar turmas e quando houve uma turma de desenvolvimento de comunidades, essa turma começou mas logo ela foi extinta, porque os alunos não se firmaram pra concluir o curso. Em Iporá nós temos o Técnico em Administração. Em Morrinhos, Técnico em Agroindústria. Rio Verde, Técnico em Administração e Técnico em Alimentos. E, Ceres, Técnico em Suporte e Manutenção de Computadores. Essa nossa turma agora ela tá em... seria uma terceira fase... nós começamos em 2006 com o curso Proeja em Agroindústria, a turma concluiu em 2008. A partir de 2009 começamos duas novas turmas... éh... com Técnico em Administração e Técnico em Suporte e Manutenção em Computadores e, segundo a necessidade da comunidade foi pro... provado né pra que se começasse então o ano passado, em 2012, o Técnico em Suporte e Manutenção de Computadores. A turma começou com dezesseis alunos (16) mesmo após grande divulgação em toda a região. Nossa região é formada por cidades muito próximas que a gente chama de Vale São Patrício e mesmo com essa divulgação nós tivemos uma quantidade até razoável de inscritos. Após o período em que houve uma a... aquele processo de se conhecer de levar o aluno a escola e de eles participarem em que os professores iam apresentando o curso, né, então houve uma palestra, a partir daí quando foi para a entrevista o número de alunos já se reduziu pra participar da entrevista. Desses dezesseis que entraram no Instituto e, atualmente, nós estamos com doze (12) alunos. O Proeja no campus Ceres, né, como está cada sujeito... os estudantes? Né, ontem a gente ouviu a Vivian falando sobre esse acesso, permanência e êxito que é uma grande preocupação. Essa turma inclusive mesmo tendo começado pequena são alunos muito interessados e que estão firmes e, esses a gente percebe que vão até o fim. Os professores, né, nós ainda passamos por problemas de identificação mesmo... éh... com o querer ser sujeito professor da Educação de Jovens e Adultos, né, não é só... a gente sabe que não é uma realidade só nossa, mas ainda temos esse grande problema lá, né, então... e também temos o problema que é também a formação pra atuação no processo de ensino e aprendizagem. Nós ainda não estamos com essa formação, né, isso ainda é um grande anseio do Instituto. E, com relação aos gestores, né, nós estamos... pedimos mais apoio e investimento como foi dito também ontem aqui pela



DIALOGOS PROEJA – IFG

Vivian que é professora e está na reitoria lá de gestão do Proeja e... mas nós percebemos que os gestores já estão se preocupando um pouco mais no Instituto Federal Goiano... éh... agora em setembro, né, eu até encontrei, né, Margarida, né, Miriam Fábria, tinha mais um grupo bom, né! [Prof.^a Margarida diz: “Maribel.. Ariadyne... Maria Emília] Ah! Maribel! Ariadyne! Maria Emília! Isso! Então, nós o Instituto, então, a gente já percebe já foi um esforço né, quer dizer, o professor, né, Lucianne que foi pra Lisboa apresentar um trabalho sobre o Proeja, né, no Instituto. Então assim, a gente sabe... o Marco Antônio foi dos que mais deu apoio, né, Marco, obrigada, aqui meu agradecimento em público e o Marco foi um dos que trabalhou junto pra conseguir este apoio e, também, claro, agradecemos ao Instituto, porque o Instituto, né, fez com que fôssemos lá, né, então, representamos um pouquinho aqui do interior também. E, os pesquisadores, né, então nós temos alguns professores que já estão se dedicando a a pesquisa na área de Proeja, né, eu estou desde 2006, também tenho o professor Ilmo Correia que também fez o mestrado dele na área de Química também difecionada a a Proeja, né, a professora Geíza(?) também que fez a sua pesquisa direcionada justamente a essa educação que é tão importante. Professora Geíza hoje não pode estar aqui, né. A professora Miriam também, nossa supervisora, que também fez especialização, uma das que lutam também pelo pela EJA e pelo Proeja em nosso Instituto. E, em busca disso eu continuo e agora com o doutoramento, eu tô muito feliz! E eu percebi que o pessoal, lá, em Portugal, eles também tão bem engajados nessa luta, né... a batalha é grande! Em quais aspectos tivemos avanços, né? Atualmente, então, a gente tá vivendo uma novidade... [alguém no auditório interrompe para informar que um professor de Rio Verde também está fazendo o doutoramento em Portugal]... ah, o professor! Que bom! Mais um, né, professor. Tem que juntar forças mesmo né. Estamos lá, firmes, né! Em quais aspectos tivemos avanços? Então, a participação do grupo de pesquisa sob a coordenação da professora Maria Margarida que envolve a UFG, o Instituto Federal do Espírito Santo, UnB, rede estadual de educação, Instituto Federal de Goiás e Instituto Federal Goiano, sob a coordenação, nós do Instituto Federal Goiano, nossa coordenadora, professora Miriam Fábria. Então, a gente percebe que isso já um grande avanço, quando o Josué falou assim “Lucianne, fale dos avanços”, né, o que o Instituto Federal Goiano tem... em que ele tem avançado? A gente sabe que isso já é um grande avanço. Porque um tempo atrás desde que o grupo, né, coordenado pelo Maria Margarida tem se reunido, já tem... desde que ano Margarida?... Desde

2006. E, assim, nós, né, como a Mad'Ana disse, a gente começou a participar, Miriam e eu, a gente vinha mas a gente não tinha o apoio do Instituto, com liberação de tempo com liberação até mesmo de recursos, de carro, então, a gente não tinha mesmo o apoio. E, Geíza também né fez parte e... dessa luta. A gente vinha e vinha no nosso carro mesmo. Ceres fica né a 180km daqui. Então assim, hoje a gente percebe que o Instituto está mais engajado nisso e a gente fica muito feliz com isso! E esse esse grupo está participando, né, de uma discussão sobre a fundamentação teórica e metodológica que está posta e possibilidades de implementação de ações positivas pra que a gente faça mesmo esse reforço no Proeja, no nosso Instituto Federal Goiano. E, discussão do acesso e permanência dos sujeitos no Proeja. Mais avanços. Em 2014 será realizada a coleta de dados nos campus Ceres, Iporá, Morrinhos e Rio Verde. O campus Urutaí ainda está sem representação, mas o Marco Antônio disse que está pegando firme lá e nós vamos ter também o pessoal de Urutaí por conta dessa falta do Proeja lá. Nos dias 22 e 23 de novembro estaremos participando na UnB de uma troca de experiência entre várias instituições desenvolvidas com o Proeja. Nós vamos tá lá! A especialização que é o que a gente sente muita falta... éh... a gente as vezes fala assim “quem é o sujeito professor?” mas que preparo ele tá tendo, né? Pra que seja mesmo um sujeito atuante no Proeja. Então, a especialização em Proeja começou em Rio Verde em 2011 formando apenas uma turma e com problemas diversos inclusive dificuldades administrativas do serviço público, como pagar professores e receber alunos, não teve continuidade, mas aí vem a parte boa, né, retomamos a construção do projeto Especialização em Proeja com os campus Ceres e Rio Verde em 2012. O curso já está aprovado pelo conselho superior e será novamente oferecido nas modalidades presencial em Ceres, Rio Verde, possivelmente em Morrinhos, e na modalidade EAD em 2014, nos cinquenta polos de EAD do Instituto Federal Goiano. Então, assim, a gente sabe que é uma vitória muito grande. E, quais são os desafios, né? Então, eu me apropriei do documento base, página um, de 2007, que diz que: “tecer um projeto educacional fundado na integração entre o trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, com a finalidade de contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania.” E aí... como era pra gente falar um pouco sobre o que o que foi feito, o que é feito, que trabalho a gente tem desenvolvido no Instituto com relação a... ao ensino, no caso da Matemática. O grande problema é, realmente, você conseguir...



DIALOGOS PROEJA – IFG

éh... o engajamento dos outros professores que também estão trabalhando com a turma de Proeja e com alguns desses professores foi possível, né, montar alguns projetos e, em relação a esse primeiro projeto que é o “Mel: doce saber” foi é... ele foi... éh... encabeçado pelo Sebastião, que é um aluno do Instituto, e o Sebastião ele trabalha com produção de mel, né, e juntamente com ele a gente também conseguiu a parceria com os alunos da Licenciatura em Ciências Biológicas e eles montaram um projeto, apresentaram no Instituto, e também... éh... pra crianças de escola fundamental, né, mostrando sobre a produção, envolvendo a área Biologia, né, e também a parte de alimentação, e a Matemática aí junto, lógico, a matemática tá em tudo, né! Esse “A matemática no Proeja: limites e possibilidades”, foi também um trabalho que a gente... que eu fiz a apresentação na na Feira de Ciências da escola, onde a gente fez um um apanhado geral do do curso, né, então ali nós temos alguns alunos em sala de aula e aqui um encontro que nós fomos, ali abaixo do resultados [indicando uma foto na projeção do slide] um encontro que a gente foi, é, em Rio Verde, né, então foi um momento especial em que os alunos participaram e, do lado ali, nós temos, né, também dona Geni, né, uma das alunas do curso. Esse aí foi da turma de Agroindústria, né, ela trabalhou na na produção de leite, beneficiamento, né, do leite. E, aqui em baixo o seu Sebastião nessa última foto. Bom... com relação do trabalho dos alunos apresentados, como é que foi feito? Então, esse primeiro aí, né, “A influência do associativismo e cooperativismo na extensão rural”, esse trabalho... ah... primeiro a gente... a proposta era partindo do que era especial no na vida deles, né, então, principalmente o trabalho. Então, em relação o trabalho, trabalho você faz e cada aluno contou pra turma né com que que trabalhava e a partir daí nós montamos, formamos grupos na sala de aula, e a partir de um... da vivência de um deles eles foram pesquisar tudo que era possível sobre o trabalho desse colega, nesse caso sobre o associativismo, então foi usado, e sobre cooperativismo, foi o seu Sebastião, né, então a experiência dele como extencionista rural. Em relação ao trabalho esse trabalho do seu Sebastião foi premiado, né, ele ficou em segundo lugar no na Feira de Ciências. Esse trabalho “Ciclismo e meio ambiente: uma questão de saúde”, também da mesma da mesma forma um projeto e que esse grupo... éh... a partir da... um dos nossos alunos ele ele gosta muito de pedalar, né, então ele vai para o trabalho de bicicleta, né, inclusive ele é nosso colega de trabalho e ele vai pro Instituto de bicicleta. O Instituto fica a praticamente quatro quilômetros (4km) da cidade. Então, ele sempre... [fora que é só morro lá, diz



DIALOGOS PROEJA – IFG

alguém do auditório]... você sabe como é que é o esquema lá, né. Exatamente. A nossa geografia não é maravilha. Então, ele só vai de bicicleta pro trabalho. Ele falou assim, bom, eu trabalho aqui eu não vou falar sobre o meu trabalho no Instituto mas eu quero falar sobre o que eu vivo e a minha experiência, porque ele é diabético, e ele ia falar disso, né, então o grupo dele, ele formou um grupo, esse grupo se reuniu e também foram falar sobre os benefícios, né, da da do ciclismo, né, e ele também tratou sobre o meio ambiente, né, e ele fez muita muita pesquisa, a turma, esse grupo foi muito bom mesmo. Aqui está ele, né [mostrando uma foto na projeção]. Esse... e ele... um uma das coisas que ele mais... ele ficou apaixonado por Arquimedes, né, então, ele fez o experimento... não sei se vocês conseguem ver ali na... tem uma uma forma de bolo... ele levou areia e ele fez o experi experimento com um CD, né, e com o CD ele fez a marcação e deu uma volta completa com o CD na areia e ele com a calculadora, né, lá mostrando realmente o experimento de provar o valor aproximado de pi (π), né. Bom... “O pedreiro e a modelagem matemática”, esse grupo, né, formado por... pelo Aguinaldo, né, o João, que são pedreiros, e Rejane também fez parte, esse grupo eles eles trouxeram principalmente o... uma problemática, que é o trabalho na construção civil sem os cuidados necessários pra que não haja acidente. Então eles levaram muito... direcionaram muito para acidente no trabalho. E eles fizeram uma pesquisa muito interessante sobre... com te com textos, né, principalmente na Internet e lembrando que um dos professores que atuou como colaborador foi o professor na área de Informática e esses esses textos que eles pesquisaram mostrando exatamente esse índice de mortalidade na construção civil, né, um grande número de acidentes e, além disso, matematicamente falando além desses números que eles trouxeram eles também trabalharam a parte de pavimentação do plano. “O lar de idosos de Ceres e suas histórias”, éh, nessa turma ela... tinha uma... a dona Geni, aquela numa foto que apareceu trabalhando no laboratório, ela era a aluna mais, de maior idade da turma e, a ideia do grupo então foi fazer a pesquisa sobre a o Estatuto do Idoso e em que se inseria a Matemática nisso? A partir de conversas entre eles, eles chegaram a conclusão de que moravam... alguns deles moravam em Ceres outros em outras cidades da região, mas que nunca tinham visitado o lar de idosos. Então, eles fizeram a visita ao lar de idosos e a partir da parte de administração do lar de idosos a gente trabalhou a matemática financeira. Então, eles passaram algum tempo lá, dias variados, e pesquisaram tudo, de onde vem o o o recurso, o que é com a



DIALOGOS PROEJA – IFG

aposentadoria dessas pessoas que moram, então, descobriram coisas assim inacreditáveis, e alguns deles continuaram visitando o lar e o lar ele recebe a comunidade pra levar lanche, né, e muitos deles não sabiam que existe esse trabalho lá em Ceres, né. Aí a apresentação do João e do Aguinaldo [mostrando a foto] a... do lado ali vocês podem ver, próximo na mão do do Joãozinho lá tem as ferramentas, eles levaram as ferramentas de trabalho e foram explicando como é que era feito esse esse trabalho. O trabalho deles como pedreiro. Levaram equipamento de segurança, né, e o Aguinaldo, esse de boné, ele durante a pesquisa que eles... a gente passou praticamente um mês fazendo a pesquisa, ele sofreu um acidente de trabalho, ele tava pesquisando sobre o cuidado que deve se se ter e numa da da dos dias que ele tava fazendo o trabalho voou um pedaço de de madeira no olho dele e aí ele teve que ir pro hospital e fazer todo um procedimento, né. “O mecânico e a modelagem matemática”, também esse trabalho foi feito pelo Zé Roberto, né, a gente chama ele de Robertinho, e e esse trabalho ele ele... como ele é mecânico, ele falou sobre os riscos que a profissão dele traz pra pra saúde e também sobre a parte... éh... de manutenção dos veículos, o quando de acidente pode ser causado pela falta de manutenção dos veículos e, também, a quantidade de acidentes... ele fez uma pesquisa excelente, os dois Robertos, sobre a mortalidade na na... as pessoas estão dirigindo alcoolizadas, então assim, um trabalho muito bom, né, no dia da Feira ele levou um motor de carro, mostrou como é que funciona e além desses números ele também... éh... levou os vários tipos de parafusos que são usados e, trabalhando junto com o professor de física, ele provou sobre qual deles faz menos esforço e porque que faz de acordo com a quantidade de lados que esse parafuso tem. Esse trabalho “Mandioca: raiz de raízes”, surgiu no grupo porque tem aluno que a família produz farinha. A nossa região é uma grande produtora de farinha de mandioca. E esse trabalho que eles desenvolveram foi muito interessante porque eles visitaram uma casa de farinha que fica no córrego do Sapé e entrevistaram as pessoas que trabalham lá... mesmo... eles fizeram um vídeo, né, até esse vídeo eu tenho que passar para a Maria Emília... passar esse vídeo... e essa produção foi feita por um dos alunos que é Shirlan(?) e ele trabalha com produção, né, era era aluno do curso técnico de Suporte e Manutenção de Computadores, ele trabalha com a produção de vídeos, né, e eles eles, além de irem na na nessa produção de farinha na casa de farinha eles também pesquisaram principalmente, fora a casa de farinha, o o problema da... do trabalho infantil, né, então eles

pesquisaram aí sobre a erradicação do trabalho infantil e a grande problemática, né, que a União Europeia não compra a farinha produzida no Brasil por conta de ser o segundo maior empregador infantil. Bom, é isso, e obrigada! [aplausos] Éh... antes de passar para a professora Mad'Ana, eu tenho... quando eu falei para o pessoal que eu ia vim pra cá eles entregaram... fizeram uma carta pra ler pra vocês sobre o que é o Proeja pra eles, pra vida deles e aí claro eu vou pedir pra nossa aluna [entregando a carta para uma aluna que compõe a mesa] foi ela que redigiu, pra que faça a leitura.

Aluna Emília: Boa tarde a todos! Como já foi dito anteriormente eu sou Emília, aluna do quarto semestre de Suporte e Manutenção de Computadores na modalidade Proeja, eu vou repassar um pouquinho pra vocês, anteriormente antes de eu fazer o meu comentário, do que é pra turma tá participando do Proeja. *Começamos o curso com dezesseis alunos, dois meses depois três desistiram, por motivos pessoais, e um ano e dez meses depois desistiu mais uma, dos dezesseis alunos que se iniciaram hoje ainda continuam doze, sendo que o mais novo tem dezenove anos e o mais velho setenta e dois. O avanço de toda turma em relação ao desempenho, aprendizado e dedicação é ótimo. Muitos dos mais velhos chegou no primeiro dia com medo do próprio equipamento. Não sabiam nem ligar o computador. Hoje, um ano de dez meses depois, posso afirmar... podemos afirmar que cada um de sua maneira sabe muito bem como controlar a máquina. Nas matérias básicas, padrões do ensino médio, a qualidade do ensino e interação professor e aluno fez toda a diferença. A dificuldade era e continua sendo imensa, fazer um jovem e adulto de quarenta, cinquenta, sessenta anos compreender com clareza o conteúdo é o desafio que com muita paciência e respeito e dedicação vem sendo conquistada. Ao longo dessa caminhada observamos cada detalhe, as mínimas atitudes que faziam diferença. Foram até hoje vários entraves, milhares de obstáculos, mas se tiver uma palavra para definir a turma do Proeja 2012-2014, essa palavra será sem dúvida alguma superação. E todos os aspectos, superar cada problema e se entregar inteiramente ao estudo, fez com que a busca pela defesa de um sonho tornasse sem limites. Essa entrega fez com que um senhor de mais de setenta anos trabalhasse todo o dia, chegasse em casa, fosse de moto até uma cidade vizinha, pegasse carona em um transporte público para percorrer dezenove quilômetros e chegar a escola e estudar. E no outro dia fazer do mesmo jeito e, assim, a sua luta pudesse terminar vitoriosa. São exemplos como esse que comprovam o quanto que iniciativas*



DIALOGOS PROEJA – IFG

como o Proeja valem a pena e faz com que o Instituto Federal Goiano campus Ceres seja [?] não somente por sua boa administração, pela excelência e qualidade de ensino, tanto nos cursos superiores, técnicos, e níveis médio, mas como um todo a Instituição pode ser vista com um instrumento de formação de todos os diferentes tipos de pessoas, com a qualificação profissional e pessoal, dando a eles uma oportunidade única de contribuir beneficentemente com a sociedade e com o futuro do país. Afirmar que não houve problema algum é impossível. Assim como garantir que até hoje os problemas encontrados foram indiscutivelmente solucionados. Problemas pequenos os quais tiveram pessoas capacitadas o suficiente para resolvê-los. Porém, não é nada tão bom que não possa melhorar. Continuar evoluindo para trazer mais benefícios é algo que não pode parar. Qualificar ainda mais o professor para ensinarem esses adultos sem pressões mas também sem subestimar o aluno e o limitar nas suas dificuldades é um quesito muito interessante que não pode deixar de ser observado. Resumir estes vinte e dois meses em poucas palavras se torna complicado, ainda mais quando esse tempo é representado por um excelente companheirismo, confiança e assim de tudo muita admiração. O que o Proeja representa para o Instituto? Não sabemos. Talvez uma turma de alunos onde todos são igualmente respeitados e tratados com dignidade, visto sob um olhar curioso de até onde pode ir a busca incansável pelo conhecimento por pessoas que até então são olhadas por alguns como indivíduos que não necessitam mais de um compromisso levado tão a sério, como a educação. Mas, que pra eles mesmos, superar seus próprios medos e limites torna um objetivo cultivado dentro do coração de cada um. Mas, e agora, o que representa o Instituto para o Proeja? Vamos enumerar um pouco aqui: oportunidade, qualificação, profissionalização, aprender com o melhor time de educadores e profissionais da região, ser qualificado numa Instituição onde o conhecimento é realmente levado a sério, estudar sendo de várias maneiras incentivados, fazer parte do grupo de pessoas que necessitam de mudanças no mundo e um futuro melhor, expectativa de vida, reconhecimento, uma Instituição constituída por pessoas que confiam e acreditam no potencial de cada um e se oferece a contribuir ainda mais na descoberta de cada talento. Poucos detalhes, mas uma demonstração do quanto a educação pode mudar a vida de uma pessoa. O quanto é importante as pessoas saberem que tem algo ou alguém que acredita nela independente de sua raça, sexo ou religião. Isso é mais do que confiança, isso é amor. Se o papel do Instituto é educar pessoas e qualificá-las para a busca da



DIALOGOS PROEJA – IFG

realização dos sonhos, que continue assim, ensinando sobre as sombras da paciência e encaminhando-nos nos caminhos do conhecimento. Não os deixando desistir e assim segue a ideia sempre de que como com o próprio Proeja nunca é tarde pra aprender. E, agora, quem discordaria de Isaac Newton quando disse que ninguém é tão grande que não possa aprender e tão pequeno que não possa ensinar. [assobios e aplausos]

20

Prof.^a Mad'Ana: Eu quero transformar essa carta num documento, de pesquisa e de... pode ceder? Vou xerocar, fazer uma cópia. Margarida já tá pedindo aqui, tá Margarida, ó, tá aqui! Isso é muito importante! Vamos então continuar, Emília com você.

Aluna Emília: Então vamos lá! Vamos continuar! Eu não sou tão especialista para falar em público mas se eu conseguir transformar todas as informações e relatar um pouco do meu dia a dia com o Proeja, fazer vocês entender quanto significa pra mim, eu já vou estar feliz com meu dever cumprido. Eu já me apresente e... o Instituto Federal pra mim começou em 2009 quando eu fiz o Técnico em Administração. Eu faço Proeja porém eu já tenho o Ensino Médio, eu já concluí o Ensino Médio. Muitos devem estar se perguntando por que então de fazer Proeja. Eu precisava ser uma incentivadora do Proeja também. Meu esposo [apontando para o auditório] o outro representante da minha turma. Ele tinha 19 anos na época. Ele não tinha ainda concluído o Ensino Médio. Ele morava em Brasília e de uma certa maneira eu queria trazer ele pra Ceres, né, [?] pra Ceres [risos]. Eu sempre fiz... éh... eu sempre fiz jus ao curso, eu sempre falei do Instituto Federal Goiano pra ele que tinha esse projeto, então, quando saiu o edital, diretamente, eu já liguei pra ele. A primeira coisa que eu fiz foi ligar pra ele e falar que tinha aberto o edital e que dado as vagas. Então ele topou. Quando... pra mim incentivar ele, pra mim... fazer ele não desistir mais uma vez de concluir o Ensino Médio, eu falei, vou me inscrever também, nós vamos tá lá lutando junto. Eu pensei que ia ser simples mas na verdade eu me surpreendi com o Proeja. Eu não esperava o conhecimento que hoje eu tenho. Eu fui formada em escola pública e eu tava relatando para a Lucianne esse conhecimento, que hoje eu me sinto preparada... uma preparação que eu não tive pra enfrentar um concurso público, pra enfrentar um ENEM, pra concorrer alguma coisa pra levar pro meu futuro, porque o conhecimento que eu adquiero todos os dias com os professores que



DIALOGOS PROEJA – IFG

eu tenho, me desculpe os outros, mas eu tenho o melhor time de professores do Instituto Federal Goiano de Ceres e o que eu posso relatar isso, eu não consegui em escola pública. Muitas vezes o professor chega, passa uma matéria no quadro, eu fico “gente, eu nunca estudei isso!” Eu... ou senão outro... Matemática, né, a Lucianne tá aqui, a Matemática que a professora passa, aquela questão no quadro, eu falo “gente, quando eu fazia Ensino Médio eu não conseguia fazer isso!” Quando ela termina de passar eu respondo. E... o bonito é ver que tem mais gente com isso que tem... tem um senhor na minha sala com setenta e dois (72) anos, ele busca isso também. Ele não precisa, muitas pessoas podem pensar que ele não precisa disso, que ele tem 72 anos, que ele tem uma família feita, ele tem seus filhos formados, ele tem sua profissão e daqui uns dias ele aposenta, mas não, ele quer levar isso mais a sério, ele quer chegar quer ter perspectiva melhor de vida. Os docentes do Instituto Federal assim como todos os funcionários aqui representado pela Lucianne e pela Miriam são de excelente qualidade. Eles são muito bem capacitados. Tem muita qualificação que eles estão fazendo. Tanto é que qualquer problema que a gente tenha na escola a gente não precisa sair de lá pra resolver. Eu só bato na portinha da sala da Lú [se referindo à Lucianne sentada do seu lado] e falo “Lú, socorro!”, ela me ajuda na hora. A estrutura do Instituto Federal Goiano... quando eu comecei com a Administração era... tinha o Técnico em Informática e era o primeiro ano do Técnico em Administração. No meio do ano começou... pra primeira turma de Licenciatura em Biologia, curso superior. Hoje, quando eu chego no Instituto Federal eu tenho várias turmas de Licenciatura em Biologia, eu tenho o Pronatec, Mulheres Mil, Proeja, os Técnicos, sem contar que ainda conta com os níveis de médio integrado e Licenciatura em Química e diversos... Agronomia e Zootecnia. O quanto que isso cresceu. Era na minha época mesmo que eu comecei, não faz tanto tempo assim, era um prédio, hoje esse prédio que eu... que era a minha sala é toda de laboratório, de Informática, de Letras, de Química, tem outro pa... pavilhão que é só superior, tem o pavilhão que tá a minha turma, tem mais pavilhões, o Instituto Federal está crescendo muito no campus Ceres. E, o crescimento desse Instituto ele reflete... que uma cidade pequena, Ceres tem pouco mais de vinte e dois mil, vinte e três mil habitantes... ele recebe alunos de todo o país. Eu falo isso não é porque vai aluno de Nova Glória, de Santa Isabel, Ipiranga, Rubiataba, que tá lá mais próximo. Eu já estudei com alunos de Mato Grosso, Maranhão, e com certeza... tem também do Pará num tem? Tocantins tem muito. Tem muitos Estados representados dentro de



DIALOGOS PROEJA – IFG

Ceres, uma cidade tão pequena! E, a qualidade de ensino, que eu já falei, os professores que eu não canso de elogiar, é muita! É um... a... você não sair, ainda mais no Proeja, que é uma turma de... que não é fácil você ensinar uma turma de idade mais... média assim de nível médio e uma turma em que os alunos tem quarenta anos, eles não tem mais aquela cabeça tão aberta pra receber o conhecimento... [?] eu sei é que estão... quando na minha sala mesmo... [risos]... não... na minha sala mesmo eles já... o mais novo ele tem ele já ca... ela capta a mensagem, na hora, agora, os mais velhos não, você tem que explicar, você tem que ter a paciência de reexplicar, se possível explicar de novo, começa de novo e... isso é o Proeja! Eles chegam no outro dia e a professora fala “e aí?” Aí eles falam assim “não... num lembro não!” Vamos lá explicar de novo! Aí isso sem deixar... o professor ter essa paciência de lidar com esses alunos e o professor não deixar o aluno sair com dúvida da sala, pra mim eu considero muito importante, tenho certeza que pra minha turma também. A gente tem aulas práticas, a gente tem aulas teóricas, a gente conta com matérias básicas e matérias específicas. Eu... a visão da sociedade... o que eu vejo que tem preconceito. Quando eu falo muito in Proeja, a maioria das pessoas pensam o que, que é uma turma de idosos, vamos dizer assim, que tá lá porque trabalhou, não teve como estudar. Na minha turma o mais novo tem dezenove (19) anos. O mais velho tem 72. E vejo que o Proeja não é só isso, não é uma turma de idosos, o Proeja é um curso, é um projeto abrange dentro das suas limitações [?] ainda tem um pouco, mas ele dá oportunidade pra qualquer pessoa que por algum motivo parou de estudar independentemente da idade. Não precisa você ser mais velho pra entrar no Proeja. Você parou de estudar e quer se... quer começar de novo já é de tamanha importância. E o preconceito maior que eu, no meu ponto de vista, eu observo é do próprio estudante, não é do pessoal de fora, não é dos professores, é o próprio estudante que fecha a porta da oportunidade que ele tem. Como a Lucianne falou, no dia da inscrição, eram... a gente teve no [??] muita gente. Na hora de fazer a entrevista diminuiu muito porque na palestra que a gente recebeu tinha... eles falavam de quanto tempo a gente ia ficar lá, que era três anos, eles falavam na grade curricular, eles deixou bem detalhado o que era o curso. Então, quando essa pessoa nota que tem três anos pela frente, tem trabalho dia a dia, tem os problemas e tem filhos pra cuidar, que tem que superar os desafios do dia a dia e ainda chegar numa escola e estudar, eles desistem. Eles num acham fácil. Eles fecham, se limitam e nem tentam. Eles mesmo já pensam eu não vou



DIALOGOS PROEJA – IFG

conseguir e foi embora. Então, não adianta falar que a sociedade em geral tem preconceito com o Proeja. Primeiro, o estudante tem que ver que ele é capaz, que tem a capacidade de superar todos os desafios, e conquistar um futuro pra ele. Na minha turma, no primeiro dia de aula, nunca esqueci, o professor Wagner chegou na minha turma e falou que não tinha os trinta e... trinta e dois, né, trinta e dois alunos pra fechar, mas eles não iam desistir, que lá na minha sala tinha dezesseis (16) sonhos, e que esses 16 sonhos podia ser realizados, que era por isso que eles estavam lá. E a gente tá sonhando ainda, a gente não vai desistir de sonhar. Desistiram quatro, mas eu ouvi muitos falar em evasão ontem por pela mesa e na minha sala não tem... 16 alunos pra desistir só quatro e inclusive chegar a doze... a gente falta um ano pra terminar e os doze que está lá eu posso garantir que não pensa em desistir, a gente vai chegar junto até o final. Uma média de perfil da minha turma é muita... é muita dificuldade. São pessoas que... a Lú brigou comigo mas eu vou falar de novo... elas não captam a ideia inda mais de dominar o computador, elas elas não dominam o computador. O seu Aparecido, ele... 72 anos, chegou no primeiro dia de aula prática com medo de ligar o computador. Ele chegou e falou “eu não dou conta de ligar esse bicho aqui não!” [risos] Hoje, a gente vê o seu Aparecido inserindo fórmula no Calc e é muito prazeroso até pra mim que sou aluna, tô lá no papel de aluno, você vê inserir uma fórmula no Calc sozin e ele apertar um enter e o resultado ali aparecer. A Lú tá aqui pra falar o que é matemática, é número elevado, é fórmula, é você usar o parêntese como... o parênteses pra definir prioridades de conta, você usar o asterisco como vezes, a barra como divisão, o circunflexo como elevado, um senhor de 72 anos tá conseguindo isso. Eu tô vendo uma senhora de cinquenta e quatro (54) anos, dona Graça, louca pra terminar o Ensino Médio, e ela quer terminar o Ensino Médio não é porque o curso é ruim, ela quer terminar o Ensino Médio porque ela quer fazer a faculdade de Pedagogia. Eu tô vendo uma mulher de trinta (30) anos, trina e poucos anos, querer terminar o Ensino Médio pra fazer uma uma Enfermagem. Então, o que eu tô vendo é que o futuro do Brasil se depender do Proeja vai longe. Eu vou encontrar muitos profissionais lá na frente. A oportunidade que eu tô tendo no Proeja eu não tive em momento nenhum. Ontem eu fui... eu pude visitar com a oportunidade que o Proeja me deu de conhecer a Reitoria. Se eu não tivesse feito essa visita eu não saberia o quanto é empenhado, o quanto que as pessoas... existem pessoas por trás do Instituto Federal campus Ceres e qualquer campus que tá trabalhando pra que tudo isso seja verdade, pra que tudo



DIALOGOS PROEJA – IFG

isso aconteça. Eu fiquei muito feliz em conhecer a Reitoria e saber o como eles se empenham na... em realizar tantos sonhos assim nas escolas. O meu conhecimento social, cultural, intelectual vai só avançando porque através dele eu sou capaz de absorver tantos fatores que vai contribuir com a minha base de ensino e vai me ajudar ainda mais. O Proeja pra mim é a chance de renascer dentro da sociedade porque ele permite isso. É você... ele transmite conhecimento pra que uma pessoa que... com a idade que seja com a idade que ela tenha ela não se sinta diminuída, ela vai chegar na sociedade... isso eu posso falar porque a gente teve um congresso de... mês passado... de Informática que é o UTIVASP(?) oferecido pela UEG que a gente participou. No ano passado a gente tava começando esse esse curso... a gente chegou lá, todo mundo amuado, ninguém abriu a boca. Um ano depois a gente chegou nesse congresso, o professor, o palestrante explicando a gente já podia levantar o dedo e responder uma resposta porque a gente sabia o que tava falando, o quanto um ano fez diferença na vida de uma pessoa e o quanto que o conhecimento fez isso, fez bem pra isso. As... a visão de todos os alunos mudaram, a persistência deles mudaram, a expectativa deles mudaram na vida, e o interesse... é muito bonito ver o professor passar uma atividade e todos... esses alunos que eu disse da terceira idade... levantar o dedo e dá onze horas da noite, o professor tá explicando pra eles e eles ainda interessados em terminar e resolver aquela atividade, é muito bonito vê. A atenção deles, na entrega deles, na determinação que eles têm, e realmente absorver todo o conteúdo. E, o mais bonito disso é saber que ele não precisa provar nada, que ele já fez o que ele tinha que fazer e ainda tá buscando mais do que... se encher do conhecimento, de se absorver e entrar pra sociedade e conhecer ainda mais. O seu Aparecido eu já contei a história dele, que ele é de Nova Glória, ele era motorista, por isso que ele usava o tempo de esperar os alunos pra estudar, mas ele perdeu o o, perdeu não, ele foi trocado de turno então ele ia de Nova Glória a Jardim Paulista que dá uns seis quilômetros de moto, esperava o ônibus de Itapaci, e quando o ônibus de Itapaci chegava deixava ele em Ceres, ele pegava carona e chegava no Instituto e depois fazia tudo de novo pra retornar pra Nova Glória. No outro dia trabalhar o dia todo. Isso porque o Proeja comprova que ele sabe esperar que a gente compensa tentar superar. Então, pra terminar eu quero só agradecer a atenção de vocês, dizer que eu tô aprendendo muito, o Proeja ensino muito e que surpreende muito também que eu sou muito...

muito grata pela oportunidade que eu tenho de fazer o Proeja e que é um prazer enorme tá aqui contando e relatando essa história pra vocês. [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: Eu queria passar então a palavra pra Núbia, da Cidade de Goiás, outra aluna nossa.

Aluna Núbia Regina: Boa tarde, já falei pra vocês, sou a Núbia Regina, da Cidade de Goiás, da Conservação e Restauo. Nada contra o Proeja. Amo estudar. Sou apaixonada, principalmente, Matemática, é o que eu mais amo. Sou doente por Matemática, desafios, pois a Matemática traz vários desafios. E os desafios, hoje, em Goiás, é justamente é que os jovens, adultos, venham estudar, então, nós não temos tantos alunos assim em Conservação e Restauos. Hoje nós temos doze (12) anos e eu tô lutando desesperadamente pra meus colegas continuarem porque cada um tem um significado muito grande pra, tanto para o Instituto como pra gente que tá ali, aquela turma gostosa. Vou dizer porque assusta... o Proeja... pra minha cidade. Porque a minha cidade é histórica, por que Conservação e Restauo? Claro, porque [?] histórico, onde tá o Goiás. É a cidade do meu coração e acho que do Brasil todo e do mundo, Conservação e Restauo foi um presente pra Goiás. Só que as pessoas não tem noção da dimensão desse Proeja, não tem noção... que eu vivo... pá, vou nas ruas, ou divulgo, eu falo da importância que é fazer Conservação e Restauo na Federal, nossa Federal, então eu vejo assim, é assim que eu me sinto. Éh... o que acontece... quando a gente viu a Internet lá, saiu pra gente três anos, na hora que todo mundo foi lá fez... éh... passou por todos os processos, é quatro anos. Todo mundo hoje em dia tem pressa. Pressa de formar logo. Pressa de às vezes de já fazer uma faculdade. Acha que quatro anos não vai ser aproveitado, só porque é muito intenso, os professores são maravilhosos, não invejo os seus tá [se dirigindo à aluna Emília ao seu lado] porque os meus são excelentes [risos] e cada um deles, nossa, eles, uma dedicação, um amor, uma pureza, e claro que tem dificuldades, eu quarenta, quase quarenta anos, não tenho dificuldade de aprender nada, fiz o segundo, até o segundo, não tive oportunidade de continuar estudando, casei muito cedo, aos quinze, tenho dois filhos maravilhosos, que inclusive em Conservação e Restauo trago meu bebê comigo [?] tenho um rapaz aqui em Goiânia que já tá em Administração de Empresas e tá no terceiro ano e já fez Gestão Pública, que é os meus dois filhos, então eu amo estudar, incentivo eles, só porque a dificuldade não

deixava que eu tava sempre na escola e pra mim era importante eles assim como hoje eu tenho essa oportunidade que a Federal está me dando lá no campus de Goiás. Aí eu fui tentando passar isso pras pessoas, que quatro anos às vezes vocês pensam que é muita coisa, mas passa tão rápido, pra você vê nós já estamos quase um, já vamos pro segundo, vai passar tão rápido que a gente vai sentir saudade e pedir pelo amor de Deus continua e porque continuar quer chegar até doutorado. Eu vou chegar lá. E o meu sonho... eu amo tanto estudar que eu tenho tanto sonho que eu queria Direito, há eu queria fazer Pedagogia, eu queria fazer tudo, mas né é quase impossível quando a gente é mãe, primeiro os filhos. Mas, eu tô contando a dificuldade sim do Proeja, não é o Proeja em si, é como as pessoas referem-se ao Proeja. Se eu estou aqui hoje pra representar Goiás e a outra turma minha tivesse falava assim, ah, ali está o Proeja e aqui está os Técnicos. Os Técnicos de manhã. Então é assim que é referido. Aí, eu me sinto ofendida. Eu sô da... ou sô da Federal. Como os que trabalham... tanto eles são Integral, realmente, eles estudam o dia todo, integrado, é um estudo integrado, mas o que? É o 2º grau ao técnico e o Proeja é a mesma coisa. A diferença é que eles é três anos e nós somos quatro anos. Mas a... os professores e a qualidade do mesmo que é o mesmo professor que dão aulas pra eles é o que dão aula pra gente e com a mesma dedicação. Então, por que não o mesmo respeito? Nós falarmos assim nós somos o Técnico em Conservação e Restauro!? Somos Proeja sim, não tenho vergonha disso, mas a mesma qualidade que os meninos estão lá a... Técnicos de Informática, é de Edificações, que é os meninos e, nós a noite representando a Federal como Técnico de Conservação e Restauro, somos Proeja, envergonhada não, mas eu também quero que as pessoas olhem para o aluno do Proeja do mesmo jeito que eles olham pra pessoas que estudam, os meninos que estudam cedo e à tarde, porque a qualidade... e os professores são os mesmos! Não é que eles dá menas aulas e mais fraquinho pra gente e a qualidade de manhã é bem mais [?] não, são a mesma qualidade, se alguém tiver dúvida então faça um horário à noite no Proeja e faça um horário de dia com os alunos e vê se não é a mesma qualidade!? Então por que vê essa diferença? Porque eu não quero essa diferença, eu não me sinto nessa diferença, e vou brigar e vou lutar, porque se eu não conseguir eu vou desistir, porque igualdade é uma das primeiras coisas que eu prego na minha casa, se eu quero ter um ser humano que é os meus filhos, primeiro eles nascem, a gente vai formando eles. Primeira forma... primeira formatura da... pra eles saírem do muro da casa deles é em casa. A



DIALOGOS PROEJA – IFG

complementação é onde eles estuda, é onde você tem condições de dar o melhor pra eles, por que eu não vou dá o melhor, que é a Federal!? O campus de Goiás, então, veio dar esse presente pra gente e eu quero agarrar com unhas e dentes mas eu vou lutar pra que tudo seja igual, como o preto, o branco, o vermelho, o azul, não interessa a idade, interessa sim que eu tenho fome de conhecimento. Eu fiz o segundo ano, meu menino tá no segundo ano, eu poderia tá no EJA eu não cheguei a fazer o EJA pra terminar, mas a qualidade de ensino eu não quero perder, voltei pro primeiro, eu não tenho vergonha, fiz meu menino voltar e mostrei pra ele a importância e a qualidade do ensino e eu quero apertar... quero pegar essa oportunidade e mostrar pra minha cidade que é possível a gente imprimir essa qualidade que nem se comparam com esses cursinhos rápidos, e eu quero que as pessoas olhem para o Proeja no... e dá mais importância pro Proeja do que prum Pronatec que tá lá dentro do do espaço que é nosso, porque até então o quartel tá apresentando e tá emprestado pra nós, pro campus, ele é o campus o dia inteiro, a noite também eu quero ter o mesmo respeito. Então, não tenho nada contra o Proeja, EJA, sei que eu sou do campus da Federal e isso pra mim é muito importante. Porque eu vou ter esse diploma e vou esfregar(?) ele na frente [?] óh isso aqui, vocês perderam a oportunidade, porque eu peguei! [risos no auditório] E os meus colegas lá [?] eles não saiam. Nós somos doze e se Deus quiser nós vamos continuar os doze e, se não fosse a falta do ônibus e as dificuldades, foi muito rápido, os dozes estariam aqui, representando a Goiás e a nossa satisfação. Então, eu tenho muitas perguntas, eu queria saber de muitas outras coisas, não vou enrolar muito não. Então, eu vim participar desse debate pra entender como todo mundo vê o Proeja, se é como eu estou vendo lá: ah! ali tá o Proeja aqui tá os Técnicos, mas se é a mesma coisa porque estão fazendo essa diferença? Se nós todos somos do campus, se somos alunos da Federal, se os professores são os mesmos, então, por que olhar com outro olhar? Porque a questão do olhar, não é a questão da de como os professores vão [?] com agente, como é que é a direção, não é nada, é o olhar, se vocês não olha [?] se olhar com olhar diferente todo mundo da cidade seja quem olhar pra onde vier pra onde vocês for vão olhar também dessa forma. Temos que esquecer que é Proeja. Quando você junto... porque eu sou... na minha cidade eu envolvo com política tanto é que eu tenho muito haver com política... mas eu acho assim, quando você tá numa luta pela sua cidade, então existe vários partidos, principalmente os vereadores, existe vários partidos, mas quando você ganha você

tem que se preocupar em fazer e ajudar as pessoas da sua cidade, ajudar a sua cidade e esquecer o partido, ali morreu o partido, quem ganhou tem que se unir tanto como o prefeito que não era do seu lado, mas tem que se unir pro uma causa só, então se você separar o Proeja, Técnico, não sei o que, vai vai tirar a a real... éh... ciência do estudo que é o Técnico e todo mundo tá lá não só pra ter o 2º grau mas pra ter o Técnico também. E aí é por isso que eu vim aqui pra vê se eu tirava algumas dúvidas dessa diferença. Aí eu agradeço a cada um de vocês. Muito obrigada! [aplausos]

Prof.ª Mad'Ana: Gente, enquanto a Kênia tá aí arrumando [se referindo aos slides] eu queria dizer que... éh... estão ab... éh... Adriana, a a as vagas já estão... os cursos né do... curso técnico... os cursos técnicos integrados de educação básica com educação profissional na modalidade de educação de jovens e adultos, todos são cursos técnicos integrados, então, as inscrições estão abertas no Instituto Federal de Goiás de 14 de novembro a dia 02 de dezembro e a palestra e a entrevista vai ser realizada no dia 04 de novembro a 02 de dezembro, as inscrições, e a palestra e a entrevista vão ser realizadas no dia 08 de dezembro. Então, por favor, divulguem, passem essa informação e como diz a Margarida ontem, nós temos mais de 200 mil, não é isso, uns quase 293 mil pessoas aqui em Goiânia que terminaram o ensino fundamental, então o público para o Proeja existe, né, existe firme e forte, então a gente tem que trazer, divulgar esses cursos. Então, por favor, repassem.

Prof.ª Kênia: Boa tarde, pessoal! Ah... eu agradeço a a as brincadeiras afetivas aqui, desculpa eu e a Mad'Ana, nós estamos no projeto há seis anos né, é é tão afetiva essa proximidade que a gente carrega na defesa do Proeja que fica meio que informal demais num momento tão importante pros nossos debates, né. Mas, assim, é coisa de amiga do peito mesmo, então, vocês por favor, perdoem, viu, essas brincadeiras nossas! Mas, enfim, o Diálogos Proeja é uma uma iniciativa de muita importância pra nós educadores, né, a partir dessas discussões nós vamos repensando o que nós vamos construindo em sala de aula. O trabalho em sala de aula é o trabalho... éh... que ele precisa ser o tempo todo pensado, pesquisado, reinventado, pra que a gente possa... éh... dar elementos, construir elementos, que deem conta da realidade, né, realidade que ela é dinâmica e complexa, a realidade da Educação de Jovens e Adultos, por tudo que nós ouvimos aqui ela é



DIALOGOS PROEJA – IFG

extremamente desafiadora, né, em muitos aspectos, mas o mais interessante é a gente recuperar a ideia da condição de aprendizado que nós seres humanos carregamos, né, isso também foi revelado na fala, essa capacidade da gente também, éh, encontrar elementos de resistência de de sublimação do cansaço, das frustrações que a gente carrega, né, ao longo de todo o desgaste da vida pra redimensionar o nosso papel de aprendiz em sala de aula. Então, o aluno, o esse... esse estudante, ele chega com esse olhar sedento, né, com essa disposição e enorme de se reinventar e reinventar o espaço de sala de aula, então o educador ele tem que dar conta de pensar essas essas várias é é nuances que esse ensino vai exigir de nós em sala de aula, né, no momento, no processo todo e e um processo que vai demandar muita energia, muita pesquisa, reflexões e debates, né, e essa formação permanente, teoria, a a Universidade com as pesquisas jogando luz pra nós, nos acolhendo no sentido de propor grupo de trabalho, grupos de estudos, que a gente tenha onde buscar subsídios pra esse enfrentamento né, então, eu acho importante isso pra gente poder, éh, pensar essas relações todas. Eu sou professora de Língua Portuguesa e Literatura aqui no Instituto. Trabalho com a Educação de Jovens e Adultos desde o momento que nós a implantamos neste nesse campus, né, e e a Língua Portuguesa é a Língua Portuguesa do Ensino Médio, é o Ensino Médio Integrado, né, e aí, éh, o primeiro curso que nós tivemos foi o Técnico em Serviços de Alimentação que por depois por uma a uma mudança da nomenclatura de acordo com o catálogo do Mec passou a a ser nomeado como Técnico em Cozinha, esse foi o primeiro curso e ele vigorou sozinho, né, até o ano passado quando surgiu, surgiram, né, dois novos cursos, que foi a ãh o Transportes que, né, e depois, Informática, eu não sei se foi essa ordem exatamente, mas ah o Ensino Médio é o Ensino Médio Integrado aqui na Instituição e eu sou professora de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio. Então, essa preocupação é que todos colocam e que tem que ser sim mantida e pensada de não baratear, de não subestimar esse aluno da Educação de Jovens e Adultos, é o grande desafio que nós temos que encarar porque temos sim uma fra... uma de... uma variação de faixa etária muito muito acentuada e temos pessoas com com lacunas de formação, de tempo de afastamento muito distintas. É é é é diferente você pegar alguém que ficou sete anos, dez anos fora da escola e pegar alguém que ficou trinta e cinco anos fora da escola, quarenta anos fora da escola. Entende? É diferente! A relação éh ela tem que ser pensada em todas essas essas condições diferenciadas, né. Então, éh, o

que nós temos que entender? É que se nós olharmos pra esse aluno por conta só dessa historicidade, das lacunas, e não pensarmos naquilo que é fundamental, que é esse sujeito histórico que com... que constitui e se constitui em sociedade e que está mediado por todas as relações dessa sociedade, aí quem está sendo precaríssimo na análise que faz é o docente, é o educador, porque esse sujeito está inserido nas relações societárias, ele está bebendo e se nutrindo de toda a comunicação social que está posta na realidade, via mídia, via televisão, ele está no comércio, ele está nas relações de trânsito, ele está nas relações civis, com a plenitude como qualquer outro cidadão, ele está no mundo, ele é do mundo e é formado por estas mediações do mundo. Então, veja, não dá pra você pensar que a linguagem que você vai trabalhar no ensino, por exemplo, de Língua Portuguesa e Literatura que é a minha área de atuação, ela vai perder de vista esses olhares todos que em que ele, não é, ele eles eles se fundamentam que que eles eles vivenciam sua experiência e trazer pra sala de aula discussões rasas, né. Então, a ideia que a gente coloca é... é a experiência de mundo desse sujeito? Ela é rica, é a experiência que Paulo Freire nos ensina é desde sempre, né, a ideia de de que se nós não nos apropriarmos dessa leitura de mundo e essa leitura de mundo nós não podemos lembrar da leitura de mundo num contexto da década de 50, 40, nós temos que lembrar da leitura de mundo atual, é a leitura de mundo dentro de um contexto moderno, não é, e aí esse educando que tem essa leitura de mundo traz essa leitura de mundo pra nós, e o que nós vamos fazer com essa linguagem toda, plural, rica, variada, não é, multifacetada que ele trás e as experiências que ele carrega enquanto sujeito, o que nós vamos fazer com isso em relação à nossa disciplina nossa área de formação? Então é isso, a discussão é essa, eu vou conduzir aqui um pouco pelo que eu preparei, né, e vou fazendo as mediações, pra agilizar um pouco. Nesse Diálogo, sobre experiências de formação do ensino da Língua Portuguesa e da Educação de Jovens e Adultos, nos propomos a refletir sobre as nossas práticas de linguagem e comunicação. Sendo práticas sociais que demandam diversos níveis de interação, né, a linguagem e a comunicação nos possibilita não apenas a compreender e a balizar(?) os múltiplos códigos que permeiam a realidade contemporânea, mas também a criticá-los e relacioná-los. Dessa forma, além de estudar a língua escrita e oral trabalhamos com outras linguagens que fazem parte do nosso cotidiano e associando o estudo das linguagens ao da literatura desenvolvemos o senso de apreciação estética que está intimamente ligada a muitas



DIALOGOS PROEJA – IFG

atividades do fazer humano, em especial, as Artes Visuais e as da palavra. Bom, isso aqui eu já falei, né, das dificuldades que nós temos com a... o aspecto histórico, né, da da dessa conjuntura toda que envolve educação de jovens e adultos, as relações de sobrevivência, né, essas pessoas que se constituem no trabalho, né, que às vezes procurar mais de um emprego pra manter essa sobrevivência que é uma relação que eles trazem pra gente na sala de aula, né, são especificidades que reclamam mesmo uma mediação de aprendizagem que capaz de responder essas demandas, né. Então, essas especificidades como nós as colocamos aqui nós temos que contextualizar porque nós apontamos essas especificidades. Uma preocupação que a gente tem quando vem para o debate sobre o... a... o Proeja é, e a Mad'Ana colocou e a professora Margarida colocou isso, importantíssimo o relato de experiência dos nossos estudantes pra que, éh, possamos, éh, alcançar visibilidade dessa dessa... desse processo dessa relevância dessa formação, não é, é importantíssimo isso daí. É importantíssimo a gente entender que essas especificidades vão compor todo esse bojo de metodologias, intervenções que nós precisamos construir, mas isso é para que nós possamos melhorar, aguçar mesmo, né, as nossas possibilidades de intervenção e não para circunscrever essa realidade social acima daquilo que é o fundamental da construção do cognitivo pra que ele também tenha condição de fato de si colocar no mundo, de si apropriar desse conhecimento, de seguir, a exemplo da nossa colega, né, aqui [se dirigindo à mesa] que tá lá no seu doutorando e vê que o processo todo todo é de muita luta né e de superação pra pra que essa realidade possa ser possibilitada de fato pra eles, de fato, a gente sabe que teve muito empenho dela e dele, o sujeito é quem busca mesmo, de fato, é o sujeito que faz a sua formação, é ele que vai permanecer é ele que vai brigar por ela, mas os professores estiveram lá e brigaram por ela na na posição de educadores pra dar e oferecer o melhor que podiam em termo de pesquisa e de formação, então, nós temos que pensar essa parceria educadores, por isso o nosso seminário, quando falamos da troca de experiências entre educadores e educandos, é é é nesse perspectiva de reforçar o papel de cada de um de nós, dos educandos e nós educadores nesse processo todo, de não fazer tantas diferenciações mas fazer sim o resgate das especificidades pra que a gente possa trabalhar o processo que seja exemplar no sentido de ser, éh, capaz de intervenções é é é é né assim é fundamentais pra que a gente possa resolver essa questão. E aí quando, eu coloco isso aqui, quando a gente trabalha a questão da autonomia



DIALOGOS PROEJA – IFG

linguística dessa escrita, dessa leitura, desse leitor e e e desse é é é vamos dizer né é é pessoa com a competência de de de elaborar os seus textos, de escrever as as várias possibilidades de gêneros textuais e de seguir na busca pela formação científica, o texto acadêmico, o texto científico, quando a gente pensa di... nessa perspectiva, a gente tem que pensar que as técnicas, as metodologias de ensino da língua, elas têm que ser pensadas, reavaliadas, né, e e acrescidas de olhares com essa perspectiva de formação. Então, aqui, é fundamental a gente trabalhar a diversidade textual, né né André a gente [?] falamos disso ontem, diversidade textual, é fundamental. Nós temos uma sociedade midiática, a comunicação ela ela é assombrosamente presente hoje na vida das pessoas, né, nós temos tendo até problemas comportamentais no meio mesmo do psicológico de algumas pessoas que ficam muito dependentes da comunicação do celular, da comunicação com os jogos, crianças, adolescentes, nós temos problema do... da... a do virtual né dentro dessas relações desse [?] com o mundo permeando a construção da capacidade de elaborar por escrito numa outra lógica de escrita que rompe com esses flashbacks das mensagens rápidas né que nós temos no virtual e que precisa de fundamentação, referenciação, não é, resgate numa sequenciação linguística de texto que a gente precisa garantir que ele perceba isso, né, que ele perceba as conexões internas do texto, né, os níveis do texto, precisam ser colocados pra que ele domina a prática da escrita. Então, é importante que a gente pense toda essa abordagem desse material, éh, mais que que a gente vá desenvolvendo essas práticas na sala de aula e e aí a especificidade da disciplina que vai permitir que a gente defina se por um outro material, mas a gente tem que ter um horizonte, e nós vamos chamar de pano de fundo, né, esse pano de fundo é a perspectiva pedagógica e formativa que vai orientar todo esse outro trabalho específico da, no caso, do ensino da Língua Portuguesa e aí a gente chama a grande máxima freiriana da leitura do mundo e da leitura da palavra, né, a gente precisa recompor isso, ter isso como fundamental e norteador, a leitura do mundo e a leitura da palavra, né, como o o Paulo Freire definiu isso muito bem e conceituou isso muito bem. A construção das habilidades de leitura e escrita, talvez, seja o principal objetivo ao ser ao ser alcançado pelo trabalho com a Língua Portuguesa ao longo do Ensino Médio. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquela. A palavra que eu digo sai do mundo que eu estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai

além dela. Se for capaz de escrever minha palavra estarei de certa forma transformando o mundo. O ato de leitura implica uma leitura dentro e fora de mundo, implica na relação que eu tenho com esse mundo.” Isso tá lá em Paulo Freire, né, é ele. E ele vai trabalhar com essa questão do sensível, de... esta leitura do mundo vai ser representada pela ideia que tá posta simplesmente aí na na ideia de que anterior ao entendimento está a sensibilização, né, essa relação sensível com o mundo. E aí a cultura, né, o conceito de cultura, os vários conceitos de cultura tem que ser resgatado o tempo todo no processo da linguagem e da comunicação. Então, linguagem, comunicação e cultura são fundamentais pra essa discussão toda, né, e aí a gente tem ao lado da Literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas solitárias e poderosas da memória, da imaginação popular. E esta memória e essa imaginação popular irão permear as discussões dessa interação com esses diversos textos, né, por exemplo, eu vou citar uma prática que nós desenvolvemos aqui com todas as turmas, né, com seis períodos do técnico em Cozinha, que foi a leitura de um livro é intitulado “Céu da boca”. São relatos de experiências de refeições na infância. O livro foi organizado por uma psicóloga, não é, e ela reúne vários escritores, éh, profissionais de várias áreas do conhecimento, psicólogos, né, como é... tá ligado a área das refeições, ela também vai trazer chefes de cozinha, a Ruth Rocha, escritora, está lá, Moacyr Scliar, tá lá, também, escritores né, o Boris Fausto como memorialista e historiador também vai compor a a a esse painel maravilhoso que se constitui o “Céu da boca”. Então, aí que que nós fizemos? Nós xerocamos os textos, porque são relatos desses autores compondo o livro, e ao longo de dois meses e meio, então é assim, é um trabalho lento, mas um trabalho planejado é um trabalho sabe onde sai e aonde ele vai chegar, entende, então nós ficamos dois meses e meio. Um texto por semana lido por nós em sala. A gente chegava, lia o texto, comentava passagens dos textos, você tem textos que vão pedir né... aquele jogo de luz e sombra que o texto traz sempre pra nós leitores, então, a gente parava, discutia, mais assim, uma vez por semana é é... gastava o que, quinze minutos pra lê esse texto e aí a gente tava correndo contra o tempo, nós temos que desenvolver outras atividades também, né, mas temos que lê o texto, e lemos os dezoito relatos, né, é é juntos, e a medida que nos íamos lendo que nós íamos falando dessas memórias, a proposta que eles escrevessem o relato deles, né, cada um deles, foram cento e oitenta (180) relatos mais ou menos que nós tivemos e nós fizemos uma exposição com esse material do “Céu da boca”, né, a escola pode ler



DIALOGOS PROEJA – IFG

esses textos, textos de muita sensibilidade, textos que vão resgatar essa memória e mais interessante, a gente fez até uma brincadeira, eu peguei um texto de uma turma e levei pra outra turma e falei, “eu vou ler mais um texto aqui pra vocês”, e comecei a ler o texto, aí alguém perguntou “quem é o autor?” quem é o autor como se “tá onde no livro?” porque a aproximação com a ideia da recomposição simbólica do do sentido das refeições e mais ainda porque a proposta do texto é que fosse capaz de tocar a criança que cada um trazia de dentro de si e ao ler esses textos juntos essa criança foi emergindo. Quando eles escreveram essa criança tinha plenitude como ela teve na voz dos autores do livro, então, foram textos muito bonitos e esses textos estão expostos aqui novamente no Festival Gastronômico, semana que vem, né, [??], para a uma uma reelaboração das receitas de família, o projeto continua, né, então essa ideia de produzir textos de levá-los a se apropriar da escrita a partir do que, a partir de tudo que existe no mundo, mas principalmente a dele, dele sujeito, sujeito que tem voz, dele sujeito que tem experiência que vai ser relatada é a partir de o que fazemos mas também daquilo que ele já carrega né e essa... violência de... é... [?] a questão, né, tá, mas aí você vai separar ou vai escolher textos que tem tom otimista. Não, nós não vamos fazer só isso, nós vamos com os textos que circulam no mundo, porque nós vamos prepará-los como também foi colocado aqui pra possibilidades da continuidade, éh, dos estudos pra prestar o vestibular, né, ou possibilidade de um concurso, não é isso? Então, nós vamos também pros textos que que tem uma uma outra textualidade que exige, éh, uma análise diferenciada, que é a leitura dos artigos de opinião, os textos informativos, os textos científicos, e nós fazemos isso, também, metodicamente, ao longo do tempo, aí essa questão do espaço e do tempo da Educação de Jovens e Adultos é uma questão cara pra nós, porque eu fui construindo uma relação de permanência, sabe, eu sou professora de Língua Portuguesa do primeiro ao sexto período, eu fico três anos com aqueles alunos e aquilo que eu não consigo esgotar num período, eu sequencio no outro e por assim e a assim por diante. Então, o que que acontece? Eu consigo, éh, ir recompondo lacunas da da formação e ir recompondo lacunas que eu não consigo, éh, esgotar por conta das dificuldades que eles vem trazendo e aí eu tenho que entrar com uma série de outras metodologias, às vezes até consideradas muito antigas, né. Aí vocês poderiam perguntar, mas qual, por exemplo? Ó, veja bem, outro problema, eu tenho pessoas que ficaram trinta e cinco anos sem estudar, sem escrever e sem ler, sempre tem a frequência do texto escrito, visualizado,

percebido. Então, eu tenho um cuidado de ampliar textos, não deixo aqueles textos com a fonte tão reduzida que traga dificuldade pra esse meu aluno. Eu tenho esse cuidado. Eu pego o texto, eu faço uma matriz ampliada e aí e eu nem sempre eu consigo tudo, mas a maioria das vezes essa... ampliar essa essas fontes pra eu poder garantir a leitura, inclusive à noite de madrugada, porque o aluno vai ler à noite, de madrugada, coitado, ele trabalha, às vezes ele levanta cinco horas da manhã e vai trabalhar, então, quer dizer, ele pode ler até de madrugada aí eu pode uma fonte minúscula que ele vai precisar de uma lupa!? Porque eu não tenho o cuidado metodológico, pedagógico, de ir lá e fazer uma fonte maior pra que ele possa ler de madrugada. Eu vou possibilitar o que eu puder e isso eu posso. Dá trabalho? Dá, um pouquinho, mas a gente pode pegar um livro e ir lá lá no texto e ir na papelaria e falar lá “ó, aumenta isso aqui pra mim”, “aumenta isso aqui”, ah, mais vai gastar muito papel, pois é, num é, e as vidas que foram gastas pra sustentar esse país ganham tão pouco! E as vidas as vidas que foram gastas suando pra sustentar esse país?! Gasto sim, o papel que for preciso porque eu sei com quem estou gastando! Gasto sim! Então, éh, essa questão aí de trazer os textos sem sem banalizar e sem diminuir as possibilidades deles de... artigo de opinião, agora mesmo acabamos de ler um texto da Kátia Gimenes discutindo a questão da explosão demográfica no mundo, não é, tô aqui com uma aluna que me ajuda a reforçar os aspectos do artigo e que vai colocar a... estatísticas, né, de crianças abandonadas no Brasil e da dados de gastos gastos com fertilização artificial e ela vai levantar tanta discussão tanta discussão que no final ela chega a colocar que, éh, esses pais essas mães desejosas de uma gravidez a qualquer preço e qualquer custo e que possam engravidar e que insistem nos métodos de fertilização, éh, são mais egoístas, não é, são mais egoístas que que são... racistas porque usou o [?] racista é um [?] crianças negras... ela chega a esse ponto de elaboração de texto, enfim, ela discute, ela apresenta o ponto de vista, ela constrói um texto, uma argumentação. Lá vamos nós. Primeiro parágrafo do texto o que que ela apresenta? Vamo vamo vamos desconstruindo pra retirar da estrutura da paragrafação aquilo que é o central, a unidade, né, desse... a cada parágrafo. Depois, a gente passa pra uma discussão dos pontos de vista dela pra rebater isso ou aquilo. Vamos enumerando esses pontos de vista. Isso no quadro, viu! Parágrafo a parágrafo, mostrando, retirando do texto, e eles também respondendo em casa as questões que o livro didático Maria Luiza Abauim(?), que é excelente na nossa área, vai trazer pra se pensar a análise



DIALOGOS PROEJA – IFG

de texto de discussão de texto. Aí eles levam isso pra casa e fazem e trazem de novo pra nós, então, assim, é um um tal de ir texto e voltar texto, eu eu vivo trouxa(?) carregando uma bolsa super pesada porque ela vive lotada de texto, texto de um jeito, texto de outro, e aí eu volto naquele ponto, como é que eu faço com esse problema de pessoas que tão há tanto tempo sem escrever? Hum... quando eu trabalhei na Escola Agrotécnica, existia um material didático chamado “Escreva corretamente”, era pra o nível ginásial, “Escreva corretamente”. E a Escola Agrotécnica pegava os meninos que vinham de várias regiões, né, do país também, era ali em Rio Verde, e que tinham muita dificuldade com a escrita, então, eu construí uma relação de confiança de dizer, ó, a gente vai fazer um trabalho, mesmo que tenha a pauta caligráfica, [???], mas de recomposição e tal e e isso foi uma experiência tão rica porque eu percebia que aquele trezentos e vinte (320) agricultanos aceitavam fazer aqueles cadernos de ortografia e de caligrafia, porque aqueles lá também eram caligráficos, porque reconheciam a necessidade pelo que a gente colocava, né, a mediação da fala, da... da defesa, do ponto de vista. Bom, aí a coleção, ela mudou muito e hoje ela já não tem mais o perfil que ela tinha que eu achava até que era mais útil, mais simples, mas era mais útil... éh... mais eu... eu achei que uma saída boa, que aí vem o caso de recompor a escrita, visualizar, usar as palavras, usar, a gente usa a palavra escrita escrevendo e lendo, mas a gente tem que escrever, então, que que eu faço? Eu pego um texto, PCI Concursos, Ensino Médio, questão do ensino médio, pego as questões relativas a tema, a grama... aspectos de gramática que a gente já fez refez... revisão, que a gente já se apropriou, e coloco lá como exercício de pesquisa, responder em casa, nada é feito como prova, nada é feito como momento de... definitivo de uma nota que tem que tirar ali, é tudo pesquisa, mas é PCI Concursos, tá, é PCI Concursos com textos longos com todas as temáticas de Ecologia, de Meio Ambiente, de Relações de Trabalho, Filosofia, Literatura, História, né, esses dias mesmo a gente discutiu um texto, a gente tinha discutido lá, de sistema de numeração das casas na Europa, que surge na Europa, que depois vem pro Brasil, a escassez da água, dessanilização da água do mar, a gente vai por todos os campos dos temas que circulam com o Proeja e nada é menor, nada é menor, faria isso no ensino médio também, porque é o compromisso que a gente tem com esse aluno, com o aluno independente se ele é Proeja ou se não é Proeja, ele é o aluno que você tem que formar, você tem que possibilitar pra ele essas condições. E aí a gente coloca, e eles entendem o sentido



DIALOGOS PROEJA – IFG

disso, a transcrição do texto e aí eu sempre coloco, na Idade Média quem fazia as transcrições era os mon... os monges copistas, eles faziam isso para garantir a a permanência dos textos, né, pra história, hum... nós fazemos para garantir o resgate da escrita e do uso e o que nós transcrevemos? Os textos do PCI Concursos. Nós não transcrevemos textos quaisquer, valendo inclusive nota pelo esforço de estar transcrevendo isso, só que durante três anos, você transcrever tanto texto bom, você se apropria do uso da ortografia pensando nesse texto, num é, e eu penso... eu sempre digo isso “não façam isso mecanicamente, façam isso lendo o texto”, você se apropria das questões de ortografia, você se apropria da paragrafação, do uso, gente, o uso de inicial maiúscula pra começar a frase, é preciso que a gente recupere elementos nesse nível assim de dificuldade. Ele tem medo de mostrar a escrita dele, ele tem medo, treme de medo, entendeu? Então o que você tem que fazer? Bota pra escrever, vamo escrever, vamo botar a mão na massa junto a um autor bom e a gente vai se apropriando e ao final não precisa mais disso, nunca mais vão fazer, mas saberão... que aquilo teve valor naquele ponto ali, só que não, nós não vivemos só disso, viu?... essa parte chata da coisa, mas não é só disso não! Mas era uma vez, um... e aí o Drumond vai trazer isso pra nós... era uma vez Czar naturalista que caçava homens, quando lhe disseram que também se caçavam borboletas e andorinhas ficou muito espantado e achou uma barbaridade... né, então assim, que que espanta?... o que que espanta é você não ter uma ação pra intervir, né, porque é... às vezes eu fico perguntando é é lícito falar desse método? Dessas transcrições? Preciso pesquisar pra saber se isso de fato é uma coisa que... éh... não não... né assim, eu pela prática com ele eu tenho meus dados, ele escreve melhor depois que ele faz isso, depois de três anos, eu tenho certeza, e acho que os outros professores já perceberam que melhora né [?], melhora, só que eles não fazem só isso, eles fazem isso toda semana pra vê se a coisa vai segurando por um lado, né, aí... [riso] o meu tempo... mas aí tá né... ah, eu tenho muito coisa, eu queria mostrar, o que é que eu faço, a a aqui ó, assim, exemplo de como os professores podem ajudar os estudantes na compreensão e interpretação de textos lidos, exemplos de diferentes tipos de textos, todos esses textos circulam pelas nossas aulas, todos gente, podem ser utilizados em atividades pra os alunos conhecerem os diferentes usos da leitura e da escrita do dia a dia e, aqui, eu vou fechar, exemplos de atividades voltadas pra aprendizagem do funcionamento da escrita. Os dois últimos tópicos, aliás, aqui, exemplos de como a escola pode adotar práticas que valoriza a



DIALOGOS PROEJA – IFG

profissão dos alunos, é isso que eu queria chegar. Nos dois últimos tópicos aqui, nós temos essa essa preocupação, em promover amostragens na escola para exposição e divulgação de produções, promover conceitos de leitura e saraus para o desenvolvimento da habilidade da leitura em público e aqui a oficina de literatura. A oficina de literatura surgiu em 2009 com as professoras Deusa Castro e Kênia Bueno com o objetivo de possibilitar a leitura literária, principalmente, de ensinados... éh... de livros clássicos pros alunos do ensino médio e Proeja, tá, então, eu entro pra oficina com a minha pa pa posição de resgate e garantia de que os alunos vão participar e aí nós temos os saraus, agora nós temos umas imagens do que a gente tem feito na escola pra promover a leitura e a escrita interruptamente, né, são só imagens agora, vai ser rápido, é é a gente realiza aqui em frente o teatro na biblioteca. Vai ser dia seis de dezembro, esse ano. Começa às cinco da tarde vai até as dez da noite, às vinte e duas. A gente promove a leitura. Tem momentos de sala de aula... aqui somos né [referindo-se a uma foto] eu, a professora Maieri(?), professora Neusa, professora Poliana, fala que... a gente fala que nós temos [???] esse bolo temático é um bolo que os nossos alunos promovem, né, e e eles nos ajudam com dinheiro, que a escola não acha jeito de ajudar a gente com o dinheiro desse bolo, um bolo de quarenta quilos. Ele tem um um designe que lembra o tema lido, temas lidos, e aqui foi Guimarães Rosa, Miguilim, a gente leu é na oficina de literatura e também trabalhamos na na... alunas do Proeja lendo, a Cássia que é essa moça que tá com o jaleco branco, está cursando História, Licenciatura em História, aqui, já, né, ela ela saiu do Proeja tá fazendo a Licenciatura. Alice no País das Maravilhas que a gente leu e as meninas quiseram, né, se caracterizar. O bolo, famoso bolo... foi né... [respondendo a alguém que falava no auditório]... qual delas aqui? É a Ludmila? A Ludmila passou em Palmas em Engenharia de Alimentos, na Federal de Palmas. [???]. Aqui as meninas do Proeja fazendo, num é, porque é tão coletivo que a feitura... primeiro eles dividem comigo... a gente faz uma vaquinha por bolo e, depois, eles fazem o bolo e, depois, eles recitam o poema em cima do bolo, né, [risos] porque se não não tem graça, tem que ser tudo desse jeito, e aí eu fui agradecer o bolo, né, fiz por escrito pra eles [passa a ler]: “Meus alunos, obrigada pelo ajuda com o bolo mágico do Sarau. Os ‘Miguilins’ que lá estiveram encontraram a brabeza da maior alegria. [...] Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

por dentro! (...) O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma.” Guimarães, né. “Quem quiser saber meu nome carece perguntar não: eu me chamo lenha seca, carvão de barbatimão...” Amarro fitas no raio, faço o inferno fechar... opa... Amarro as fitas no raio, formo as estrelas em par, faço o inferno fechar porta, dou cachaça ao sabiá. Boto de pau no tatu calças poli marruá, sujigo onça pelas teta mode os menino mamá, o nim de passarim ouvinte passarinhá, se eu não gosta de mim quem é que vai gosta.” Antônio Cândido diz: “Sobre o liso do sussuarão em trazendo a beleza, eu pensava sobretudo no seguinte, o liso do sussuarão é intransponível, mas de repente é transponível, então ele é mais um deserto simbólico que um deserto real, porque ser ou não intransponível não depende da realidade geográfica, depende da força psicológica de quem está ali, o correr da vida, a vida embrulha tudo, a vida é assim, esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta, o que ela quer da gente é coragem.” Coragem, e nós temos, né, aqui pelo Proeja, nós temos. Muita coragem! Muito obrigada! [aplausos]

39

Prof.^a Mad’Ana: Nossas... oita dia difícil que a gente não pára de chorar, né, nessa nesse teatro aqui. Mas, então, vamo abrir pro diálogo, né. Então, queria agradecer aqui uma mesa bem feminina, questão de gênero, mas eu queria então que a gente começasse a dialogar. Vamos fazer as inscrições ou não? Já temos aqui, ó, duas pessoas, que bacana!

Aluna Miralva: Boa tarde! E sou Miralva, aluna do Técnico em Cozinha, 4º período. E quando eu entrei, éh, no Instituto, claro que uma grande ansiedade, né, pra aprender. Estava fora a da sala de aula há muito tempo. E, quando eu me deparei com essa pessoa maravilhosa que é a Kênia [risos], né, ela chega com entusiasmo pra falar de Língua Portuguesa, eu falei, nossa, terei muita sorte. Porque de fato, Kênia, você pra mim, é de fato um professor na sua essência. O que que é o professor na sua essência? Professor na sua essência é aquele que consegue contagiar o aluno e contagiar em sala de aula. Isso ela faz. Eu eu tomo a liberdade até de dizer aqui, tudo bem que todo unanimidade é burra, mas dentro da minha sala conversando com os meus colegas, a Kênia é cem por cento (100%) querida. E,



DIALOGOS PROEJA – IFG

claro que não só a Kênia, né, rã rã... temos os outros professores que são maravilhosos. Eu achei muito interessante a fala das duas alunas que elas ressaltaram o professor. Se elas ressaltaram esse professor de qualidade, significa que o Proeja tem salvação, né, porque o professor de qualidade ele vai contagiar uma sala, ele vai desenvolver métodos pra esse aluno ficar interessado, e eu creio que o aluno, o aluno Proeja, é o aluno que já chega cansado, tem um monte de coisas na sua vida [o microfone pára de funcionar], que que aconteceu? É o meu tempo? [risos de todos] É meu tempo? Eu nunca vi isso acontecer na minha vida! [recebe outro microfone]. Então, então baseado nisso eu acho que uma uma uma questão de se pensar é contagiar esse aluno, contagiar esse aluno, porque quando o professor chega com essa com essa fome, essa vontade de de passar o seu conhecimento como é o caso da Kênia e tantos outros também, mas é porque, eu puxo a sardinha porque eu sou muito apaixonada em Língua Portuguesa e Literatura, então, eu acho que, eu acho que a partir disso já será um grande caminha, num é, pro curso. Mas, voltando aqui na questão da professora Kênia, essa... ela desenvolve, desenvolveu essa oficina de literatura e desde que ela apresentou no primeiro (1º) período, eu tô participando, digamos que é uma coisa viciante [risos] porque eu já tô na terceira [oficina] e é tão interessante porque ela não trás obra obras qualquer, né, sempre obras interessantes, instigantes, e e são discutidas de uma forma bem abrangente, que faz com que a gente entenda a profundidade do texto. E seria tão bom que os outros alunos se apaixonassem pela oficina, se apaixonassem pela leitura, porque não tem outro caminho pra você aprender matemática, história, que a gente tem que ler muito, e tantas outras matérias se você não souber ler. É preciso ler, se apaixonar pelos livros. Puxa vida gente tanto livro na biblioteca, coitadinhos, né, fechadinhos, esperando que a gente vá lá, né, folhear, ler. Então, é preciso que se apaixone pela leitura que a gente tem grandes obras, isso é muito importante, e pra fechar, antes que o meu tempo seja cortado, tivemos música, claro que tem que ter um pouquinho de poesia, né... éh... eu vou declamar uma poesia assim muito simples: “Se um dia nós se gostasse, se um dia nós se queresse, se nós dois se impareasse, se juntinho nós dois vivesse, se juntinho nós dois durmisse, se juntinho nós dois morresse, se pro céu nós assubisse”... será que eu me perdi?... “mas porém se acontecesse de São Pedro não abrisse a porta do céu e fosse te dizer qualquer tolice, e se eu me arriminasse e tu e com eu insistisse pra que eu me arresolvesse e a minha faca puxasse, e o bucho do

céu furasse, da vez que nós dois ficasse, da vez que nós dois carisse, e o céu furado arriasse, e as virge todas sugisse.” Poeta seu Da Luz. [aplausos]

Prof.^a Lídia Lobato Leal: Boa tarde a todas as pessoas presentes. Eu queria elogiar a iniciativa pra gente fazer esses diálogos mesmo com o Proeja. Em forma de diálogo eu vou fazer a minha colocação, mas antes da minha colocação eu quero fazer um convite a todos, que é o Seminário para Educação para as Relações Étnico Raciais que vai acontecer aqui no IFG dentro do SIMPEEX, que acontecerá de 3 a 6 de dezembro. E aproveitar que nossos parceiros estão aqui presentes agora e que estão também em dezembro, eu trouxe os cartazes com as informações pra entregar pra vocês levarem pras unidades de vocês e já essa essas informações colocadas lá pra vocês poderem se inscrever pra esse momento, né, que também vai ser um momento de diálogo, onde a gente vai poder mostrar nossas produções, mas principalmente conversar sobre essa educação para as relações étnico-raciais. É, e dentro do Diálogos Proeja, eu queria... éh... fazer uma ponderação, acho que dentro da lógica mesmo do Paulo Freire que seria... acho que tá faltando a gente trabalhar com uma política dentro do Instituto que seria uma política de capacitação pra os docentes que chegam e que nunca tiveram essa oportunidade, que é uma oportunidade trabalhar com jovens e adultos, né, não é o meu caso, eu já tive essa oportunidade várias vezes, não só com relação ao Proeja mas na Educação de Jovens e Adultos do ensino público estadual. Então, essa política de capacitação acho que é o que tem emperrado mais essa relação do Proeja com os outros... não é um problema do Proeja, é uma relação de falta de política de capacitação pra os docentes que nas suas licenciaturas não receberam essa oportunidade de entender como é que a Educação de Jovens e Adultos se processa, que lógica é que organiza a Educação de Jovens e Adultos? Então, acho que o diálogo que eu quero travar aqui dentro dessa oportunidade é que, nós enquanto instituição pensemos em capacitação pra esses docentes poderem atingir esse público, que é um público que está conosco, que nós trabalhamos com ele e partilhar também uma experiência minha que eu tive a oportunidade de ter um trabalho meu aprovado em 2012, né, no ano passado na num evento internacional que era justamente dentro do Proeja, numa atividade que eu desenvolvi dentro do Proeja. Sou professora de Arte, Artes Visuais, né, e como a professora colocou, acho que a gente precisa de fato fazer esse diálogo, né, porque a gente aprende a ler o mundo e, primeiramente, a gente



DIALOGOS PROEJA – IFG

visualiza o mundo, conhece o mundo pela imagem, e depois a gente vai então ler o mundo pelas palavras, não só aprendendo a falar, mas principalmente aprendendo a ler pelas vistas e também ler pela palavra. E aí... éh... dentro desse trabalho que eu desenvolvi é uma coisa que as pessoas tem certo preconceito que é arte contemporânea para os jovens e adultos, que é algo que parece impensável pra quem trabalha com Arte. Vamos trabalhar só as obras consagradas que eles vão entender! Como se os jovens e adultos não pudessem compreender as coisas. Então, muitas vezes alguns professores, às vezes o próprio pensamento da gestão toma os alunos como pessoas incapazes. E acho que se a gente partir desse princípio a gente não chega a lutar algum. O que é primordial é que os professores sejam capacitados para compreender como acontece a lógica de ensinar para jovens e adultos, não é, pra nós que que estudamos um pouco da da história da educação vamo lembrar do do momento em que a educação pra jovens e adultos no Brasil não atingia aquele público de maneira satisfatória, exatamente porque as metodologias trabalhadas não eram metodologias adequadas, então, se o professor, ele, não tem uma capacitação nessa área, aí ele vai continuar usando metodologias inadequadas pra atingir esse público, então, eu tô trazendo isso como um diálogo pra gente poder pensar sobre. Acho que políticas de capacitação para os docentes trabalharem diretamente com esse público, com isso a gente consegue avançar demais no Proeja. Obrigada! [aplausos]

42

Aluno Givaldo: Boa tarde, pessoal! Éh... em nome da professora Kênia cumprimento a mesa, todos os professores presentes. Éh... o coroa aqui tem cinquenta e seis (56) anos. Eu me chamo Givaldo e eu sou a cara do Proeja. E, quando eu avisto a professora Kênia dentro do IFG eu já fico pensando “ali vai um Proeja caminhando pelos corredores do Instituto Federal” [risos]. Gente... éh... eu até hoje não consegui deixar esse sotaque de baiano. Tenho trinta e cinco (35) anos de Goiás e eu tinha quinze (15) ano numa cidade onde eu nasci, Rui Barbosa, Bahia e eu vindia tomate numa feira livre, numa feira de final de semana, e foi me oferecido uma assinatura de uma revista semanal, e com pouco que eu ganhava com a venda de tomates e cebolas eu fiz a primeira assinatura de uma revista semanal com quinze (15) anos e nunca mais eu parei de ler. Nunca mais. Criei meus filhos... éh... tentei terminar o ensino médio por três vezes, no interior aqui de Goiás na cidade do norte, São Miguel do Araguaia. Eu era um microempresário na área de gás de cozinha e



DIALOGOS PROEJA – IFG

tentamo a... tentei, mas precisava sustentar a família e precisava trabalhar e por três vezes desisti. Quando em 2009 eu estava num dilema porque eu tinha muita informação mas eu precisava ter uma parte teórica, ter o conhecimento, porque informação eu tinha bastante. Nunca mais parei de ler jornal, ler livros... éh... e quando foi em 2009 eu me matriculei no EJA, num colégio estadual na Vila Nova e quando andando no coletivo eu avistei um cartaz do Instituto Federal oferecendo o curso Proeja e rapidamente eu vi que era um curso técnico integrado e procurei me informar e já me matriculei, já fiz a minha inscrição. E fiquei só mesmo oito (8) meses nesse colégio estadual cursando o EJA na ideia de concluir o ensino médio. E, quando foi no segundo, no primeiro semestre de 2010... éh... por uma questão de prazo de dois dias de apresentar os documentos eu não fui selecionado. Tornei a tentar e no segundo semestre de 2010, deu tudo certo, e por uma questão, eu estou no sexto período do Proeja, e já não estou concluindo o Proeja porque um problema de viagens do meu trabalho eu num fiquei retido num período por questões de faltas, de viagens ao interior. E, quando chega em 2011, eu vi... éh... o horizonte tão amplo dentro do Proeja que consegui trazer a minha esposa a estudar e ela está no quinto período, já, aqui do Proeja... hã... e, nós estamos vivendo uns momentos aéreo porque o meu filho tá concluindo o curso... éh... de Direito. Ele é policial militar e a gente tá tendo várias alegrias. Umas das alegrias a gente estar nesta idade estudando junto com a esposa e com projetos... eu uso uma frase do Zagalo, ele fala “você vão ter que me aguentar”, e o IFG vai ter que me aguentar, porque [risos] eu já estou programado pra ficar no curso de Turismo e Hospitalidade, tentando concluir o Proeja e seguir o Turismo e Hospitalidade, mas eu tenho mais um projeto, porque foi uma coisa que me despertou muito... éh... através da professora Kênia, foi a questão de da Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e nesse projeto eu quero também formar em Letras, porque eu não vou me conformar só... eu quero... eu conversando com a minha nora no almoço de domingo e aí ela falou “quando é que encerra tudo?” eu digo, bom, na hora que vocês me sepultarem, porque eu quero estudar, eu quero essa caminhada, e eu quero aproveitar este momento porque tem professores aqui que se tornaram referências em minha vida. Eu cito aqui a professora Kênia, o professor Adolf de matemática, professora Juliana, professor Josué, professora Poliana, professora Cigreice(?), professor Tarciso, professor Paulo Ribeiro, a Cristina da Caren, Afonsa do Laboratório Gastronômico, então, a gente... e agora está... além das demais referências tem mais uma referência que substituiu



DIALOGOS PROEJA – IFG

Kênia no quinto, sexto período, que é a professora Mari e, essas professoras, a Kênia me despertou que eu fico na banca, eu tenho um amigo que é proprietário de banca, eu fico insistindo, ó, me liga na hora de chegar revistas atualizadas pro vestibular e sempre quando chega ele já me liga “olha, a sua já está separada”. E, minha esposa, eu fiz um acordo com ela, eu não encho o saco das das vasilhinhas de planta dela e ela também esquece meus jornais, revista e livros [risos no auditório], porque se eu estiro o braço na minha cama eu ponha a mão em livros do lado e jornais, então, existe agora um acordo, a Sânia não se preocupa mais com meus livros, meus jornais, minhas revistas e eu deixo ela à vontade com os vasilhos de plantas [risos]. Agora, eu... é a Revista Atualidade é um conjunto de todos os acontecimentos que, principalmente, que tem caído em redações na nos vestibulares da Universidade Federal e naquela Revista Atualidade você encontra o um pouco de tudo que é na área de conhecimento gerais, conhecimentos diversos e também a questão que mais preocupa o pessoal faz o vestibular que é a questão de redações e a e a essa Atualidade tem essa esse sentido de reunir tudo isso pra você desenvolver melhor a questão da da redação... éh... há poucos dias quando no 5º período eu recebi da professora Kênia alguns textos e na sala de aula, rapidamente, dei uma olhada assim e teve um texto que me chamou a atenção, mas como eu precisa dormir mais cedo... quando... dormi pensando naquele texto. Quando é quatro horas da manhã acabou o sonho e o dia demorava um pouco a clarear e eu resolvi ir para o alpendre da casa ler aquele texto, quando minha mulher pegou e falou assim “isso que é fanatismo” [risos no auditório], “isso é fanatismo!” eu falei “não, é porque eu dormi pensando nesse texto e agora eu tava querendo voltar ao texto”. Gente, e sobre o que foi citado aqui de Guimarães Rosa, Guimarães Rosa, eu já li, já por duas vezes, Grande Sertão Veredas, comprei a minissérie toda, e é é a gente vai deslumbrando o mundo novo, porque sempre eu tive muita informação. Eu não tenho nada contra quem fica ligado vinte e quatro horas na Internet, mas aí eu fui verificando que tudo que vai pra Internet é o que tá no jornal e em revista, eu prefiro tá lendo, eu gosto mais é de tá ali com o livro, a revista, com o jornal, lendo, porque aquelas notícias, tudo ali já veio da imprensa escrita, e aí eu procurei me colocar limites de acessar a Internet só duas vezes por semana e o resto ficar mais... éh... lendo a imprensa escrita mesmo... e eu... eu nunca eu vejo assim muitos colegas do Proeja às vezes eu tenho dado uma força mas eu nunca fui assim discriminado dentro do Proeja. Eu sempre pensei assim, como cidadão contribuinte somos nós

que sustentamos todas as instituições de ensino, as instituições governamentais, então, e principalmente nós os coraças que já trabalhamos, contribuimos tanto para o desenvolvimento do nosso país, mais do que justo estarmos aqui, nada contra os garotos, os jovens, não, mas nós também temos o nosso lugarzinho nesse espaço do ensino e eu quero usar uma frase de um grande líder norte-americano, pastor batista Martin Luther King quando ele falou “eu tenho um sonho”, e eu tenho um sonho, o Gil tem um sonho, o meu sonho é quando concluir tudo de projeto que eu tenho dentro do IFG, tirar minha aposentadoria, eu quero estar no litoral nordestino, com uma pousada concluindo... éh... tendo nesta pousada... éh... um público alvo que é a terceira idade, sem discriminação as outras, mas com o público alvo da terceira idade e ter nesta pousada um local de leitura e ser servido os quitutes de todas de toda a culinária das regiões brasileira. Eu estou me preparando, tenho conversado com a minha família neste sentido. Eu quero estar velhinho, de cabelos brancos e tendo este projeto de uma pousada sempre visando a divulgação da culinária brasileira e neste público alvo da terceira idade e... eu tenho estado muito alegre porque entre março, final de março e abril do ano que vem está chegando a este mundo a minha primeira netinha, a Júlia, e eu quero ser um exemplo de um avô que estuda, que lê, pra passar conhecimento e experiências de vida. Muito obrigado!

Prof.^a Mad'Ana: [??] o tempo, né. Tião! Na sequência.

Prof. Sebastião: Tive que ficar fora do do [??] do lanche, o lanche é ótimo, então, eu acho que eu perdi, de repente o que eu vou falar... mas eu tava tentando retomar uma discussão que eu considero importante, que a Margarida até disse assim “não, a gente vai propor essa discussão pras reedições do Diálogos Proeja”, mas eu falei “não, eu acho que a gente tem que discutir isso é agora”, depois a gente pensa como que a gente vai desdobrar, que é a questão da avaliação, né, a avaliação ela... eu fico vendo aqui a exposição da Kênia e e no fazer da Kênia ela vai, nesse processo de fazer dela, vai desvendando um... conceitos de avaliação, né, que são fundamentalmente formativos, eles são muito pouco examinatórios e mais avaliativos, né, e aí eu tava falando assim, eu acho que a gente tinha os depoimentos das pessoas, os bons depoimentos de de de boas experiências revelam que eles são avaliados, quando eles são avaliados eles revelam bons... boas situações. Toda reclamação deles são processos examinatórios que são... às vezes



DIALOGOS PROEJA – IFG

a gente usa a palavra avaliação como se avaliação fo... pudesse ser boa ou ruim, não, um teórico aí chamado Cipriano Luckesi diz assim, não, você tem avaliação, avaliação é essa que vai até, acompanhando o processo avaliativo e atento a todas as fases do processo preocupado com a aprendizagem e a formação e ele opõe isso no livro dele chamado Avaliação da aprendizagem que isso se opõe a uma coisa chamado por ele de exame, que é o que mais acontece às vezes nas instituições educacionais, porque o exame ele é muito utilizando quando você tem... éh... você tem, por exemplo, vaga pra trinta e você tem sessenta concorrentes, então, você dá uma examinada e corta trinta, porque você só pode oferecer trinta, né, então esse processo examinatório se dá muito no vestibular, o vestibular não avalia nada, o vestibular examina, é quarenta mil pessoas querente e só tem mil, então, você corta a cabeça de trinta e nove mil e mil passa. Como é que você vai? Então isso não é avaliação, isso é um processo é o exame vestibular. Ele mede muito pouco, ele não avalia, ele só examina. Por que? Porque avaliação são processos includentes em si, né, quando a Kênia e outras pessoas... tava vendo aquele cara de ontem, como é que chama aquele cara? [se dirigindo pra mesa]... [??] Otávio... ó ele lá! [apontando para o auditório]... então, Otávio, e o Otávio tava dando aquele depoimento de como agiu diante daquela situação da camada de ozônio, eu falei, engraçado, eu não sei se o Otávio já refletiu sobre isso mas aquilo é um processo de avaliação, não é examinação, não é examinatório, não é aquela coisa que vem de cima como um instrumento único e vem e se o cara não conseguiu o problema é dele, em geral os exames eles são assim, por isso que a prova é um terror, né, e por isso que a prova é um instrumento que quando usado único no Proeja ele causa um transtorno terrível, porque o menino vem e pode ser menino de sua idade viu [apontando para o aluno Givaldo na mesa] eles vêm pra bus... pra ver avaliados e não pra ser examinados, aí se ele encontra processos examinatórios que o princípio dele é a exclusão, “tô nem aí, se você não conseguiu problema é seu”, o vestibular é assim, né, se você não conseguiu o problema é seu, num é vestibular. Então, e a e a modalidade EJA a exigência dela é outra, a exigência dela é avaliação, não é examinação. Então, acho importante que nesse momento que a gente tá agora avançando pra processos de institucionalização, criam o fórum e tal, debruçar sobre isso e criar um processo porque a a Lídia tinha falado aqui “é preciso um processo formativo”, que mestre, doutore a pessoa pra lidar a EJA, não adiante você ser mestre e doutro, tem que ser mestre e doutor em EJA, você sabe atuar em EJA.

Então, se isso é verdade é preciso mais avaliar e menos examinar, aí a docência tem mais chance de alcançar o objetivo que é a aprendizagem, porque o foco tá na “você ainda não sabe, mas você pode vir a saber”, vamos criar um processo aqui que você consiga. Agora, o exame ele é é é é despreocupado, você cria o instrumento, você elaborou, você é inteligente, você elabora o instrumento, você diz assim, “ó, agora é com você, cê faz!”, porque é agora, é agora, it’s now ou never! E aí, it’s now ou never não é avaliado, é examinado. Então, eu tô... eu acho que é importante to... eu não vi nenhuma experiência de depoimento aqui em que a pessoa exalta o docente que o processo dele, as metodologias dele não fossem inclusivas e o processo avaliativo fosse formativo, todos são, e toda vez que ela tem um problema reclamando da docência é porque ela foi com a casca e tudo, foi na linha da avaliação, e não se preocupou com o processo, porque avaliação é processual, por si só, e a avaliação, não, ela é pontual, é agora, você tem que saber agora, mas eu eu só posso saber... o EJA não sabe agora ela só sabe amanhã, amanhã não serve? Mas que diabo, que negócio é esse que cê não cria um processo pra amanhã valer, uai! Porque se não você dá uma prova agora o cara não sabe agora mas amanhã ele pode saber, amanhã não vale mais! Né, tipo vestibular, vestibular você senta e faz agora porque amanhã não adianta mais, amanhã já passou o vestibular. Então, esses processos eles não... eles são contra essa modalidade, porque eles são excludentes em si, e eu acho que é preciso que a gente se debruce e se envolva mesmo e traga os teóricos, intelectuais, e conceituar os processos a partir de... ninguém precisa qualificar, avaliação não sei o que, é avaliação, não queremos avaliação, queremos avaliação, porque você falou assim [apontando para o Otávio] “ah, eu tenho um problema com avaliação”, seu problema é com avaliação. Avaliação é a solução do nosso problema, só que nós temo que conceituar esse negócio pra poder diferenciar o que que é avaliação e o que que é exame, que é o que muitas vezes a gente pratica, ferra a docência e às vezes o professor também sofre, né, porque ele acha que tá fazendo o melhor, mas ele não é doutor em EJA, ele tem que se doutorar em EJA por processos formativos, que são processos como esses, continuados e tudo. [aplausos]

Prof.^a Mad’Ana: Podia se apresentar.



DIALOGOS PROEJA – IFG

Prof. Alan: Boa tarde! Meu nome é Alan, eu sou [risos], isso me persegue [se referindo a luz do projetor em seu rosto], eu é que peço Josué, eu é que atravessei na frente, eu sou professor do campus Anápolis, tô no terceiro semestre na docência, tá, e o terceiro semestre com toda a minha carga horária dentro do Proeja... éh... foi um grande desafio na época, eu não tenho formação de docente, eu sou aluno, ex-aluno aqui do IFG campus Goiânia. Vou falar por mim e por outro colega que não tá aqui agora que tem a mesma formação minha, entramos no mesmo concurso, com um pequeno intervalo de tempo... éh... eu me lembro que como eu entrei antes, né, já com dois meses de aula e, o colega Marcelo entrou, ele me perguntou assim, “Alan, que dica que você me dá pra entrar em sala e ser feliz com o pessoal do Proeja?”, eu falei, “Marcelo, eu vou te dá três dicas: humildade, humildade e humildade!” Vendo aquele programa humorístico, não lembro nem qual, tinha a sandália da humildade, então, calce, calce a sandália da humildade. Isso assim, foi um... algo que eu coloquei pra mim, além de humildade, empatia, tá. Eu, mesmo sem formação docente, eu, em conversa com alguns colegas... logo de cara eu tive a oportunidade nas viagens nossa de ida e vinda, o André não tá aqui mais pra se defender, saiu, [?], professor André Teles que é o... extremamente querido, se tivesse oportunidade de algum dos nossos alunos dá um depoimento aqui, eu tenho certeza, da mesma forma como muitos professores foram lembrados, o André seria um dos nossos lembrados... [alguém da mesa faz um comentário] com certeza, já passou por aqui, né... éh... o André me fa... me ensinou bastante, me deu algumas, deu algumas orientações e tudo, e eu tenho adotado, acredito que deu sucesso, por esses três semestres... éh, aquela... até comentei com uma colega ontem, aquela avaliação, não me lembro se foi a Maria Margarida que apresentou, um um levantamento dos alunos do Proeja-FIC, foi o Jos... ah, foi o Josué que apresentou, né, eu faço algo parecido com aquilo informalmente no meu primeiro dia com cada turma, primeira turma, eu tenho cinco turmas. Desde o primeiro semestre [??] cinco turmas. Então, eu eu entro na sala, se for uma turma nova, eu falo da minha trajetória todinha, que foi uma trajetória que passou por alguns momentos de dificuldade. Eu fui me graduar depois dos vinte e oito anos, éh, estou sendo.. fazendo mestrado agora aqui na instituição também. Tenho uma ligação muito forte com a instituição. Gosto sempre de salientar isso, gosto sempre de salientar isso. E naquele momento ali eu procuro entender a história de vida daquele sujeito, de todos eles, colo a minha história de vida e procuro entender também. Como que ele



DIALOGOS PROEJA – IFG

chegou aqui, as dificuldades, éh, os momentos, tudo que passou, tá, eu trago aquilo pra mim e deixo a minha também. Isso acredito que é fundamental. Isso traz algo que contribui muito no decorrer do semestre, de extrema... Uma grande dificuldade, foi levantado aqui, o Tião acabou de falar, tava conversando com o Tião no fundo agora, essa questão de avaliações ou exames né, bem colocado Tião [olhando para o colega], é algo extremamente complicado. Eu ministro disciplinas técnicas, específicas... éh... se a gente já tem, já sente dificuldade de ler em material didática da educação básica, vocês imaginem isso nas disciplinas específicas, técnicas, material didático que a gente tem é de nível de graduação pra subir, então, a gente vai tentando adequar, tentando trabalhar... éh... dentro do Proeja. Avaliação, prova, é o terror mesmo! Isso aí é o terror, mesmo! Né! [Alguém faz um comentário no auditório. Risos. Outros comentários.] Também, não é só no Proeja não. Então, eu tenho buscado que, sempre trocando experiência com os colegas, muitas vezes agindo até de forma empírica mesmo, tendo sucesso, nem sempre, e o que é sucesso vem trazendo vai virando história da da do Alan na instituição, é avaliar de forma diária, de forma positiva, de forma a trazer o conhecimento do aluno, valorizar o que ele tem, valorizar o que ele traz. Eu tava contando pro Tião um exemplo: semana passada, isso me veio na hora, eu tinha passado uma atividade pro pessoal, eles fizeram a atividade, são dez alunos, cinco fizeram, cinco não, cinco que não fizeram falei “ó, vamo fazer agora então”, fazer em casa. Os cinco que fizeram, a gente começou o debate onde cada um apresentava o seu e o que tivesse correto a gente começou a pontuar, um joguinho, no quadro, quem tivesse algo parecido e correto também, também pontuaria, foi passando um pro outro, de repente eu falei “quem fizer mais ponto vai ganhar um bombom”, já começou a... né... a ficar legal a competição. Os que não fizeram já começaram “ah, mas eu também quero que faça com a gente depois”, falei “calma, vamos ver como que fica”. A gente foi fazendo fazendo, no final, dois alunos, um aluno e uma aluna, ficaram com a pontuação igual, “ah, então eu vou ali comprar os bombons”, falei “descul...” aí a ideia foi minha, falei “vocês não preferem tomar uma coca-cola ao invés desses bombons, não?!” “Ah, coca é muito melhor!” falei, “Então, vamos, nós cinco, lá fora na lanchonete tomar uma coca-cola” “vocês ficam aí terminando, tá!” a atividade. Aí deu aquele, né, aquela decepção “poxa!” se sentiram excluídos, né, poxa vão se confraternizar, não é a coca-cola, vão se confraternizar, vão sair junto, vão conversar com os alunos e a gente vai ficar. A gente saiu e eu falei pros que saíram “senta aqui, fica quietinho que

eu vou buscar essas coca-cola”. Fui na lanchonete, comprei os refrigerantes, comprei uns salgadinhos, coisa pouca, simples. Voltamos pra dentro, na hora que a gente entrou na sala, o pessoa tinha ficado... se surpreendeu, fazendo a atividade, falei “vocês acharam que eu ia deixar vocês de fora né, vocês não tão de fora, todo mundo aqui tá junto, mas vamos cumprir os horários, vamos fazer as coisas corretas, vamos trazer junto, vamos fazer junto, imaginem, todo mundo brincando igual a gente brincou aqui não era muito melhor?”. Pra pra encerrar, né, a gente confraternizou, tomamos refrigerante, comemos salgado, confraternizamos. Eu achei que foi algo bem produtivo, achei que foi muito, muito interessante, achei né produtivo. Mudando de assunto, eu quero aproveitar o microfone de mais dois aspectos. A colega... desculpa, eu sou ruim pra gravar nomes, mencionou né a questão de capacitação do docente... é Lídia... eu acho acho extremamente importante pra mim eu ter formação docente, para os outros também, só que eu queria aproveitar essa oportunidade que nós temos aqui, além da Prefeitura de Goiânia representar... as três instituições federais de ensino do Estado de Goiás aqui representadas, unidas com um propósito... éh... eu queria muito que daqui saísse, pelo menos projetos, sugestões, para mestrados e doutorados em educação Proeja, pra desenvolvermos nas nossas instituições, mais do que especializações, muito bom especializações, mas, vamos vamos assim, além de dá formação, vamos trazer algo mais a carreira dos docentes e mesmo dos administrativos, técnicos também, né, queria sugerir isso aqui. Queria também levantar, não sei se é o momento, não sei se é o palanque ideal, a questão da... desse aumento de três anos e meio pra quatro anos de duração dos cursos Proeja, eu acho muito tempo, eu considero muito tempo, considero que a vida corre, a vida tem pressa, éh, eu considero que três anos trabalhando se formando se o corpo docente de forma a a entender a realidade trabalhar dentro da realidade, acho que três anos seria o ideal. Três anos e meio, quando eu passei a trabalhar, já considerava muito, quatro anos eu acho demais. Queria levantar essa essa questão aí. Obrigado pelo pela oportunidade! [aplausos]

Prof.ª Mad'Ana: Professora [?], você se apresente.

Prof.ª Ádria: Boa tarde! Meu nome é Ádria. Eu sou professora do campus de Itumbiara. Não sou professora da Proeja, mas eu trabalho com a disciplina de EJA na licenciatura em Química. E uma coisa que me inquieta muito, por isso que eu vim

aqui pra aprender, pra me aproximar mais, porque é um momento de encantamento, né, com a Educação de Jovens e Adultos, porque eu assumi essa disciplina, eu sou psicóloga, sou professora aposentada da... éh... como professora de sala de aula de ensino fundamental por tempo de de contribuição, vinte e cinco anos de sala de aula. Já trabalhei com a Educação Infantil, Ensino Fundamental e estou no Ensino Superior há trezes anos, sempre trabalhando com licenciaturas e formação de professores e o que me me me inquieta muito é que nós precisamos nos preocupar com a formação do docente pra qualquer público, né. A EJA tem uma especificidade assim como tem o ensino médio, assim como tem a educação infantil, enfim, mas como eu estou mais próxima da EJA agora por conta desta disciplina, que eu também estou aprendendo muito também pra dividir isso pra aprender junto com meus alunos que serão futuros professores, né, éh, é que nós não conhecemos, nós professores, muitas vezes não conhecemos a realidade dos alunos da EJA, a realidade da EJA, porque cada campus aqui... éh... representado tem a sua especificidade, tem o seu perfil, não é, mas a formação é uma coisa que depende muito também do desejo do sujeito, então, ou, o futuro professor seja ele pra que área for, pra que nível de escolarização for... éh... ele tem que saber que ele tá lidando com seres humanos, com sujeitos, e que aprendizagem acontece até no último dia da vida e que a gente se desenvolve porque aprende e a gente aprende sempre... éh... então, essa preocupação como formação docente é o que também me inquieta como a todos aqui da mesa, muitos têm falado, e eu queria só dividir uma experiência com os alunos lá da licenciatura... éh... que foi uma atividade diferente, que a gente tá estudando várias... vários aspectos teóricos sobre a Educação de Jovens e Adultos e uma uma iniciativa, né, que nós tivemos, foi de levar esses alunos da graduação pra conhecer os alunos da EJA, que serão provavelmente os seus futuros alunos, né, então, eles fizeram, éh, pesquisa, entrevistas com alunos e com professores do Proeja de Itumbiara, fizeram entrevistas com alunos e professores de outras escolas de Educação de Jovens e Adultos da cidade de Itumbiara, isso depois vai se tornar um trabalho coletivo, né, da turma... éh... vai se transformar num artigo pra publicação e a... uma uma gratificação que eu tenho, eu me sinto muito gratificado com isso, que muitos alunos da disciplina disseram “professora, eu quero trabalhar com EJA”, eu nunca... eu não sabia dessa possibilidade. A gente pensa que vai trabalhar com química pra ensino médio ou ensino superior, mas a gente não pensa que tem esse esse público também, da EJA,

não é, e assim, uma forma de avaliar é disciplina vai ser em conjunto com os alunos, eles vão se avaliar, né, vão avaliar esse trabalho que eles estão fazendo, e uma etapa da avaliação é o trabalho que eles vão desenvolver com os alunos do Proeja lá em Itumbiara. Então, eles vão preparar uma atividade, vão conversar com os professores das disciplinas e vão trabalhar com esses alunos. Então, são alunos de EJA da licenciatura em química que vão estar trabalhando com os alunos do Proeja, né, Técnicos em Agroindústria. E, nesse momento, aproveitando... éh... aproveitando que o assunto por último foi avaliação. Essa perspectiva de avaliação formativa, éh, eu não vejo outra possibilidade de trabalhar que não seja essa, não é, porque se nós trabalhamos com educação, com aprendizagem, com desenvolvimento, isso não pode, éh... o que é aprendido não pode ser visto estanque e fragmentado, ele tem que ser visto no processo, né, e e aí eu lembro muito, éh, do professor Vasco Moretto que ele fala da prova paleatória, da aula paleatória(?) antes e da prova não como asserto de contas, né, mas como momento privilegiado de aprendizagem. Então, eu uso muito isso com meus alunos. Independente de ser da, éh, da graduação, da pós-graduação, éh, mas assim que... e o o momento que você vai ter que organizar as ideias, éh, conectar assuntos, selecionar e produzir alguma coisa, produzir uma síntese, você está aprendendo também. Então, eu às vezes até fato pra os meus alunos da graduação, “olha, o dia do nosso momento privilegiado de aprendizagem”, “ah, professora, é prova”, “não, vocês não vão provar nada pra mim”, “nós vamos juntos, né, ter mais um momento de aprendizagem”. Éh... então assim, eu quero parabenizar a... aos organizadores do evento, a todos os participantes da mesa, os participantes aqui dos campus, porque este está sendo um momento de aprendizagem privilegiado pra mim, né, e eu acredito que pra muitas pessoas também e, éh, eu quero apresentar o aluno Juliano, do campus Itumbiara, Proeja, Técnico em Agroindústria, ele quer falar um pouquinho, pode? Obrigada! [aplausos]

Aluno Juliano: Boa tarde a todos! Boa tarde mesa! Assim, eu queria contar um pouquinho, assim, da minha história, o que me levou a eu procurar o Proeja. Eu não sou um aluno que, por exemplo, falou assim “eu fiquei fora, eu não estudei porque eu não tive oportunidade”, é porque, igual eu vi hoje cultura representando aqui, eu tentei correr atrás de um sonho, mas como disse até a professora, o nosso amigo Leonardo fala “música é o seguinte: ou o cara fica rico ou fica bêbado!” [risos]. Aí o



DIALOGOS PROEJA – IFG

que que eu fiz, montei uma dupla sertaneja com um amigo meu, falei “ah, vamo correr o mundo”. Não deu certo. Ele veio a falecer de leucemia. Aí peguei, montei outra dupla com um primo meu, aí ele se afogou no Rio Paraíba [ocorre uma balbúrdia no auditório]. Aí eu peguei, né [???] [risos e balbúrdia] [???]. Aí eu fui fazer um show em Bom Jesus de Goiás. Aí chegou um cara lá e virou pra mim e falou assim... depois eu desci, né, fui beber um ratinho, já bebeu o ratinho? [se dirigindo a alguém no auditório]... coca-cola [risos]... aí o caboco “vamo canta, fazer uma dupla, correr o Brasil, tal”, eu falei “vamo, uai, só que você tem seguro de vida”, ele falou “não”, “plano funerário”, ele falou “não”, “então, não vem canta comigo não” [risos no auditório]. Aí eu vi que eu não ia ficar rico de forma nenhuma, falei “vou prestar concurso público, né”. Virei servidor público em Minas Gerais na cidade de Araporã. Aí, como todo congresso que tem, seminário. Aí, a gente fomo pro... chama ANFAPE(?), aonda que fala sobre dinheiro público, gastos, tudo. Aí fui embora pra essa cidade lá, beirando de Araporã ali, perto de Uberlândia, pra frente uma cidadezinha lá, aí topei um rapaz que trabalhou no banco com a minha mãe, que conhecia a minha família, os filhos do meu padrasto, todo mundo. Aí me viu lá e “ô, Juliano, bom, sumido!” “Bom, sumido mesmo, virei servidor público.” E falou, “é, bom, né!”. “Bom”. “E a família?”. “Não, meu irmão virou engenheiro químico.” “A sua irmã?”. “Cientista econômica”. “E os filhos do seu padrasto?”. Eu falei, “não, um formou em Uberlândia, em Agronomia, outro é professor da faculdade federal do Espírito Santo.” E falou, “é, rapaz, só ocê que não formou, hein?”. [risos no auditório e alguém diz “só ocê que é largado!"] Larguei, pensei e falei, “gente, ele tá me rebaixando, né!” [mais risos] Aí dei uma voltinha, voltei e falei, “é, mas podia ser pior”. “Pior o quê?”. “Uai, podia ter virado prefeito, corrupto, né!”. [mais risos] Só que ele era prefeito, né. Aí eu falei assim, uma pessoa que é formado, igual ele é, ele é advogado, é prefeito, a gente vota nisso, em vez de incentivar as pessoas ele tavam denegrindo. Aí ontem na mesa aqui falaram que querem acabar com o Proeja, tava tendo essa especulação, né. Já teve essa especulação que eles queriam acabar com o Proeja? [se dirigindo à mesa] Aí, o que que eu acho disso? O Governo, eu falo tanto o Federal, Estadual, Municipal... tudo que dá certo, igual esse processo aqui, ele tá dando certo, porque tá formando caráter, tá formando opinião. O governo não quer saber de formador de opinião, porque o que é formado de opinião pra eles é prejudicial. Então, por isso, eu acho bonito o trabalho do professor, os alunos... eu tenho vários problemas lá in na cidade de Araporã, onde que eu sô... tem um



DIALOGOS PROEJA – IFG

professor mesmo, né, que eu dô manutenção nas escolas, é o dia inteiro eles me ligando, “ó, quebrou tanto, quebrou isso”, mas quando dá de tardinha eu já corro, pego o ônibus, vou lá pro IFG lá de Itumbiara, logo que eu já chego lá, acabou, descansei a cabeça, já tô melhor, o outro dia, consegui de novo. Aí como eu tava querendo até explicar, vocês falou dos meios avaliativos de aluno, já mudando um pouco o foco do assunto. Os nossos professores lá até agora nós somos uma turma, uma turma lá, começamos como segundo período, era quatorze alunos, até agora, graças a Deus, desistiu só um. Dos treze temos alunos lá de de o mais novo deve ter a faixa de dezenove anos também e a mais velha a faixa de cinquenta, cinquenta e dois. Tem dificuldade. Os nossos professores, o que que acontece que eles fazem? Primeiro, pra ser avaliado você tem que ter presença. Você tem que estar em sala de aula. Eles olham a presença da gente e, como por exemplo, eles passam a matéria... tem uns alunos igual eu vou explicar tem mais dificuldade, o que que acontece? Se eu aprendi a matéria de matemática e a senhora que tá lá igual a a Divina que tem dificuldade em matemática maior, aí eu vou lá ajudar ela. Ele tá observando que eu tô ajudando ela ali. Eu tô crescendo, ela tá crescendo. Os trabalhos são avaliativos... esse negócio igual falou “ah, da prova, todo mundo tem medo”. Eu acho que prova tem de ter. Tem de tê a prova. Por exemplo, não conseguiu, “não, tem a prova aqui ó...” a prova substitutiva, mais lá na frente, “não vamo fazer outra prova”, tem os trabalhos, tem tudo. Então isso é importante, porque a gente pega e fala assim também “vamo fazer num vai tê prova”, mas amanhã a gente quer prestar um vestibular, vai me ser cobrado, vai ser isso, se a gente não acabar com esse medo, não vai adiantar. E mais agradecer gente, ceis não falaram do campus de Itumbiara, é ótimo, fica situado do lado do Aeroporto saída pra Minas Gerais, viu, na ponte férrea, patrimônio histórico. Eu tô desde [??] “gente, mais ele não vai acertar a ponte lá, não!?” [risos no auditório] Eu peguei falei, “não, professora na hora que tiver oportunidade lá pode me chamar, que eu quero falar lá.” São ótimas pessoas. São formados mesmo, não, assim... mestres, doutores. São pessoas que eu falo, meus professores lá... tem minha professora de Português, na hora que eu tava vendo a senhora pegar e falar [se dirigindo à Kênia na mesa] [?] ela é mais magrinha mais é braaaba [risos no auditório] mas eu adora ela, que na aula dela ela fala assim “vamo aprender”, “vamo”, começou a brincar, “ó, agora não é hora de brincar não”, explicou a matéria, “agora quer falar”, fala. Então horário de brincar é de brincar o horário de aprender é de aprender. Então, por enquanto, ó, brigado a todos aí e quando pudé

vai visitá a gente lá no campus Itumbiara. E quem quiser dá uma palhinha comigo lá no campus lá tá convidado. [risos no auditório] [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: [?] é pra provocar... eles lá vão ficar com raiva... ele falou assim “você num falaram de Itumbiara, não, agora eu vou falar”, é assim mesmo [risos]. Tá, agora o professor Josué.

Prof. Josué: Boa tarde! Boa noite, não, boa tarde ainda. [risos] Só falta um pouquinho. [??] Vai falando de Itumbiara assim, tá, vocês não tinham chegado ainda, inclusive eu estive nessa semana em Itumbiara, né, falando... isso... falando exatamente da questão do Proeja, né, discutindo as questões do Proeja. Eu acho gente que, éh, eu acho que é isso, a gente tá conseguindo... éh... chegar aos objetivos... éh... pelos quais nós nos reunimos aqui, né, que é trazer as questões, né, que incidem sobre, né, o Proeja, enfim, são práticas pedagógicas que foi falado aqui, a questão de... a própria política ou o próprio Proeja na condição de política, a questão da avaliação, e agora surgiu, éh, na fala de alguns aí e da professora Ádria, a questão da formação de professores. Eu até tava... decidi que não viria aqui falar, né, pra não gastar mais tempo, pra concluir, mas... éh... eu lembrei de algo que está acontecendo no Instituto Federal, né... ah... hoje a... tinha comentado ontem que a EJA não chega a ser unanimidade, né, na sociedade muito menos aqui dentro dessa instituição e, o reconhecimento da necessidade de formação de professores e qualificação de jovens e adultos também não é uma unanimidade entre nós aqui... éh... pelo menos aqui no Instituto Federal de Goiás. E nós temos um processo, uma tentativa de desconstrução através do Fórum de Licenciatura, inclusive já nos posicionamos a respeito, a coordenação do departamento 1, fórum goiano de EJA, que é a tentativa de acabar com a disciplina de Educação de Jovens e Adultos, de retirá-la das matrizes curriculares, sob os mais variados argumentos, por exemplo, das licenciaturas, isso... éh... então, sob os mais variados argumentos tipo, por exemplo, não, a gente tem que muito pouco tempo a gente tem disciplina demais, né, enfim, são vários os argumentos de que, ah, na licenciatura a gente não tem como colocar porque já está... já tem muita disciplina, enfim. Mas, a gente percebe que por trás disso há uma visão que é muito conservadora e que não consegue perceber a Educação de Jovens e Adultos como modalidade e os sujeitos da educação da de jovens e adultos como sujeitos que têm as suas especificidades,

portanto, necessita necessita necessitaria... éh... de um preparo a pedagógico adequado pra lidar com esse público, né. Então, eu tô colocando isso aqui porque eu acho que esse é um fórum que é legítimo pra refletir sobre isso. Nós temos aqui... éh... vários professores que atuam com essa disciplina, Educação de Jovens e Adultos, né, professora Ádria, eu mesmo, né, tem mais gente aqui, alguém já... mais alguém aí trabalha com a Educação de Jovens e Adultos nas licenciatura? Professora de... Química... qual campus? Inhumas, pois é. Teve alunos, inclusive, dessa disciplina de licenciatura do interior que se apresentou, né. Então, assim... éh... é uma é uma coisa que está posta, é um problema que tá posto, né, eu acho que depois a gente pode remeter isso inclusive pra discussão no fórum... éh... do Proeja, que vai ser instituído posteriormente, mas essa fala que eu estou fazendo aqui é só pra mostrar pra vocês os desafios que a gente tem, né. Os desafios que tem hoje postos dentro do do curso do Proeja ele tem obviamente lá... estão lá na licenciatura, né, e aí Mad'Ana... éh... a gente tinha falado a questão da carta... aí depois a gente retoma isso quando a gente tiver falando em relação a carta do evento.

Prof.^a Mad'Ana: Então, não tem mais ninguém inscrito, alguém gostaria de... éh, já são quinze pras seis, mas vamos dialogar um cadin a mais, né, vem cá, não vem cá, Dilma.

Dilma (IF Goiano campus Rio Verde): Boa tarde ainda, né, dois minutinhos... não vou falar aqui a noite não gente [risos] éh... antes de iniciar eu gostaria de parabenizar o pessoal que organizou aqui o diálogo, Diálogos, né, Diálogos Proeja e dizer que linda essa tarde de hoje. Eu acho assim, vocês conseguiram trazer a a beleza que é a educação que... éh... ficou um pouco perdido o sentido assim da criação, o sentido de a educação como ato de transformação da realidade, de criação, pra... a educação como ato de produção, de atender o mercado, de produzir pra CAPES, de ter pressa, de agir para ontem. Eu sou do Instituto Federal Goiano campus Rio Verde e nós não temos curso integrado, não temos curso de Filosofia, não temos curso de História, né, nós temos Engenharias, nós temos cursos técnicos, nós não temos cursos técnicos integrados apenas na modalidade, éh, de EJA. Nossos cursos todos são cursos técnicos de um ano e meio, dois anos no máximo. E nós temos dois cursos técnicos integrados na modalidade Proeja, éh, na modalidade EJA, é dois cursos de Proeja na modalidade, éh, de EJA, um de Alimentos e um de



DIALOGOS PROEJA – IFG

Administração. Mas, no mais a gente só tem aquele aquela perspectiva de educação de de, éh, formação rápida, de, éh, da pressa, da produtividade, de atender o mercado, de ajustar o conteúdo pra atender as empresas, também nessa perspectiva a formação que se dá ali. E aí com essa mesa de hoje eu fiquei encantada porque vocês resgatam o sentido do... éh... da emoção que é o ato de ensinar, da paixão que é o ato de ensinar, que não é só... éh... assistindo é... [?] assistindo aquele The Voice a gente vê muita emoção nos dos dos cantores que estão ali avaliando, né, os demais, é Lulu Santos, é Cláudia Leite, então eles choram, muitas vezes eles choram, ali, no palco, porque eles se emocionam, emocionam com os cantores, pela beleza de que está se apresentando, eles se emocionam porque remete também a sua realidade e aí eu vi vocês hoje, o choro da Kênia, o choro da Mad'Ana, achei lindo, porque educação também pode se emocionar, a educação também ela pode transformar, ela também pode trazer o lúdico, o jogo e a Kênia pergunta, "o que que espanta no Proeja?", o que espanta no Proeja é isso, é dizer o tempo não é só esse, o tempo também é o tempo do vagar. O que que espanta no Proeja? Ele também como o o o aluno falou aqui é é o *greencard*. Isso espanta. Espanta a área dura, a área das engenharias, a área técnica, isso espanta! Aí o professor fica sem saber, "não é assim que eu aprendi", porque eu sou da época em que a gente aprendeu dessa forma, a educação era ensina com emoção, só que os professores que estão formados hoje, chegam ali no instituto com vinte e cinco anos, com vinte e três anos, eles chegam meio jovens já com mestrado, doutorado, aos vinte vinte e sete com doutorado, chega aos trinta com pós-doutorado, eles não passaram por esta educação que tinha uma perspectiva de transformação da realidade. Eles são pós a CAPES que quer, que torna obsoleta a produção intelectual depois de três anos, depois de cinco anos. Eles são dessa geração. Então, o Proeja espanta porque eles não nasce... não tem isso como história, e eles não tem isso como prática, isso particularmente no no IF Goiano campus Rio Verde, que a gente não t... que não tem esse diálogo com as outras áreas do conhecimento, então às vezes eu é é é me sinto bem só lá. Eu fiz pedagogia... [o microfone para de funcionar e é substituído]. Então, eu me sinto assim, é, fiz Pedagogia, é, depois fiz mestrado em educação, então é, não tenho é é é difícil o diálogo também porque é é é outra, outra formação que esses alunos tiveram. Então, gente pra concluir, o que espanta no Proeja é isso, é porque nós hoje, é porque a gente precisa também, e aí eu retomo a fala da Mad'Ana de ontem,

porque o Proeja ele tem essa... ele traz de volta pra educação essa exigência do diálogo, essa exigência de mudança, de transformação de concepção. Não é esse o tempo da aprendizagem que vocês querem nos impor, com esse tempo não é possível aprender, então, ele traz essa quebra de paradigma posto hoje pra educação. E o Proeja tem essa virtuosidade de trazer esse quebra de paradigmas. Então, isso é belo, isso é a beleza do Proeja, por muitas outras coisas mas também por isso ele tem a sua, a sua grande virtuosidade. Então, obrigada a vocês. Parabéns a vocês da mesa! [aplausos]

Prof.ª Mad'Ana: Só pra finalizar [alguém diz “posso ser o primeiro inscrito da noite?”] Pode! [“porque eu acho que vou criar polêmica”] Ah, então tá, então só pra... vocês querem encerra... a Kênia quer... rapidinho, já estamos encerrando então. Três minutinhos senão a Kênia vai chorar, se a gente não insistir... vai chorar não!

Prof.ª Kênia: Uma das práticas, a gente intitula “Concerto de leitura” do Proeja, né, esse aí foi realizado em 2009. Nós vamos ter um próximo agora dia 14, é, véspera do nosso feriado, né, lá no miniauditório da Martin Bezerra com as turmas atuais que estão aí. Essa turma aí foi 2009 [apontando para a projeção]. Pra frente aí Josué, você tá demorando muito! Aí eles estão lendo, lendo, mas... aí no final tem um jogral em que todos os alunos, é, das turmas, leem o mesmo poema, o o o “Liberdade” do Paul Éluard, mas leram assim sequenciado, né. [Passa-se a ouvir o áudio do vídeo de apresentação dos alunos] É um poema belíssimo belíssimo! Eles tinham lido comigo todas as turmas o poema todo, mas aí pra fazer a leitura, o poema é longo, né, aí a gente tentou fazer esse jogral, que é é uma coisa característica nossa, né, não é muito ensaiado, a gente não tem muita condição de fazer assim as coisas acontecerem com um certo tom de perfeccionismo, é professor gosta de ensaiar, repassar e tudo, mas é, era um poema que tava internalizado nos sentidos dele, então, assim é uma representação dessa busca nossa, né, a liberdade, liberdade que a gente pode construir, né, então é isso. Muito obrigada! [aplausos]

Prof.ª Mad'Ana: Queria passar para a Lucianne também fazer as suas considerações finais e, depois, dos meninos, rapidinho.

Prof.^a Lucianne: Só dizer que foi um prazer imenso, né, estar aqui. E esse terceiro Diálogos Proeja e que... quando é que vai ser o quarto mesmo, Josué? Quarto, ano que vem... tava conversando... então que o quarto Diálogos Proeja ano que vem nós vamos estar aqui, não vamos? [se dirigindo à aluna Emília ao seu lado] Vamos trazer mais colegas de vocês, né, isso, e aí nós já vamos ter exatamente o que foi pedido, professores com um pou... um pouco mais atualizados, conhecendo um pouco mais sobre a realidade do Proeja e suas especificidades. Aí eu fico muito feliz em dizer mais uma vez que o IF Goiano terá em 2014 uma especialização em Proeja. [aplausos]

Aluna Emília: Como a Lucianne disse, ano que vem a gente volta com mais história pra contar. É um prazer, foi um prazer enorme também pra mim, poder trocar experiência. Vou levar isso comigo sempre porque conhecimento nunca é demais. Eu queria agradecer publicamente a Mirian e a Lucianne por ter feito o convite e agradecer e parabenizar todos, que fizeram esse evento tornar realidade. Toda realização. Realmente o Proeja precisa desses diálogos. E, foi uma iniciativa que a gente pode ter a comprovação real que a educação está no caminho certo. Muito obrigada! [aplausos]

Aluna Núbia Regina: Então, rapidinho aqui. Quero agradecer todo mundo, principalmente a mesa por ter me convidado, mas deixo aqui a pergunta ainda já que isso aqui é Diálogo Proeja, eu quero essa pergunta: chega no campus uma oportunidade, o que fazer? Pois são cinco salas mas uma é Proeja. Você divide a oportunidade a todos ou só se sobrar é que você então dá oportunidade para o Proeja? Então, esse é o meu ponto a saber. Meu muito obrigado por estar aqui hoje ao lado de vocês. Foi muito prazeroso. Obrigada! [aplausos]

Aluno Givaldo: Eu quero agradecer e por ter mestres, professores e professoras, tão dedicados. Nós no Proeja nos sentimos honrado neste dia e que que isso sempre continue ano após ano. Muito obrigado! [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: Gente, o Josué tem uma... que nós tivemos já duas conquistas, né, uma é que o Diálogos Proejas, Diálogos Proeja vai acontecer ano que vem, não é, e a outra é a constituição do fórum permanente de discussão do Proeja dentro da do



Instituto Federal de Goiás. Tem uma terceira proposta aqui também que a gente queria submeter a você [Josué] que a gente acha importante, mas só pra falar, hoje à noite nós temos o o “Diabo a quatro”, como é que é? Cadê o Tião? “Diabo à quatro”, às sete horas da noite, sete e trinta, né, é outra apresentação... é já conversado, Tião e Andreia também né... então tá. Temos mais apresentações artísticas, mais debate, mais diálogo, tá. Então, vai Josué. Brigada, viu gente! Palavra final do Josué.

Prof. Josué: Pessoal, então a a Mad’Ana já trouxe alguns elementos aqui, né, e foram de algum modo, de algum modo não, diretamente com vistas a esse processo de mobilização, né, éh, e aí a gente acha que, a gente entende e aí trazendo aqui como proposta pra vocês da elaboração de uma carta, a carta do Seminários Diálogos Proeja pra ser remetida pra todas as autoridades, pra todas as os gestores, tanto do Instituto Federal de Goiás quanto Instituto Federal Goiano quanto também da Secretaria Municipal de Educação. Certo? E Universidade também né professora! E aí a gente... éh... inclusive ne nesse documento explicitar... acho que as falas aqui deram o tom do que a gente ainda precisa fazer para consolidar o Proeja, do que é necessário, né, do que foi exitoso, né, das experiências que foram positivas, do que precisa melhorar, né, onde avançar, acho que foram vários elementos, só nessa mesa agora vários elementos surgiram além das outras falas de ontem, em relação por exemplo a questão da política, né, a fala da Roxane, quando ela fala que o Pronatec não serve, não, né, atende a formação dos trabalhadores etc., mas eu acho que seria importante, não apenas eu né, a comissão organizadora entende que seria importante formalizar isso num documento e submeter pra que essa plenária aqui aprove e pra que a gente remeta então pra esses gestores de todas essas instituições que organizaram esse evento. Podemos encaminhar dessa forma? Nós, éh, faremos então, né, professora Margarida, uma prévia dessa carta, não vai dá pra fechar o ambiente, mas pelo menos uma uma minuta desse documento pra ser lido ao final, hoje, da né da nossa última mesa agora à noite e ali a plenário aprovaria essa minuta e a comissão organizadora ficaria responsável por pela sistematização, como todo mundo aqui fez inscrição, éh, nós temos o e-mail de todo mundo, encaminharíamos por e-mail e quem tivesse alguma sugestão retornaria com sugestões e essa comissão ficaria responsável por fazer essa, né, pra verificar a [?] pertinência dessas dessas contribuições que seria necessária incorporar a esse



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

documento ou não, certo? Seria possível encaminhar dessa forma? Essa... a comissão então vai retomar... vai retornar pra vocês o documento já mais sistematizado, não apenas a minuta, né, a minuta vai ser o que, vai ser aprovado hoje e aí depois a gente vai estudar a incorporação dessas sugestões e finalmente nós vamos encaminhar o documento em nome do evento, né, em nome fórum aqui para, é, os gestores. Estamos encaminhados assim então, né? Estamos combinados? Então gente nós vamos agora... o lanche tá pronto, Tião? Passar pro Tião aqui.

61

Prof. Sebastião: A luta continua. É o seguinte: o lanche tá chegando, tá no trânsito ali, era pra ter chegado às cinco e meia, mas o cara disse que dez quinze minutos, né, ele tá chegando. Então, a luta continua.

Prof.^a Mad'Ana: Então o lanche aqui pra gente conversar, tomar um, né, suquinho, tá ok?! [As pessoas passam a se retirar do teatro para o local do lanche]

2 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 01/11 - NOITE

Cerimonial: [?] das licenciaturas do IFG e demais presentes. Meu nome é Adrielly Felipe aluna em licenciatura em História do IFG aqui no campus Goiânia. Sou bolsista do Projeto Observatório de Educação da CAPES, núcleo IFG, que acompanha o desenvolvimento do Proeja e Proeja-FIC. Este evento, interinstitucional, está sendo promovido pelo mesmo Projeto Observatório da Educação desenvolvido em parceria com o Instituto Federal de Goiás, Instituto Federal Goiano, Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e Universidade Federal de Goiás. Em sua terceira edição, o Seminário Diálogos Proeja tem como objetivo promover o debate entre todos os sujeitos envolvidos... éh... na EJA, tendo em vista pensar o processo de expansão do Proeja e Proeja-FIC e os desafios vivenciados pelos seus sujeitos no dia a dia da instituição, das instituições. Sejam muito bem vindos! Convidamos a professora Márcia Melo para coordenar a mesa redonda “Experiências do Proej... do Projeto Proeja-FIC”. [aplausos]

Prof. Sebastião: Só vamos informar uma coisa aqui. Vocês viram abertura de mesa sem mesa [risos]. A mesa é virtual porque eles vão antecipar uma enquanto o pessoal das escolas chegam, aí nós vamos ter o “Diabo a quatro” aqui fazendo o show e, depois, a gente retoma a mesa com a mesa. Tá bom?

Prof.^a Márcia Melo: Boa noite! Éh... pra nós da Secretaria Municipal de Educação é um prazer muito grande que a gente tá aqui hoje no Diálogos do Proeja... se aquete Tião [risos]... éh... e também... éh... uma... tá sendo um desafio a gente vivenciar a experiência do Proeja-FIC/Pronatec, é, nas nossas dez escolas... éh... do município, né. A gente hoje... éh... vive esse grande desafio mas tem sido um desafio também prazeroso porque... éh... acredito pelas... ah... as andanças do nosso trabalho que a gente vai colher frutos muito positivos disso. Éh... e aí como o Tião colocou a gente vai tá com uma mesa virtual porque eu não dou conta de todos esses instrumentos, né, [risos] então... éh... nós vamos tá aqui apresentando... éh... alguns dados... éh... com relação a essas dez escolas pra vocês... éh... quem vai fazer essa essa apresentação é a professora Ítala Maria Alcântara, ela é professora da rede municipal de educação. Hoje também ela é orientadora e formadora do Proeja-FIC/Pronatec e ela é mestre em educação, né, ela tá nesse nessa labuta aí com a gente... éh... de



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

estudo, de diálogos, éh, com relação ao Proeja-FIC. É por que que é Proeja-FIC? Porque aqui no IFG e nos campus vocês fazem o ensino médio, não é isso? Lá no município, o município atende o ensino fundamental, então o FIC significa que é a formação inicial desses educandos, tá bom, a formação profissional inicial porque eles não podem sair técnicos, por isso que tem o FIC aí do Proeja lá. Então, lá eles vão tá estudando o segundo segmento que é de quinta a oitava série do ensino fundamental, tá ok? Éh... Ítala, por favor! Pode deixar Ítala, o Josué cuida do computador. [aplausos]

63

Prof.ª Ítala: Então, boa noite... éh... na verdade assim, fizemos uma pesquisa na escola na tentativa de aproximar também fazer com a escola essa diálogo que é proposto aqui, né, no Seminário... éh... aproximar mesmo na tentativa de fazer um diálogo com os alunos na escola, saber um pouco mais dessa realidade, do que que eles pensam enquanto formação, o que que eles pensam enquanto Pronatec, como é que eles entendem isso... éh... no cotidiano deles mesmo vivenciando isso lá na escola. Então... éh... no ano de 2013, né, experiência em dez instituições na rede. Nós fizemos aí uma pincelada em algumas escolas e trouxemos alguns dados. Então, vamos lá Márcia. A rede municipal é dividida em regionais. Então, em cada regional nós trouxemos... éh... duas escolas, né, e aí nós temos todas essas escolas com os cursos que são ofertados, né, dentro da questão da profissionalização. Então, tem aí Escola Presidente Vargas, Professor Nadal Sfredo, Jardim Novo Mundo, Pedro Costa, Abrão Rassi, Buena Vista, Joel Marcelino, o Nova Conquista, o Jalles Machado e a Jesuína de Abreu. É lógico que diante de tanta de ser... éh... uma proposta idealizada mais recente muitos problemas a gente tá tá enfrentando, mas nada que não faça também valer a pena a tentativa. Então, desse... éh... dentro dessas escolas nós tivemos aí, quatrocentos e trinta e um educandos (431), né, no turno noturno, é, participando da experiência Proeja-FIC/Pronatec [???] Então, tá!. Então dentro das perguntas que nós fizemos, né, dos questionamentos que nós tivemos lá com os alunos uma preocupação nossa que que que eles estavam sentindo dentro dessa nossa dessa nova organização, né. Então, dos quatrocentos e poucos alunos, trezentos e setenta e oito (378) educandos responderam, né, e aí nós temos um grande percentual dizendo que sim, né, que estavam gostando, trezentos e vinte e nove (329) educandos disseram que sim totalizando um total de oitenta e sete por cento (87%)... éh... oito por cento (8%) disseram que não, e dezenove (19)

que dá um total de cinco por cento (5%) preferiram, éh, não não responder. E aí uma preocupação nossa era saber o que ele estava gostando nessa nova organização, né, as aulas, como é que ele estava vivenciando isso lá, então, cento e oitenta (180) educandos respondem... éh... onze (11) disseram que é bem interessante, né, vinte e nove (29) dos educandos disseram que que eles mais gostavam das aulas compartilhadas, isso pra nós foi uma surpresa, né, porque a aula compartilhada ela envolve que, os dois professores atuando juntos ali e fazendo um trabalho de parceria na sala com os alunos e aí quando a gente achava que o educando ia se surpreender com isso, dizer... éh... eu acho até por conta do que a gente conhece do aluno de EJA e a gente achava que realmente pra ele isso fosse uma dificuldade e eles disseram que não, que tavam gostando, então, pra nós foi uma surpresa porque é vê que na verdade nosso conhecimento a respeito do nosso educando e de uma realidade de escola ela se renova e isso é importante para o aluno também, não é, e aí eles disseram que está aprendendo mais, então, quer dizer, essa possibilidade de uma formação inicial e profissional com a educação num contexto geral, ensino básico, tá sendo realmente vista, é, com bons olhos por esse educando, né, então, quarenta e um (41) disseram que está aprendendo mais e isso tem um uma importância pra nós, não é, as aulas estão melhores, acham que realmente do ponto de vista, é, da organização está bem melhor, né, na verdade vinte (20) disseram que sim, né, e aí quarenta e quatro (44) disseram que isso também é importante porque é uma iniciação profissional. A gente volta a falar das limitações, das dificuldades, mas na visão do educando, isso sim é uma possibilidade inicial de ter um formação. E aí por aí vai né. A nova organização é importante. É mais disciplina, né, mais motivação e, também, o auxílio financeiro porque eles recebem um pequeno auxílio financeiro e, às vezes, por ser pouco, né, a gente pensa pode não ter uma significação, mas tem, é o dinheiro do ônibus, é o dinheiro do lanchinho antes de entrar na aula ou da possibilidade de comprar um material novo, bom... aí é interessante pra eles mas também foi só um que achou que isso fosse interessante, mas na conversa, no diálogo, no cotidiano com os alunos, mesmo aqueles que não responderam, que acharam outras respostas, a gente percebe que pra eles isso também é bem importante. [???] Ah, está gostando das aulas nessa nova organização? Não, dezesseis (16) educandos responderam, né, falta organização, a gente viu que a maioria acha mais interessante, né. Falta foco dos professores e aí a gente passa a pensar o foco realmente esteja justamente na possibilidade de um novo diálogo, né,



DIALOGOS PROEJA – IFG

da escola, seja com a formação, né, do aluno que tá inicial mas aí a gente volta a falar que é uma nova proposta, não é. Os conteúdos diferentes, os professores fracos, né, e está confuso, realmente até nós né que somos formadores, a gente tá meio confuso também com muitas coisas... éh... e aí a gente pergunta, que você mais gosta nas aulas, né? Cento e cinquenta e três educandos responderam. De novo a docência compartilhada aparece ali, né, como uma coisa assim que eles gostam... éh... ficar à toa... isso vai ficar em qualquer lugar, né, gente... éh... só um quer ficar à toa. A objetividade, né, ele acha que a formação trouxe mais objetividade pras aulas, né. Gosta de tudo, esse é dos bons, né, gostam de tudo assim. A interatividade. A paciência dos professores, até porque o processo é novo e há que se ter realmente paciência, né. Éh... a cooperação. A qualificação dos professores. Lembra que eles tão lidando ali com professores de áreas... éh... profissionais que realmente às vezes não conhecem talvez uma questão didática mas que aparece aí como pessoas qualificadas e pra eles isso tem aí uma significação, né. E a iniciação profissional que é o que mais conta... éh... e aí o que você mais gosta nas aulas? Vocês perceberam que a pergunta se repete! Na verdade é porque o gráfico é muito grande, então, a gente colocou lá, ó, dois A (2A) e agora o dois B (2B), certo? Então, o que você mais gosta nas aulas, né? Oitenta e oito (88) educandos responderam que tão... que gostam da explicação sobre os conteúdos e, realmente, eles acham que os conteúdos na área técnica que estão lá pra eles, realmente, são bem importantes e interessantes, né... éh... aula de informática. As escolas que têm aulas de informática, o curso... éh... na verdade, realmente, os alunos gostam muito, né. Estudar, ler e escrever. Quando não passa tarefa de casa. Lembra que nosso aluno é trabalhador, né, às vezes, realmente, não dá pra ele fazer uma tarefa de casa. Gosta das aulas práticas. Do recreio. As aulas comunicativas. Gostam da organização e gostam da hora de ir embora. [risos no auditório] Té eu! A dois C (2C) continuando, né... éh... que você mais gosta. Trinta e sete (37) educandos gostavam de educação física... eu queria saber qual aluno que não gosta da aula de educação física, né! Éh... matemática... éh... português, ciências, história, inglês, arte, aula de desenho e gosta de estar com colegas, né, algo bem sociável ali, tá. O que você mais gosta nas aulas? Quarenta e dois (42) educandos responderam que não gostam de nada, dois por cento (2%), a gente pode até perguntar o que que ele está fazendo lá, né! Éh... tem dificuldade por isso não gosta, acho que isso também é interessante quando a gente vê esse gráfico porque ele também foi discutido com os

professores lá na escola, né, e nessa discussão quando o aluno diz que tem dificuldade por isso não gosta, éh... há que se ter um olhar, né, um olhar do professor sobre essa dificuldade mesmo que o aluno traz e que pode não ser momentânea mas pode ser realmente... éh... de cunho didático, pedagógico, num é! E trinta e sete por cento (37%) não se pronunciou, né. Então, o que você menos gosta, né? Dezesete (17) educandos responderam eu não gosta de nada, falta de educação, o feriado que emendam, isso pra nós realmente é uma dificuldade, né, e fazendo esse esse questionário a gente só... éh... torna verdade aquilo que a gente sabe, que o educando de EJA, realmente, quando emenda o feriado, quando tem um período bem, é, de ausência da escola na vida deles, realmente, eles não gostam e acabam, é, se evadindo e esse é um dado que a gente tem que a gente precisa de ter um olhar bem mais apurado pra ele. Ah... ficar à toa, falta de pesquisa, indiferença dos professores, isso é grave, né, éh, não gosta da coordenadora e não gosta das atividades e não gosta de Arte... tá! E aí, três ainda continuaram, faltar as aulas, mudança de horário, falta do professor do curso, em algumas escolas... éh... os professores da área técnica realmente, é, faltaram, e aí a gente éh acabou lidando com essa dificuldade também. Intrigas entre alunos. História. Usar uniforme. Salas multisseriadas, salas multisseriadas são aquelas salas que envolve alunos de todas as turmas, né, de todos os níveis, da turma da quinta, da sexta, da sétima, da oitava, que essa é uma realidade aí do Pronatec, né. As aulas de ciências e as aulas de informática. Éh... e aí a gente vai pra uma terceira pergunta que é, qual a maior dificuldade que você está tendo nos estudos nessa nova organização? Essa é uma pergunta bem importante pra gente porque a gente tem uma possibilidade de, não de reprogramar, né, mas de pensar realmente, éh, o que a gente objetiva... éh... mas aí a gente tem quarenta e seis por cento (46%) dizendo que não tem dificuldade, né, aí alguns disseram que é inglês... éh... as aulas são pequenas, né, a pouca duração das aulas. Problemas pessoais. A dificuldade em matemática, quem não as tem, não é?! A desorganização da escola. Ler e escrever. O entendimento das explicações, onze (11) alunos responderam que tem dificuldade, né, no entendimento das explicações. Sair tarde da escola, dez e meia. A docência compartilhada apareceu ali como uma dificuldade pra ele... ah... a informática. O professor mau educado, que não ensina e as aulas de de geografia. E aí na B aí a gente tem trinta (30) educandos que responderam esse gráfico, que é a nova organização. Quatro (4) alunos responderam que tem dificuldade com essa nova organização, né. Repetitividade da



DIALOGOS PROEJA – IFG

aula e ciências. Faltar as aulas, dois (2) alunos responderam. Indisciplina dos colegas... éh... dificuldade no curso profissional. Digitar no computador, né, isso a gente sabe, quem é esse aluno, né, são geralmente os alunos mais velhos que tem dificuldade aí de lidar com as tecnologias ou com essas coisas. O cansaço, lembrando que um aluno respondeu, né, cansaço, mas quando a gente vê na escola, realmente, as dificuldades dos alunos, a gente vê que muitos têm dificuldade em função do cansaço, de uma jornada dura de trabalho num terceiro, numa terceira jornada. Éh... História. Eletricidade que é um curso específicos de uma escola, né... éh... em Português, a falta de tempo pra estudar e falta de respeito entre professores e aluno. Éh... quando a gente perguntou a maior dificuldade que ele tá tendo nos estudos, os vinte e três (23) educandos desse gráfico C aí responderam que em todas as matérias. Tem dificuldade em ficar acordado, aí a gente volta pra ideia do cansaço, né, que já vem o aluno cansado mesmo e se as aulas forem aquelas aulas maçantes mais cansativo ainda, mais desatento vão ficando, né, e mais dificuldade vai ter de ficar acordado e e processar realmente aquilo que ele necessita, né... éh... devia ter mais aula de informática... no curso tem de intervalo... oito (8) não responderam e a dificuldade no horário. Quando a gente perguntou pro aluno lá no Pronatec, né, qual a sua opinião sobre dois ou mais professores atuarem juntos em sala? Que é o que a gente chama de docência compartilhada, né! Os trezentos e trinta e cinco alunos que responderam (335), dez (10) procuraram não se manifestar, setenta e sete (77) não gosta e ele não gosta por quê? Porque ele confunde e porque ele não é, não vê um aprofundamento aí dos conteúdos, né, mas duzentos e quarenta e oito (248) disseram que gosta, que há uma integração, que ajuda a entender, que aprofunda, e que aumenta a participação. Realmente, é uma dificuldade mesmo as aulas compartilhadas, é uma dificuldade que a gente ainda tem... éh... de fazer com que o próprio professor da educação básica consiga... éh... perceber a possibilidade dele realizar essa aula em dupla, né, e aí, ainda com o professor da área técnica, talvez ainda a gen(?) cria um dificultador maior, mas é um caminho que a gente tá tentando aí, fazendo desse diálogo porque o diálogo do Proeja entre todos, né, de todos os sujeitos, e nesse diálogo fazer vencer e a gente conseguir realizar, né, uma coisa que realmente faça parte, né, da do cotidiano da escola mas que tenha significado. No cinco um a gente perguntou se há interação dos conteúdos das aulas dos professores da formação profissional com outras disciplinas e aí trezentos e trinta e nove (339) educandos responderam e a maioria

disseram que sim, né, vinte e dois (22) disseram que não entendeu a pergunta, mas cinquenta (50) também procuraram... éh... não não se pronunciarem. Levando em consideração as pessoas da escola como é o tratamento dado a você? A gente queria saber queria sentir do aluno como é que ele é percebido pelas pessoas lá da escola, né, como é que a escola o tratava, como é que a escola o recebe. E aí, vinte e um (21) deles não se pronunciaram, né, às vezes bem, onze (11) alunos disseram, mas a maioria disseram que são bem tratados, né. E aí a gente tem que entender também quando a gente fala da questão do autoritarismo, de ser mal tratado, eu acho que talvez passe pela pelo que é de ser de cada um também, né, pela vida de cada um. Éh... ainda continuando com a mesma pergunta, né, aqui é como ele é tratado pelos funcionários da escola e aí a maioria continuou respondendo que é bem tratado, mas quinze (15) disseram ali que só mais ou menos, e catorze (14) disseram que são mal tratados e aí quando a gente volta esse questionário pra escola a gente quer mesmo que a escola perceba que precisa também... éh... que apesar de duzentos e quarenta e seis (246) dizer que sim a gente também não pode ignorar os outros que responderam que não, né, e que há de se ter também um movimento de transformação nessa perspectiva. Éh... ainda assim, duzentos e trinta e cinco (235) disse que responderam que continua sendo bem tratados, mal tratados vinte e sete (27), não se pronunciaram vinte e oito (28) e mais ou menos vinte e cinco (25). A gente foi perguntar pra eles o que que eles queriam estudar, né, tem um assunto específico, um conteúdo específico? E aí, ainda assim eles procuram não se pronunciar, né. E aí quando quando ele procura não se pronunciar na verdade a gente não entende que tá tudo bem, né, se ele não se pronunciou não significa que tá tudo bem. A gente realmente tem aí o entendimento que precisamos descobrir ainda porque eles não se pronunciaram, né. Onze (11) não entenderam a pergunta... éh... cento e seis (106) disseram que não, que não tinha nada, né, mas aí apareceram algumas coisas interessantes, né... éh... alguns alunos disseram que gostariam de saber... éh... sobre corpo humano, que queria entender mais... éh... especificamente a matemática, ensino religioso, né, a língua espanhola, tá bom Josué, pode passar. E aí continuando, né, danças, ciências, educação sexual, música, não me lembro, não me lembro é ótimo [riso] né gente, química, [?], e aí por aí vai, né. E aí tem algumas coisas engraçadas, por exemplo, eu queria aprender sobre vermes, as relações humanas, métodos contraceptivos, é interessante isso, né, sobre beleza, sobre esporte, sobre políticas... é num é... greve [?], cultura e arte,



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

assunto sobre educação, autodisciplina e respeito, DST, e aí vai, eles vão elencando assim tudo que vem realmente de importante, né, e aí esse gráfico é bem louco, né, todo cheio de pernas. Mas aí a gente entende sim que duzentos e quarenta e nove (249) educandos responderam... éh... que que ele gostaria de um sé... de aprender uma série de coisas, se a gente for olhar aí, é, são coisas práticas da aula normal do currículo normal da escola e coisas bem específicas, por exemplo, instalação de Windows, tem um ali que queria aprender, né, e aí formatação, a fórmula de Báscara(?), meu Deus do céu, e aí vai. Aí continuando ainda... éh... vai aí nessas mesmas éh questões, né. Que tipo de aula você mais gosta? Essa pra mim é uma pergunta bem interessante porque dá pra gente pensar no que que o aluno realmente acha interessante na escola e aí a gente pode abrir uma série de leques e possibilidade de uma nova organização, né. Aulas que utilizam o ambiente informatizado. Eu acho que... éh... no mundo tecnológico que a gente vive hoje não é de... não é nenhum... éh... nenhuma surpresa, né. Aulas que só o professor fala, sessenta e nove (69) alunos, mas aí a maioria... ãh... respondeu que aulas que professores e alunos falam, né. Então, aquela história de cuspir giz também cai por terra porque na verdade o aluno quer dialogar mesmo, né, seja com os sujeitos da... é com os pares, seja com o professor, seja o que for, né, inclusive, com outros recursos, né, que a gente faz diálogo com outros recursos, né, música, teatro, dinâmica de grupo, filme, né, cento e setenta e um (171) alunos disseram isso, então, é legal, é legal a gente pensar numa nova organização da escola a partir de novas didáticas, metodologias, né, e aí por fim a gente pergunta, o Proeja-FIC/Pronatec, que que ele pode possibilitar, né? E aí ele podia marcar mais de uma opção, né, aí para nós ele pensa que é uma possibilidade de... que vai trazer pra ele mais oportunidades, né, e aí eu acho que a escola é sempre um lugar de novas oportunidades, né, seja trazendo uma discussão aí de profissionalização, seja um ensino regular, né, traz também ampliação de sua compreensão de mundo que tá... éh... alicerçada também dentro de novas oportunidades, né, motivação para aprender e uma possibilidade de mudança de vida. Escola, realmente, a professora está ali e ela relatou aqui ontem de uma forma bem bonita que a escola é realmente uma possibilidade de mudança de vida. Se a gente pensa que ela pode ser uma mudança de vida profissional, financeira, mas eu acho que do ponto de vista até das relações, ela já traz assim pra gente uma ideia de que nossa vida realmente, pra além dos conflitos, né, essa coisa de ir pra escola nos traz realmente um pouco de, além do

conhecimento, aconchego, amizade, uma vivência... éh... que só quem vai, né, pode pensar e pode perceber. Então é essa a minha apresentação desses dados pra vocês. Obrigada! [aplausos]

Prof.^a Márcia Melo: Tião, Josué, qual vai ser o encaminhamento? A gente vai continuar? Continuar... ãh?

70

Prof. Josué: Então, pessoal, boa noite... éh... nós vamos agora assistir uma apresentação musical do grupo Diabo a Quatro, né, e... Márcia você pode chamar o Tião, lá, [??] tem alguém aí do grupo, aí em cima?... Bem gente aproveitando aqui enquanto se organiza acho que a gente já pode fazer os agradecimentos, né, Mad'Ana, sei que ainda vai ter ainda... mas como, como de praxe, quando o evento termina a maioria já não se, né, ou ou uma parte, como ontem, o evento foi bastante... éh... os debates foram muito fecundos, né, foram muito instigantes e a gente terminou por volta das dez horas e não foi possível que todos estivessem aqui... a gente sabe que tem as questões relacionadas ao transporte, muita gente tem que sair antes por conta do ônibus que só passa de hora em hora e etc. né. Então a gente, enquanto, éh, os músicos se organizam... enquanto os músicos se organizam, éh, nós gostaríamos de agradecer todos vocês, né, todos os participantes que vieram no Instituto Federal de Goiano, Goiano, né, do Instituto Federal de Goiás, né, ah, o pessoal que ainda tão chegando aí dá... das escolas da secretaria municipal de educação, obrigado pela participação... éh... gostaríamos de agradecer... quais são as escolas?... gostaríamos de agradecer também, éh, a coordenação de música aqui do campus Goiânia, né, pela apresentação, pela colaboração na belíssima apresentação de metais... éh... também ao laboratório de eventos, né, por ter colaborado com este evento, né, inclusive através, éh, dos estagiários, eu acho [??] que estão lá na frente na recepção, né. Éh, nós gostaríamos de agradecer também todos os membros da comissão organizadora, os alunos, os bolsistas, éh, os voluntários, né, o pessoal aqui da UFG, a Bel, Ariadyne, né, e todos dessa desse grupo que estão aqui na filmagem ajudando na elaboração de pôsteres, né, enfim, todo mundo que de algum modo colaborou pra que esse evento ocorresse. Gostaríamos de agradecer também a presença aqui massiva do Proeja, né, do Técnico em Cozinha, dos alunos também, éh, dos Transportes [aplausos], do EJA



DIALOGOS PROEJA – IFG

Técnico em Informática também [aplausos], muito obrigado pela participação de vocês.

Prof.^a Mad'Ana: Eu queria agradecer, não sei se está aqui, professora Marta... professora Marta [???], mas a Marta e a Kênia fizeram... vocês tiveram oportunidade de... ali no... adegas... [??] tem a releitura feita pelos alunos do... da Cozinha, né, da arte de cor(?) né Kênia, foi feito... cadê os artistas? Tá lá, os artistas! [aplausos] [???] professora Marta, acompanhada aí pela professora Kênia, tem os meus alunos do curso de especialização, aí [aplausos] [???] estão aqui discutindo EJA, Proeja, lá conosco. E a gente tá aqui um pouquinho, né, fazendo esses agradecimentos e quebrando um pouco a lógica, que eu acho que a EJA é um pouco isso, né, quebrar os paradigmas, quebrar um pouco a lógica, porque realmente nós estamos esperando convidados ilustres que são os alunos também das escolas do município e a gente quer fazer um grande encontro que vem da Arte, né, então nós estamos enrolando aqui um pouquinho vocês, pra fazer os agradecimentos, enquanto isso, antecipando, enquanto eles cheguem pra gente fazer essa esse evento, éh, artístico. Eu queria dizer também, reforçar aqui, que a as inscrições dos cursos, né, é do Proeja, do Instituto Federal de Goiás, eles vão abrir, a a abertura das inscrições, agora do dia quatro (04) e vai até o dia dois (02) de dezembro, né. Tá, então, acompanhem, por favor, divulguem. Então, todos os cursos ofertados na modalidade de Educação de Jovens e Adultos começam as inscrições pra todos os cursos na segunda-feira, ok!

Prof. Josué: Por acaso o professor Braitne(?) se encontra aqui? Professor Braitne(?), da física, aqui do campus!? (...) Gente pra aproveitar então o tempo aqui nós vamos fazer a abertura da carta, carta do III Seminário do Proeja, né, pra quem não estava aqui no período da tarde, nós, nós encaminhamos, éh, a realização, a elaboração de um documento onde todas as questões que foram levantadas aqui, todas as demandas, os desafios, as experiências, né, aquilo que tem que avançar, né, então todos esses elementos, né, que porventura aqui estão na condição de minuta, né, mas nós combinamos que nós iríamos fazer então uma minuta de uma carta endereçada aos gestores de todas as instituições envolvidas na Educação de Jovens e Adultos, né, ou seja, exatamente, os que estão aqui realizando este evento, as instituições envolvidas, Universidade Federal de Goiás, Instituto Federal Goiano,

Instituto Federal de Goiás e Secretaria Municipal de Educação, então a gente já pode fazer, então, agora, uma votação agora, né, de aprovação ou não, obviamente, do conteúdo desta carta. Depois, nós enviaremos a carta mais sistematizada para os e-mails porque todo mundo que se inscreveu no evento deixou lá o e-mail na ficha. Nós vamos enviar esse esse documento. Vocês vão apreciar esse documento, quem tiver sugestões devolvam pelo mesmo e-mail essas sugestões, tá certo!? E aí a a partir de então nós vamos finalizar esse documento, apreciar essas sugestões, a comissão organizadora do evento vai apreciar, vamos retornar novamente pra vocês o documento definitivo e vamos repassar esse documento para os gestores de todas essas instituições que foram citadas aqui. Pode ser assim?

Prof.^a Mad'Ana: Ficou bem bem, éh, a ideia geral, e depois a gente vai mandar pra vocês... a ideia geral aqui, depois a gente manda pra vocês, vocês acrescentem, enfim, a gente encaminha.

Prof. Josué: Porque a ideia, gente... isso aqui é um movimento, é uma luta, a EJA é uma luta também e a ideia é comprometer todo mundo na Educação de Jovens e Adultos, né... vocês sabem muito bem que a educação, ela... a educação como solução para os problemas está na boca de todo mundo, né, de políticos, né, de diretores, de gestores, etc., nem sempre o discurso ele... né, ele equivale às práticas. Agora, nós, pra quem não esteve aqui nos outros momentos, nós já tivemos nesse evento uma conquista muito grande, né, que foi, duas né Mad'Ana?, que foi a a aprovação aqui pelos próprios gestores que estavam na mesa ontem aqui, né, da criação do Fórum Permanente, éh, de Educação de de Proeja, né, o Fórum de discussão do Proeja que vai ser composto por representante de todos os campus, algo que não era tão fácil pra se fazer de modo... né... exato... inclusive com alunos, né, algo que não era tão fácil de se fazer, sem essa institucionalização por conta da questão de recursos pra convocação e etc. etc. A outra foi a institucionalização desse desse seminário. Nós inclusive tivemos algumas dificuldades na realização desse seminário por conta de que não eram não era até essa edição um evento do calendário institucional, é um evento que foi inclusive bancado em grande parte pela pesquisa CAPES-OBEDUC, né, temos obviamente o apoio de todas as instituições mas não era ainda... eu acho que a gente acaba tendo algumas contingências. Mas vamos ao texto, então: Carta em defesa do Proeja. Os educandos, educadores,

gestores e pesquisadores reunidos no III Seminário Diálogos Proeja, nos dias trinta e um do dez e primeiro do onze, no campus Goiânia do IFG, vem a público manifestar seu apoio incondicional ao Proeja enquanto modalidade de educação básica que integra a educação de jovens e adultos à educação profissional. A partir dos depoimentos dos participantes desse seminário reiteramos a importância de ampliar as ofertas de Proeja Técnico e Proeja-FIC, seja nos Institutos Federais, nas Redes Estaduais e Municipais do Brasil. A partir da avaliação dos desafios enfrentados por todos os sujeitos envolvidos no Proeja, mas sobretudo nos depoimentos que destacam a relevância dessa forma de atendimento de jovens e adultos trabalhadores, enfatizamos: a necessidade da efetivação do direito à educação de qualidade para todos os trabalhadores; o compromisso do Proeja com uma proposta de educação emancipatória e que se pautar pela formação integral dos estudantes; o respeito a realidade dos educandos como princípio para organizar as ofertas de Proeja; a necessidade de formação continuada dos educadores que atuam no Proeja; a organização de matrizes curriculares e projetos pedagógicos que contemplem as especificidades, tempos e trajetórias de formação diferenciadas; a garantia de infraestrutura e de contratação de servidores para viabilizar a oferta dos cursos do Proeja. Declaramos nossa preocupação com as atuais políticas de formação de trabalhadores que retomam práticas de aligeiramento e fragmentação apresentadas como qualificação profissional pela via do Pronatec. É essa a minuta! [aplausos] Alguém gostaria de se manifestar em contrário? (...) Então, aprovada, né, a minuta. A minuta está aprovada, nós vamos encaminhar para os e-mails que foram cadastrados aqui e aí, depois, vocês enviem sugestões. E a gente vai até estabelecer um prazo aqui, né, Mad'Ana, após, cinco dias após chegar aos e-mails, nós vamos entender que se esgotou o prazo pra retomar das sugestões, certo? E até dez dias, após enviar, ah, o e-mail pra vocês com o documento já sistematizado, então nós vamos encaminhar ela aos gestores dessas instituições, beleza?! Obrigado!

Prof.ª Mad'Ana: Então, vamos chamar aqui o grupo de... Diabo a Quatro!

[Apresentação cultural]



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

Diabo a Quatro:

[aplausos]

Boa noite a todos! Agradecer a realização do evento pela oportunidade e como dito nós somos o grupo Diabo a Quatro e vamos tocar um pouco de choro pra vocês hoje. Éh... a primeira música, éh, se chama “Infelizmente”.

[execução da música] [aplausos]

Agora, um dos músicos que é considerado o pai do choro, Pixinguinha, “Abraçando o jacaré”.

[execução da música] [aplausos]

Muito obrigado! Agora uma música autoral, de Anderson Vinícius, nosso cavaquinho, éh, se chama “Vai vem”.

[execução da música] [aplausos]

Agora, mais uma autoral, do grupo, uma música minha, Pedro Jordão, chamada “Cozinhando feijão”. Essa música tem uma história engraçada porque a introdução dela é simulando quando a gente tá cozinhando o feijão. Lembra um pouco a panela de pressão.

[execução da música] [aplausos]

Agora vamos fazer uma homenagem ao maior compositor que já existiu no Brasil... éh... eu fico até um pouco emocionado porque é um cara que eu me inspiro muito e pesquiso muito sobre ele, um tocador de choro número um, Heitor Villa Lobos.

[execução da música] [aplausos]

Muito obrigado! Obrigado a todos! Agora aproveitar para apresentar esse grupo. Na flauta e saxofone, Ozinaldo [aplausos]. Na guitarra e cavaquinho, Anderson Vinícius [aplausos]. Violão de sete cordas, aquele que vos fala, Pedro Jorsão [aplausos]. E o mais novo integrante do grupo, porque entrou hoje no grupo, porque a gente tinha outro percussionista e ele teve alguns problemas pessoais, teve que sair do grupo. A gente convidou Igor Zargola [aplausos]. A gente teve um ensaio com ele pra essa apresentação, então é um cara que pegou muito rápido, tá ajudando muito aqui. Agora, então... agora mais uma do mestre Pixinguinha, “Pantijeiro”(?).

[execução da música] [aplausos]

Obrigado! Agora é uma música que [??] não estar aqui presente, a gente gostaria de dedicar ao nosso professor e coordenador do curso de Artes do Instituto Federal de Goiás, Márcio Araújo Pedro(?), éh, essa música se chama “Saxofone, por que choras?”, de Severino Rangel, Ratinho.

[execução da música]

Obs.: aqui há uma interrupção. A parte inicial da mesa, a seguir, não foi transcrita para este documento pelo fato de não terem sido localizados os vídeos da gravação inicial da mesa. A mesa abaixo trata especificamente de discutir as experiências do Proeja-FIC/Pronatec realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Goiânia em parceria com o IFG.

75

Nutricionista Ariadne: [...] posterior, né. E aí lá houve uma experiência muito grande desse trabalho em equipe, né, dessa interdisciplinaridade, que que a minha disciplina contribui e a transversalidade, como eu sou nutricionista, éh, alimentação se inclui de uma forma muito natural em todas as outras disciplinas, né, além de contribuir pra nossa vivência, então, eu, o que que eu estou fazendo pra melhorar minha saúde? Né! Quais são as dificuldades, os desafios de ter uma alimentação saudável? Essa alimentação saudável ela é possível? Existe uma alimentação real e uma ideal? Como é que seria isso? Então, a gente problematizava realmente todos esses questionamentos. Outro fator muito importante também foi utilizar, éh, alimentação servida aos alunos como uma estratégia, com instrumento pedagógico, né, então isso já é preconizado no Programa Nacional de Alimentação Escolar onde incluiu essa modalidade de ensino desde 2009 na alimentação escolar, que anteriormente não tinha. Então, tinha muito esses questionamentos, “professor, eu não vou jantar mais!” Eu, “como assim não vai jantar?” Será que o problema é o jantar ou a quantidade e o que se janta? Né! Então, e até a questão do cardápio, né, às vezes tinham verduras, “mas verduras!”, sim, porque a alimentação, cardápio ele também tem esse papel educativo, ele também tem esse papel de promover a saúde dos alunos, né, então foi muito interessante tudo o que a gente fazia, né, então esse contato muito próximo com as manipuladoras de alimentos, até porque como o curso é de Auxiliar em Cozinha, também seria... é uma área em potencial pra que esses alunos desenvolvam suas atribuições técnicas nesse local, né, então tinha muito esse respeito, a questão que a gente conversava muito do resto-ingesta(?), tinha desperdício não tinha, quais seriam os cardápios que são mais aceitos e algumas sugestões pros cardápios também. E aí aqui... éh... a gente tra... éh... trazia também a questão da condição higiênico sanitária, né, com atividades mais, éh, educativas alusivas com esse dia a dia, então, assim quem que lav... higieniza as mãos, né, na



DIALOGOS PROEJA – IFG

hora de realizar as refeições, né, por exemplo, o manipulador de alimentos é o principal responsável ou por manter sua condição higiênico sanitário ou fazer com que seja um fator de risco ter o desenvolvimento de várias patologias nas contaminações alimentares, então, a gente fez essa gincana com as alunas que foi bem interessante. Esse dia onde elas simularam com a tina guache como se... elas estavam vendadas pra não saber que era tinta guache pensaram que era detergente líquido, né, tudo bem que depois houve uma discussão, mas enfim, quando descobriram as mãos pintadas, né, e aí a parte da mão que não ficava pintada significava que tinha um déficit de higienização, tinha uma falha nessa parte técnica de higienizar as mãos, então, elas vivenciavam isso, né. Pode passar [se referindo aos slides]. E ainda dentro dessa questão do cardápio, da alimentação escolar, porque foi ministrado duas disciplinas: “Princípios da Nutrição” e “Qualidade e Segurança Alimentar”, ok!? Então os princípios da alimentação mais enfatizando o papel dos nutrientes, a importância dessa alimentação saudável no dia a dia e a outra seria mais garantir que as etapas de pré-preparo, armazenamento, até a distribuição dessa alimentação seguisse a legislação vigente e serviços de alimentação. E aí a gente aplicou como se fosse um check list pra identificar nessa unidade de alimentação e nutrição quais os pontos positivos, quais eram os pontos que deveriam ser melhorados também. Então, tinha aulas práticas, né, dentro dessa unidade de alimentação. Tem uma foto das turmas utilizando é a toca, né, equipamento de proteção individual. Pode passar. E aí, éh... no decorrer do curso não tem como na Educação de Jovens e Adultos ser tudo tão certinho e tão planejado, né, há um pseudo planejamento porque depende como vai se dando essa relação como a gente vai identificando as necessidades dos alunos da turma, né, e aí... éh... em uma dessas necessidades que que a gente verificou que há uma dificuldade de ter... éh... de manifestar realmente o que que seria esta alimentação saudável. Às vezes gente fala alimentação saudável, mas o que que seria de falta o saudável? E aí foi proposto por nós, ainda não tinha sido liberado, né, os gêneros alimentícios pra fazer aula prática, mas fizemos essa aula de sanduíches saudáveis, né, que são... receita trabalhada pelos próprios alunos, onde tinha todos os gêneros alimentícios e eles mesmos montaram esse essa receita desses sanduíches tendo a visão dos princípios da alimentação... [se me dá licença, diz alguém no auditório com voz enfática, mas explica por que ???] tá... então vamos lá... eu posso explicar ao final? Pode ser? Tá! Então, que que acontece, houve essa, o desenvolvimento

dessas receitas, dos sanduíches saudáveis, que são receitas de baixo custo e alto valor nutricional. Aí entra na aula prática montando os sanduíches, né. E aí teve na instituição, de costume, a Mostra Pedagógica, e como o tema era sustentabilidade também foi uma experiência muito importante que envolver todos os professores, né, e foi feito nesse curso de Auxiliar de Cozinha, moofies(?) de banana, né, então foi feito esses minibolinhas com farinha de trigo e a gente deu um valor nutricional a mais da da gastrônoma, né, então foi utilizado a casta de banana na composição da massa e o recheio foi o doce de banana, então, todos os alunos tiveram envolvidos e os próprios alunos prepararam, ne, foi a primeira experiência de aula prática, éh, como forma de... como uma maneira de... experimentar, né, vivenciar uma unidade de alimentação e nutrição sendo uma manipuladora de alimentos. E aí éh como alimentação ela transcende a questão biológica, tem vários significados, né, muitas pesqui... e a experiência, a cultura alimentar, essa identidade alimentar, ela é muito respeitada por todos, então, o modo de fazer e de preparar ele foi socializado e dentro dessa socialização chegaram qual seria a melhor maneira de estar preparando, éh, esse essa recei essa receita que foi o moofy(?) de banana. Aqui foi a aula prática, né! E aí após a preparação, que foi no dia anterior, no outro dia teve essa Mostra Pedagógica envolvendo toda a comunidade do bairro, né, do Jardim do Novo Mundo, e lá as alunas foram apresentar o que seria essa receita saudável, qual seria o objetivo dessa alimentação, a importância de se modificar a alimentação diária com a forma de potencializar a qualidade de vida de todo mundo, que são algumas mudanças simples que vão fazer a diferença, né. Então, lá, elas estavam uniformizadas, né, deram dicas de condições higiênico sanitárias, inclusive de higienizar as mãos com álcool 70%. Ali o... só volta um pouquinho, ali o envolvimento de todos os professores, de todas as disciplinas, então, muitos professores em vários momentos foram dentro da unidade de alimentação e nutrição pra ajudar a desenvolver a receita, então, foi uma experiência muito rica. Aqui a equipe de gestora, né, a Márcia e a Uérica. E, antes de finalizar, éh, só queria assim, igual você falou a questão do Pronatec, né, existem vários burburinhos aí, mas eu acho que claro que existem vários problemas sociais, né, problemas na educação de nosso país, mas essa proposta como Formação Inicial e Continuada ela é muito rica e quem vivencia consegue identificar a importância desse programa, desse projeto na vida de cada aluno e na nossa vida também, né, é claro que pra quando a gente for analisar [a fala é interrompida por alguém no auditório] então quando nós formos

analisar ter uma visão crítica e reflexiva de como foi planejado, quais foram os objetivos, que a secretaria de educação, os institutos se reuniram pra qualificar esses profissionais, pra implementar essa interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, identificar enquanto sujeito enquanto forma... enquanto a formação integral e como cidadão também, tá, só pra fazer um pouco essa reflexão. E aí, deixar aqui uma frase final, né, que eu acho ela muito importante. “Se na verdade não estou no mundo simplesmente a ele me adaptar mas para transformá-lo. Se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar da minha utopia mas participar de práticas com ela coerentes.” E é isso que a gente todo mundo tá aqui pra fazer, né! O nosso desafio, tá, muito obrigada pela oportunidade! [aplausos]

Prof.^a Márcia Melo: Éh... nós vamos passar... obrigado viu Ariadne... um dia eu aprendo, tá, tudo bem, né! Éh, vamos passar então para o professor, éh, Ranieri Fernandes... éh... ele é professor de história graduado pela Universidade Federal, atua na rede municipal de Goiânia, éh, na escola Novo Mundo, e também atua na rede estadual de educação. E aí ele fez uma ressalva pra mim que eu achei importante, que ele atua na Educação de Jovens e Adultos que antigamente nem era a EAJA, né, desde 1996, que a gente chamava ainda de ensino noturno, né, então, o Ranieri tem uma história aí... éh... uma história longa, grande, não só longa mas grande em termo de conteúdo na Educação de Jovens e Adultos até porque não é só como profissional mas como educando também que foi da Educação de Jovens e Adultos. Ranieri também é pesquisador na no observatório OBEDUC e éh pesquisa sobre a experiência éh da secretaria com o IFG e a Universidade Federal através da Faculdade de Educação.

Prof. Ranieri Fernandes: Boa noite, gente! Éh... tem algumas coincidências que eu queria falar antes de começar a falar mesmo o que eu tenho pra dizer... éh... relação... éh... quando eu comecei a trabalhar ensino noturno, né, foi no dia 10 de outubro de 1996, foi numa quinta-feira, na verdade eu cheguei pra trabalhar mas quando fui entrando na sala descobri que minha filha tinha nascido, ela nasceu no mesmo dia que eu entrei no ensino noturno, aí não teve jeito de esquecer. As outras coincidências são sobre as três escolas que permanecem aqui, o [?] também tem uma coincidência. A primeira coincidência é sobre o Abrão Rassi... éh... parece que tá



DIALOGOS PROEJA – IFG

aí, né, o Abrão Rassi, foi alfabetizado, né, éh, fiz lá primeira e segunda série lá do lado [??], então eu tenho uma ligação muito grande com o Abrão Rassi, né, e foi lá também que eu pela primeira vez... éh... fiz uma das minhas oitavas séries [risos no auditório], à noite, o diretor Agostinho, não sei se alguém ainda lembra por aí, né, éh, várias que eu desistir, né, no decorrer da vida como é o caso de vários de vocês também. Éh... no caso do Joel Marcelino, que é outra questão bem interessante, também eu gosto demais dessa escola, acho que o diretor sabe disso sim, sempre falo isso pra ele, que é a primeira escola que eu voltei quando eu voltei a trabalhar com a EJA em 2003, foi a primeira vez que a EJA já chamava EAJA, né, foi a primeira vez que eu entrei numa sala já com essa nomenclatura de EAJA, foi o Joel Marcelino. E, finalmente... [aplausos]... então a escola que dá muita saudade, né, eu acho que todo mundo sabe disso, os professores, eu gostei demais de trabalhar lá, né. Éh... e finalmente, o Novo Mundo, né, que a Escola que a qual eu faço parte, a qual eu trabalho já algum tempo, né, éh, uma escola que eu gosto demais de trabalhar, que eu me identifico muito... nossa! [olhando para o auditório] éh... e que [aplausos] nós tivemos essa... nós tivemos... obrigado... nós tivemos o privilégio, né, de ter a primeira experiência de Proeja-FIC... éh... como o Adão disse... éh... no Brasil, né, do mundo, primeira experiência de Proeja foi com o Novo Mundo em 2009, né, com uma sala apenas começando no mês de outubro, né, com doze (12) alunos, né, aquela quantidade enorme de professores e uma quantidade muito pequena de alunos e não sabia o que fazer. Acho que, quando o Adão aí tava dizendo essa coisa de entrarmos inicialmente compartilhar aulas e tudo mais, várias pessoas se assustam, tal, nós também ficamos muito assustados, né, não sabíamos exatamente o que fazer, entrar numa sala com aquela quantidade de alunos e um monte de professores, a gente ia compartilhar aulas, né, e foi gente aos poucos se adequando, né. Éh, na sala tem algumas, éh éh, características assim diferentes das outras, né... éh... primeiro, ela não ela não ela não tinha EAJA antes, é uma escola de tempo integral de educação infantil e segundo, a experiência em EAJA ali não existia. É uma escola que... éh... já nasceu Proeja, né, e essa é uma característica interessante, né! A outra é que é de ter sido a primeira, né, a primeira da experiência Proeja e do lado da nossa escola ali a menos de um quilômetro tem três escolas que oferecem EAJA, então isso é diferente das outras escolas que a maioria são adolescentes a nossa diferencia-se de todas as outras, olhando as dez escolas da pesquisa, a gente percebeu que a única escola que tem maioria de adultos é a nossa, né, essa



DIALOGOS PROEJA – IFG

tendência é de que a EAJA tá indo cada vez mais adolescentes, a nossa ainda não se configurou, talvez por essa por esse pouco tempo, né! Éh... bem... éh... na verdade assim... uh... como é que surgiu essa... em 2006 pra 2007 quando surgiu o Proeja aqui do... da... do IFG, né... éh... o IFG ofereceu uma uma uma pós-graduação, a especialização... éh... em Proeja, da qual eu participei, e foi dali que, né, algumas algumas meninas da secretaria de educação tiveram, talvez, a ideia de criar o Proeja-FIC, ou seja, ensino fundamental, né, éh... e daí daí então, a partir de então, foi escolhido o Jardim Novo Mundo, né, no Proeja-FIC, ainda o Pronatec, é é essa pedra como diz a professora Margarida, né, a gente vai ralando ela até ficar fininha, tentando... éh... nesse momento era só Proeja-FIC, né, com professores do IFG, professora Juliana que tava aí, né, professora Polyana, aí também e outros que eu não tô conseguindo ver, Fabiana, né, Tarciso, [?] já não tá aqui mais... éh... o que vai acontecer inicialmente é que a gente vai oferecer então o Curso de Alimentação, né, esse curso de alimentação e o maior de todas as... o maior de todos os nossos desafios era tentar entender e ao entender tentar aplicar essa ideia de ensino integrado, né, você tem que tentar romper com as disciplinas isoladas, né, ou seja uma característica de educação que eu tive, que todos os professores tiveram de que romper com aquilo e os alunos também, né, que tá a a escolaridade que eles tinham é dessa coisa das disciplinas isoladas, né, esse foi o nosso primeiro desafio, primeiro problema, né, um problema que a gente teve que, né, vê(?) até ele e tentar sanar, né. Éh... e uma das das tentativas que a gente fez foi justamente essa das aulas compartilhadas, né, eu me lembro muito bem que a gente tinha um sério problema em definir um nome disso, como é que chamava, aula inter, aula [?], aula não sei o que, era um problema sério. Eu me lembro de uma professora que tinha lá, professora de Arte, né, que dizia “Ooolha! Regência compartilhada não é aula integrada, não!” Né! E aquilo dava uma sensação muito horrorosa, pelo menos em mim porque eu pensava “Agente mau tá conseguindo fazer a tal da aula compartilhada e o negócio é mais do que isso!” É mais do que isso, né. Éh... o Adão tinha falado uma questão, né, que... eu vou falar bem rapidinho, que é sobre esse PowerPoint aí que a gente preparou... éh... uma coisa é certa, né, pra que o Proeja funcione, Proeja seja ele FIC ou outro, só... só tem jeito de uma forma... éh... o currículo ele tem que ser construído a partir do aluno e com ele, não tem outra forma, é impossível. Não dá pra o professor chegar já levar o conteúdo pronto de outra escola, né, é impossível. Você só consegue trabalhar com esse aluno se você



DIALOGOS PROEJA – IFG

construir o currículo com ele e ele entender também que tá construindo esse currículo, né. Éh... então assim, a segunda experiência, né, já passando já pra segunda experiência que começou como todas as outras escolas [??] fazendo parte, começou esse ano, né, no início do ano e... humm... uma das coisas, o nosso desafio maior que a gente tinha nesse primeiro momento, das aulas compartilhadas a gente conseguiu avançar muito... éh... 50% pelo menos das aulas da nossa escola são de regência compartilhada. Eu considero isso um avanço enorme, né... éh... quase que já naturalizou o ensino(?), os alunos sabem, os professores reconhecem, né... éh... eu acho que dificilmente recua nessa questão. Então, eu acho que isso é um avanço enorme, a gente aprendeu a trabalhar junto e vai aprender cada vez mais, óbvio, né. Éh... junta dois, junta três professores em sala, às vezes, quatro, éh, né, o aluno estranha, a agora a maioria já se acostumou com isso, né. Éh... aí agora o nosso desafio desse ano foi justamente... éh... tentar criar um currículo que seja significativo e que seja radicalmente com a participação do aluno, ou seja, éh, a ideia é radicalizar nessa questão, né, que o aluno participasse até o fim na construção desse currículo, obviamente a gente vai esbarrar, né, na falta de experiência, professores novos chegaram, professores que não não tinham relação ainda com a rede municipal, professores que também não... não tinham ainda trabalhado com o ensino fundamental, nem com EJA, né, mas a proposta é a a radicalização. A gente iniciou com um... com todas as escolas com um questionário. Questionário do perfil sócio-econômico do aluno, perguntando a idade, de onde ele veio, né, éh, fazendo gráficos, etc., mas eu não sei se se a... eu penso só eu que penso né, mas eu entendo que esses gráficos na verdade eles quase não dizem muita coisa né... éh... se você não problematizá-los, éh, vai dar problema, né, ... éh... ou seja, tabular dados é diferente de sistematizá-los. Essa que é a questão. Então nós começamos. Tabulamos esses dados, inicialmente, e ao tabular esses dados a gente descobriu o que poderia ser perguntado diretamente ao aluno, a idade dele, de onde ele veio, né, mas a gente ainda não descobriu o que realmente ele tava querendo ali. Querendo mesmo. Ele fala o que que você veio fazer aqui? Ele respondia lá rapidamente no questionário, né, e aquilo nos deu uma pista muito pequena e nós tentamos... éh... tabular e sistematizar esses dados. Alguns estão aí, nós colocamos eles em falas, né, fizemos obviamente a a as tabelas e tudo o mais, mas [?] éh começamos a sistematizar falas desses alunos que eles colocaram no questionário. Algumas estão aí. Professor passa alguns, pode passar esse direto, né, são alguns relatos, se tá



DIALOGOS PROEJA – IFG

gostando da aula, tá gostando, tem expectativas, estou sim, aprendi muitas coisas com essas aulas, aprendi muitas coisas, estou feliz de tá estudando, poucas aulas, estão ótimas, notem é grande a expectativa, alguém achou que não, né... éh... e aí vai continuando e algumas falas, os professores estão me ajudando eu não tenho nada a falar dele, né, as aulas são boas e os professores demoram a voltar. Né, a gente tava com esse problema é justamente, inicialmente, pelo reduzido número de aulas compartilhadas. Acho que as aulas compartilhadas elas ajudavam a nós voltarmos mais vezes dentro da sala de aula, né. Continua, por favor. Éh... aí aí a dificuldade... isso tudo, éh, foi fala mas, éh, na verdade foi escritas dos alunos. Eles não falaram isso né, éh, eles escreveram palavras pra gente, né. Éh... dificuldades... aulas de português, dificuldade de escrever, de escrever carta, né... matemática, pareceu... éh... isso aí na verdade a gente enumerou quantas vezes as falas se repetiam, né, pra depois a gente ter uma ideia que fala era significativa mesmo. A gente não apresentou aí o número de vezes porque isso aí nós mostramos pra os alunos, né, ah... e eu acho que não havia a necessidade de colocar quantas vezes a mesma fala parecia, né. Parou de estudar, chega atrasado todos os dias, etc., né, e aí vai passando... né... se os conteúdos são ligados à realidade, né, eles tão dizendo que... alguns dizem que sim, alguns resolveram colocar a disciplina que tinha haver, né... aquela aula que a gente deu [?] apareceu lá, História e Alimentação, não sei se você viu [se dirigindo à professora do seu lado na mesa]... éh... Direitos e Deveres dos Trabalhadores, aprende a mexer no computador, eles adoram e tudo o mais, Ciências, o ensino das vitaminas e etc. a a as pistas começaram a surgir, mas são poucas pistas ainda, né, a coisa ainda tá meio nebulosa, tá meio cheia de fumaça, né. Sobre as aulas compartilhadas a imensa maioria disse que o negócio é bom, eles gostam muito, né. Não gostam ou não ou eu acho que tô errado? [se dirigindo aos alunos presentes no auditório] Os alunos disseram que sim, disseram que gostaram muito das aulas, gostam muito da... boa parte diz que prefere as aulas compartilhadas, e obviamente, novamente apareceu contradições, né, não tô entendendo nada, o professor vem fala o outro fala, não sei o que que tá querendo falar, não sei qual matéria que eu tenho que preencher as tarefas, etc., né, enfim, passa mais um pouquinho. Vou fazer bem rapidão, né. Éh... aí falou, cada horário vem um, as aulas são mais produtivas, não é ruim, e outro diz, tanto faz, né. Então, mas na verdade isso aí a gente colocou no gráfico, quase 90% disse que prefere as aulas compartilhadas. Preferir, não, eu prefiro aula com dois ou mais professores,



DIALOGOS PROEJA – IFG

né. As aulas individuais, né, teve essa pergunta, né. Éh... isso nos confundiu um pouco, né, porque não houve a comparação das aulas. No primeiro momento a gente achou que tinha que comparar depois achou que não, que as duas vão existir de qualquer forma, né, então pra quê comparar. Éh... são ótimas, gosto, né, aquela coisa toda e... pode passar direto já, né, praticamente aí fala sobre questões da escola, né, sujeira, limpeza, piso feio né, acho que toda escola passa por isso aí. Sobre o jantar, o jantar é bom, falta pimenta, essas coisas todas [risos no auditório]. Sobre o jantar comunitário que a gente tinha a prática de fazer na escola, trazer família, essas coisas todas, os alunos disseram que isso é legal, que eles gostam, né. Se eles são bem tratados e tudo o mais, também né... éh... alguns conteúdos que eles gostariam de rever, de ver novamente ou vez pela primeira vez, né, mais filmes, drogas, educação física, não teve nenhuma que agradou, né, tem de tudo aí. Éh... sobre as questões ligadas a comunidade, né, a escola a a comunidade é legal... o Jardim Novo Mundo tem muito... éh... tem muita... tem praça, tem algumas coisas, ou seja, é um setor já bem antigo então tem... éh... oferecido alguns, né, éh, algumas, né, algumas algumas coisas que o governo oferece aí mas eles ainda... né... eu vou falar essa mas eu vou falar outra, mas tá bom, políticas pra pra o pra o bairro. Eles falam da falta de segurança, né, etc., o do CAIS, o CAIS é problemático, inclusive a professora uma vez trabalhou sobre isso aí, o CAIS, né, mas enfim, éh... vai passando isso aí não vou falar sobre isso não, vou terminar aqui já. Éh... porque isso aí já tá respondido, se alguém depois quiser tal acho que não tem problema se alguém querer pegar pra olhar, ver, levar pra casa... né, mas enfim... éh, isso aí nos deu pistas mas também não foi suficiente, é pouco pra você criar um currículo, né, se a gente quer radicalizar no negócio, o aluno tem que falar, só escrever né, com vergonha, com dificuldade não dá. Então a gente radicalizou e resolveu oferecer esses essas lâminas pra eles. Paramos um dia. Gravamos tudo. Colocamos todos os professores numa plenária. Todos alunos e professores numa plenária. Criamos uma assembleia e resolvemos mostrar isso pra o aluno e eles dizerem o que que eles querem dizer com isso. Frase por frase. Uma por uma. Dar o microfone pra ele fazer e ele que se vire e fale. Né, no começo uns são mais falantes outros menos, mas aí foram surgindo mais pistas, muitas muitas pistas. Os alunos foram tentando explicar que significava determinadas frases que ele tava dizendo. Ah! Eu gosto mais disso por causa disso! Isso, eu quero aprender tal coisa. Então, foram surgindo novas novas pistas e agora surgiu o desafio maior de todos, né, que é organizar o currículo.



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

Aí moçada, a gente tá tentando, né. É história pra outro por do sol, né. E só pra encerrar aí, eu tô querendo dizer... e a gente ainda tá tentando montar um currículo significativo, é a parte mais... com a ajuda da Márcia, né, a Márcia é nossa, éh, formadora, né, a gente [?] éh, eu queria encerrar com isso, né. É porque o auditório tá se esvaziando e... o Proeja ele funciona ou não, né? É a primeira vez... éh... no início, a outra turma ela tinha muita ligação com o IFG, a gente visitava muito o IFG, os alunos usaram equipamentos do IFG, e tudo o mais, e acabou os alunos criando uma certa ligação com aqui, né. Éh... um incentivo pra vir estudar aqui foi muito grande, a gente colocou muito isso na cabeça deles que eles... esse é um lugar que tem que ser ocupado, tá aqui, a gente tem que ocupar, chega de IFG pra... feito pra trabalhador onde o trabalhador não entra né, no máximo quem entra é o gerente, né, esse lupi(?)... éh... então, o que acontece é que dos nossos trinta e quase quarenta alunos que formaram da primeira vez, ah... a maioria tá estudando aqui, a maioria... alguns estão até presentes, ali, as meninas estão ali, né, o Arthur, né, Ana, tudo mais lá, eu vi [?] lá no fundão, eu vi a Sandra, tem mais, é que foram embora, né, outros tão lá fora, mas assim a gente fica muito orgulhoso de saber que esses alunos tem que ocupar esse espaço aqui e eles estão ocupando. Já passaram do primeiro período e eu tenho certeza que vão chegar até ao fim, né. Isso deixa a gente orgulhoso demais, éh, inclusive emocionado, né, porque cada história daquela ontem que nós escutamos, da Roxane, de outras de outros alunos, e foram várias, como ela mesma disse, né, essa não é a minha história, essa é a história de um monte de gente que está aqui, né. Então, a história da Roxane. Acho que não teve ninguém nessa sala que não tenha se emocionado. Todo mundo chorou aqui e eu chorei... éh... ela se repete na história de cada uma das meninas aí e dos meninos, do menino, né, que eu só tô vendo um agora que é o Arthur. Éh... isso deixa a gente muito orgulhoso. Isso é a prova de que... éh... o... o Proeja ele no mínimo ele oferece a oportunidade de você ocupar espaços. Eu acho que é isso. A questão é essa. De ocupar espaços que foram feitos pra nós e que historicamente eles estão fechados. A primeira vez que essas meninas vieram aqui, elas não tinham coragem de entrar porque achavam que esse lugar não era lugar para elas porem o pé. Hoje é delas. Elas entram, saem, porque sabem que isso é feito pra elas. [???] pra elas porque elas são maioria agora, tá, Arthur. E é isso tá gente. Obrigado vocês. Boa noite! [aplausos]



DIALOGOS PROEJA – IFG

Prof.^a Márcia Melo: Bom, como diz Margarida e Mad'Ana, nós estamos aqui para dialogar, né, éh, o microfone está aberto pra alguma... um posicionamento, um encaminhamento ou questionamento pra mesa, né, se alguém... companheiro Glauter!

85

Prof. Glauter: Pessoal, boa noite! Pessoal do Abrão Rassi tá aí ainda? Oi, pessoal, boa noite! Então, nem precisa falar muito onde eu trabalho. eu sou professor na rede municipal... éh... pela manhã. Coordenador à tarde e orientador escolar lá no Abrão Rassi à noite. Estou com essa galera lá desde quando iniciou com as dez, todas as dez escolas no no início desse ano. E, desde ontem, e minha fala é só pra acertar isso, eu senti um peso dentro da palavra Pronatec e, por sentir esse peso eu me senti pesado também, me senti no direito de vir aqui falar alguma coisa sobre. Porque embora com todos os empecilhos, éh, os problemas que nós estamos enfrentando, que já enfrentamos... ontem foi falado sobre a escola, a dificuldade que a gente teve que foi pontual, que foi sobre a falta do laboratório, uma escola que optou por um curso de... que necessitava de computadores e não tinha essa estrutura pra atender a necessidade. Nós tentamos de todas as formas conseguir deslocamento, laboratório, espaço e tal, e foi falado aqui que tinha conseguido, ainda não conseguimos laboratório. Nós estamos com deslocamento desse aluno, mas tá acontecendo. Aí eu digo graças a Deus. Mas... éh... eu não gostaria que o Pronatec ficasse com esse peso. Que o Pronatec, ele, éh, estivesse junto com com o Proeja, FIC, junto com o IFG, mas não tivesse o peso de dizer assim “Olha, ele chegou pra acabar com o que já tem!” Eu acho que ele não chegou pra acabar. Ele chegou pra contribuir pra aumentar. Continua sendo o mesmo tipo de ensino, educação, os mesmos professores. O mesmo tipo de intuito. Aqui que eu acredito é de trazer pros alunos os conhecimento. De dar oportunidade aqueles que não tiveram quando em sua época correta, éh, ter um ensino com qualidade, um técnico que vai introduzi-lo no mercado de trabalho, vai dar uma condição melhor, diferente daquele daquela condição que ele teria caso não tivesse aqui. Não estou contente. Não estou contente de tudo por estar no programa, porque ele ainda não atende todas as minhas expectativas, mas eu acredito que essas expectativas sou eu que busco junto com os que estão ali. Então, eu peço a contribuição... meus colegas de trabalho, adoro o pessoal do Abrão Rassi, não sou de lá, éh, como secretaria de educação, mas me sinto parte daquela escola. Uma experiência muito boa. Já saí de

lá Márcia uma vez chorando porque eu ia desistir e voltei porque eu não dei conta de ficar sem trabalhar com aquele pessoal e, hoje, eu já me sinto parte da daquela escola, tá. [aplausos]

Prof.^a Márcia Melo: Éh... Josué!... Assim, tá. Eu só queria, éh, ressaltar aqui que a Universidade Federal de Goiás, a Universidade do Espírito Santo, e a UnB, né, Universidade de Brasília, elas, éh, fazem parte do OBEDUC que é o Observatório de Educação da CAPES, éh, com a pesquisa “Desafios da educação de jovens e adultos integrada à educação profissional, éh, identidade dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes mídias virtuais.” E essa pe... e essa [??] o nome da pesquisa geral, o qual é tem várias subpesquisas dentro dela e a qual das dez escolas tem um representante, éh, um professor pesquisador fazendo parte dessa pesquisa. Éh... o Ranieri tá me falando, ele faz parte, tem mais algumas outras pessoas aí, aqui na plateia também.

Aluna (não identificada): Boa noite! Eu sou aluna do 2º período do Proeja Informática aqui do Instituto. Nosso curso é novo, começou esse ano, e no 1º período a gente teve algumas dificuldades... éh... o professor... a gente não teve aula realmente de português, nem matemática e eu creio que por isso a gente ficou bastante prejudicado. Tem “n’s” pessoas tanto no curso de Informática, quanto Cozinha e quanto Transporte e inúmeras histórias aqui. Só que, éh, a maioria das pessoas que estão fazendo Proeja aqui no Instituto realmente são mais velhas. Eu tenho alunos que na minha sala que tem até quinze (15) anos sem estudar. Eu pelo menos fiquei quatro (4). E a gente, a gente tá aqui realmente pra aprender, e a gente quer sair daqui não só com o diploma na mão, mas com a capacidade de você chegar numa empresa ter orgulho de você saber que a pessoa pode confiar em você, que você tá exercitando aquela [?] determinada função e que você foi capacitado, que você sabe fazer aquilo. Éh... embora a gente na aula, assim, já teve muitos professores que realmente não reconhece a nossa dificuldade tanto pela questão do tempo que a gente tá sem estudar e já, eu não vou citar nomes, lógico, mas teve professore que já chegou pra gente e falou assim, “Nossa, mas essa matéria é fácil!” e tal, e gente não corrigia(?)... oitava, sétima série, mas assim, quantos alunos aqui na nossa turma que há muito tempo já fizeram a sétima e oitava série e que às vezes nem lembra. Tive casos ontem que eu ouvi de o professor chegar na sala em vê que nem

sabia nem saber o que fazer, nem o professor nem os alunos. O que despreza o curso é realmente sair daqui formado, sair capacitado, com o poder de chegar lá fora, poder de exercer uma função boa. Eu sei que muitos aqui estão buscando isso ou algo mais, cada um tem seu seu sua opinião própria de do que tá buscando aqui e, todo mundo que tá aqui é porque tem certeza do que quer. Nossa turma começou com trinta (30) alunos, hoje, somente está com vinte (20), infelizmente, eu queria que muitos alunos que tivesse ainda estaria aqui, só que por motivos particulares eles não estão aqui ainda e eu queria que o Proeja, nosso, independentemente de ele ser um curso novo aqui no Instituto, eu queria que ele fosse reconhecido mais, que os professores realmente tivessem mais paciência com nós alunos, não só nós como Informática, [?] Cozinha e Transporte também enfrenta esse problema e, o Instituto em si é bom, ele é ótimo, não tenho nada a reclamar, a gente recebe o auxílio, a gente recebe a bolsa do Proeja, que ajuda a gente bastante. É isso. Obrigada!

Prof. Josué: Os meninos da Informática estavam inquietos porque... éh... eles gostariam de expressar essa insatisfação em relação ao que está acontecendo, só que como eles estudam à noite e a discussão do Proeja foi de dia. Eu falei, “então, se inscrevam e falem.” E, me parece que que procede, né, e a gente... claro que o curso não está consolidado diferentemente do curso Proeja Técnico em Cozinha que também enfrenta lá as suas dificuldades, mas eu acho que a gente tem que debater, tem que dialogar, tem que encontrar saída sim pra essa situação. A gente vai tá nessa luta aí pra tentar, éh, melhorar, pra tentar qualificar esse curso de vocês. Éh... eu gostaria de fazer uma fala bem rápida em relação a fala do professor que antecedeu... Glauter. Então, Glauter, eu até uma vez falei num encontro que a gente teve numa escola municipal no Buena Vista... éh... falei que [“eu trabalho lá também”, afirma Glauter da plateia] Deus criou o Proeja... como? [“eu trabalho lá também”]... ah, tá... não sei se você tava na ocasião, pois é, eu falei lá, Deus criou o Proeja e o Diabo criou o Pronatec, né, uma fala que talvez as pessoas não tenham entendido. Nós não estávamos falando naquele momento do Proeja-FIC. O Proeja-FIC, aliás, ele tem todas as virtudes do Proeja e o único defeito dele é ser do Pronatec, pela natureza que é a política do Pronatec. Então, o Pronatec é uma política totalmente diferente, uma política apartada do significado do que venha a ser o Proeja. Na verdade, éh, o Pronatec ele foi... o Proeja-FIC ele foi viabilizado por uma verba do Pronatec, mas o propósito original da política do Pronatec não era fazer um Proeja-

FIC. Isso foi decorrente de uma luta, da parceria, de muito trabalho que tá sendo... mas a natureza do Proe... do Pronatec, éh, na sua na sua gênese, ele é educação aligeirada de cento e sessenta (160) horas. É algo que já vinha acontecendo com outros nomes nos governos anteriores, né, desde lá do Fernando Henrique, como por exemplo o tal do PLANFOR, que era quarenta (40) horas de formação estreita, né, de formação aligeirada, éh, que na verdade não não vai resolver a situação do trabalhador. Isso ficou muito claro na fala da Roxane aqui ontem, né. Então, só pra pra dividir pra gente dividir as coisas pra de repente não... éh... Proeja-FIC/Pronatec, infelizmente tem que aparecer o nome Pronatec porque é ele que tá financiando, né, mas a pro... há uma discussão muito grande no Brasil inteiro dentro do movimento dos trabalhadores da educação que entendem que o Pronatec é uma política muito perversa nos vários sentidos, ela precariza a qualidade, ela precariza a formação do trabalhador, na medida em que ela não teve muitas possibilidades, como eu falei, essas possibilidades do Proeja-FIC elas foram cavadas, foram cavadas aqui, estão sendo ainda... éh... buscadas, essa possibilidade de uma formação mais efetiva, mas o Pronatec é uma outra coisa que ele traz essa essa formação aligeirada, isso do ponto de vista do trabalhador, do sujeito dessa educação, agora do ponto de vista do trabalhador da educação a coisa também é ruim, é ruim porque ela traz, éh, a precarização das condições de trabalho. O Proeja ele ele desrespeita, é o governo desrespeitando a própria legislação do trabalho. Observem só, né, o próprio professor que trabalha aqui no Pronatec no IFG, seja ele do IFG ou não, ele trabalha na condição de bolsista, não é? Horista, né, horista, bolsista e me parece que não tem direito trabalhista nenhum. Ele quebra inclusive a lógica da dedicação exclusiva dos nossos professores da rede federal. Pra você dar aula, éh, no Pronatec, você não pode pedir redução na sua carga horária e aí você acaba recebendo um a mais por isso e aí fica, acaba ficando dependente desse valor. Isso, obviamente, é ainda mais cruel praquelas pessoas que se quer tem um contrato, né, de trabalho fixo como nós aqui temos, como os professores da rede municipal e outros tantos têm. Então, é nesse sentido companheiro que a gente fala do Pronatec. É uma discussão, é um debate muito forte que existe hoje, né, há um consenso muito grande de todo mundo que pensa a educação, inclusive, o Pronatec não é não é a possibilidade de formação. É, por isso, que inclusive a gente colocou isso na nossa carta aqui que foi aprovada, é por isso que a Roxane já falava isso na na fala dela ontem. Então, é

claro que a gente não vai poder aprofundar esse debate porque tá passado da hora, mas era só pra trazer [?]. [aplausos]

Prof.^a Márcia Melo: Companheiro [?]. Mais alguém? Glauter, essa... essa discussão do do Proeja... o que que é o Proeja-FIC barra, a gente faz questão de falar isso, Pronatec, né, é eu lembro muito bem uma vez que a Margarida definiu, “Olha! O que que é o Proeja-FIC/Pronatec? É o Proeja-FIC com toda a sua concepção de formação inicial, de formação continuada, né, de qualificação, utilizando dinheiro do Pronatec pra desenvolver isso.” Tá, então, a a a concepção do Proeja-FIC/Pronatec é nesse sentido. E aí a gente tá cavando mesmo espaços pra que, éh, o governo federal entenda que pra os nossos educandos não adianta ele dar um curso solto, sozinho lá, é é em qualquer instituição, pra que ele vá lá e faça o curso. É tanto que esses cursos que não não não tá vinculada a escolarização tem uma evasão de... absurda! Né, absurda assim... é é... começa quarenta (40) pessoas inscritas... é é é vai dez (10) pessoas, né, então o que a gente quer é que ele se qualifique, tenha uma qualificação profissional, mas fundamentalmente ele tenha elevação da escolarização, e o Pronatec não vê isso, o Pronatec só vê essa qualificação rasa, curta, aligeirada e não a escolarização, tá bom! Então, por isso que a gente aqui, éh, bem que faz mesmo esse movimento que não é só em Goiânia, em Goiás, mas no Brasil inteiro, de que o Pronatec não atende a Educação de Jovens e Adultos, não atende os nossos sujeitos, com todas as suas especificidades, com todas as suas questões, é é existentes na Educação de Jovens e Adultos. Por isso que a gente é é se posiciona... éh... contra esse esse programa do governo federal, tá bom! Não sei se ajudou também a pensar um pouco. Mais alguém quer fazer um questionamento? Alguma questão, levantamento. Éh... Mad’Ana, você quer finalizar, Josué... A gente agradece muito... eu gostaria de agradecer muito em nome da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Goiânia... éh... primeiro por pelo IFG e pela Universidade apostarem na secretaria, né. Não é a primeira parceria. A Universidade a gente é parceiro aí há algumas décadas, né, e com o IFG esse já não é mais um namoro, já é um casamento, né, Mad’Ana... éh... a gente já vem aí pra essa segunda etapa e que tem sido uma parceria extremamente significativa pra rede municipal de educação, pros nossos professores e, principalmente, pros nossos educandos. Então, a gente queria de público agradecer essa parceria, esse empenho do IFG e da Universidade, em especial, no nome da Mad’Ana, né, é que sempre foi guerreira

aí, Mad'Ana, Jaqueline, que hoje não tá aqui mas que sempre foi uma guerreira dessa luta, dessa parceria e... éh... também a Margarida, né, e a Maria Emília, éh, pela Universidade que sempre tão a a nossa disposição, né, são são parceiras, guerreiras e parceiras da Educação de Jovens e Adultos. Então, o nosso muito obrigado. E, aí Josué, Mad'Ana. [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: Estamos finalizando aqui... éh... eu acho que quando a gente fala da defesa, né, da EJA, da EAJA, do Proeja, na verdade... éh... nós estamos na defesa de assegurar a efetiva a efetivação, né, a concretização de um direito, que é o direito da educação. E aí apesar de muitas falas dos alunos aqui... éh... agradecendo por estarem aqui, agradecendo a Instituição, agradecendo o espaço. Acho que a gente tem que começar a inverter esse discurso e essa prática e dizer o seguinte: é o Instituto Federal de Goiás que agradece a presença desses estudantes da Educação de Jovens e Adultos aqui dentro. Eles não sabem, tomara que comecem a perceber a importância estratégica que é ter a Educação de Jovens e Adultos numa Instituição que por muito tempo foi extremamente elitizada, que se definiu pela assunção de uma classe, a classe média pra estar aqui, e o que a gente tá dizendo é que esse espaço é nosso, esse espaço é de qualquer um que é cidadão brasileiro. Isso aqui não é assistencialismo. Isso daqui não é... ah! Não tenho... quero uma ideologia pra viver... não é nada disso. É porque o seguinte, se o meu outro não tem o direito ou eu tenho mais direito do que o outro... não dá pra ser feliz sozinho como diria o poeta, né. Então, na verdade, o que a gente faz aqui é o seguinte, efetivação do direito. Vamos ocupar o espaço porque qualquer... eu até brinco, né, ali tem um pessoal que dormia, né, o pessoal ficava um pouco incomodado aqui atrás do Instituto... então, vamos trazés eles pra dentro, vamos deixar eles dormir aqui dentro da Instituição, que é direito deles também tá aqui. Então, muito obrigado pelos estudantes da EJA que estão aqui, muito obrigado por todos os estudantes que estão aqui, muito obrigado pelos educadores que estão aqui conosco, de todas as partes, aos gestores, esse é só, esse é só o terceiro Diálogos. Muitos virão, muitas outras coisas vão vir, porque definitivamente a EJA está aqui, conquistou o espaço e é, como diria, né, é ocupar, resistir e produzir, né, muito obrigada! [aplausos]



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

Prof. Josué: Gente, pela avançada a hora não tem mais nem o que falar, né. Acho que é só agradecer mesmo e desejar a todos uma boa noite e tá encerrado o evento. Ah! O lanchinho lá, ali ao lado. Obrigado mesmo gente!



ANEXOS





DIÁLOGOS PROEJA – IFG

ANEXO A - CARTAZ DO EVENTO



DIÁLOGOS PROEJA – IFG

Formação continuada de Educadores

Design by:  www.livresart.br

93

Data: 31 de outubro e 01 de novembro de 2013

Local: Teatro do IFG – Câmpus Goiânia-GO

*“A expansão do Proeja:
em busca de uma escola pública,
inclusiva e de qualidade”*

REALIZAÇÃO:



ANEXO B - PROJETO DOS DIÁLOGOS

Pesquisa CAPES-Observatório da Educação (OBEDUC)

UFG/IFG/IFGOIANO

DIÁLOGOS PROEJA - IFG

“A expansão do Proeja: em busca de uma escola pública, inclusiva e de qualidade”

1 - Justificativa

O Encontro Diálogos Proeja realizado em 2008 e 2010, retorna agora em 2013. No atual contexto, cuja tônica é a implementação da expansão d rede federal, constata-se o aumento do número de cursos ofertados na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no IFG e a adequação de alguns às especificidades locais, aos eixos tecnológicos de cada câmpus e aos sujeitos desta modalidade de educação. Assim, diante desta realidade, que retoma e apresenta novos desafios, o núcleo de pesquisa do IFG vinculado à CAPES/OBEDUC/UFG/IFG/IFGOIANO ressalta a necessidade de retomado do referido encontro como forma de dar prosseguimento às discussões acerca do Proeja no IFG, dando ênfase às questões relativas às práticas pedagógicas na EJA e Proeja.

2 - Objetivo geral

Promover o diálogo entre educadores (as) discentes, gestores (as), pesquisadores (as) e militantes da educação de jovens e adultos integrada à educação profissional, tendo em vista a troca de experiências, o debate político sobre a expansão da oferta e os desafios cotidianos de alunos e professores dessa modalidade de educação.

3 - Público alvo

Alunos e professores do câmpus Goiânia e dos câmpus do interior, alunos e professores do IF Goiano, Fórum Goiano de Eja, alunos e professores doProeja/Fic-Pronatec, membros da Pesquisa Capes –Obeduc, estagiários e discentes do Pibid IFG (Ceja), Professores e Gestores do Colégio Dom Abel e Amâncio Seixo de Brito (a critério). As vagas serão distribuídas da seguinte forma:

Alunos e professores do Câmpus Goiânia (Proeja) – 40 professores e 330 alunos
Alunos e professores do IFGoiano –5 professores, 1 gestor e 2 alunos por câmpus – total: 33
Fórum Goiano de EJA – 5 pessoas
Membros da pesquisa – 30 pessoas
Estagiários e discentes do PIBID/IFG – 25 pessoas
Escola Dom Abel – 3 professores e 2 alunos – total: 5 pessoas
Escola Amâncio Seixo de Brito – 3 professores e 2 alunos – total: 5 pessoas
TOTAL GERAL: 473 pessoas

Nós teremos um público flutuante: todos os alunos do Proeja do câmpus Goiânia e alunos da EAJA e alunos das licenciaturas, por isto este quantitativo.

4 - Data de realização

31 de outubro e 1º de novembro de 2013

5 – Local

Teatro do IFG – Câmpus Goiânia

6- Período

Vespertino e noturno

95

7 - Comissão Organizadora

Josué (Coordenação), Mad'Ana, Sebastião, Bruno, Adrielle, Natália, Lauriana e Amanda– Estagiária do Laboratório de História - CCHF-IFG

8 – Programação

Horário	31/10-Atividades	1º/11-Atividades
Vespertino – 14:30 h às 18 h	Apresentação da Banda Sinfônica – IFG Coordenação: Natália Pessoni Mesa Redonda: Práticas Pedagógicas na EJA Prof.ª Dr.ª Maria Emília Castro, + um convidado + 1 aluno Video Estágio III Intervalo para lanche – a combinar com os participantes	Apresentação cultural: Tião e Adrielly Coordenação: Lauriana Mesa Redonda: Relato de Experiências Prof.ª Kênia + Professores do Proeja do IFG) Vídeo Estágio II Intervalo para lanche – a combinar com os participantes
Noturno – 19 h às 21:30 h	Apresentação Coral do IFG Palestra/Tema: “A expansão do Proeja: em busca de uma escola pública, inclusiva e de qualidade” Coordenação: Bruno Prof.ª Dr.ª Maria Margarida Machado	Alunos da Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito (EAJA) Coordenação: Adrielly Mesa Redonda: Experiências Proeja/Fic- Pronatec Prof.º Sebastião, Prof.ª Claudia Borges, Raniere, Gláucio + 1 aluno
Durante todo o período	Exposição de Pôsteres	

9 – Pôsteres

Para os participantes da Pesquisa Capes Obeduc/Núcleo IFG será obrigatório exposição de pôsteres contendo dados do perfil dos sujeitos da EJA, EAJA, PROEJA que estão sendo pesquisados pelo Núcleo IFG.

10 - Logística

- Reserva espaços: Teatro (**OK, Mad'Ana**), Som do Teatro, Data Show e computador no Teatro (**Bruno**)





DIALOGOS PROEJA – IFG

-Arrumar enfeites para o Teatro. **Mad´Ana.**

- Material gráfico(Cartazes, faixas, folders, declarações, pastas, crachás) e mídia eletrônica (em especial: IFG e Fórum). **Arte Natália, Josué.**

- Lanches e certificados – **Mad´Ana.**

- Conversar com os Diretores Gerais para viabilizarem a vinda dos professores dos câmpus do interior (IFG). Conversar com o Adelino – **Tião e Josué.**

- Conversar com a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia – **Mad´Ana OK**

- Pessoal de apoio/ Laboratório de Eventos – Mestre de Cerimônia, Auxiliar para lanche, auxiliar para teatro. **Adrielly e Lauriana.**

- Convidados para os relatos – **Josué.**